



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA-MS

Fabricia Cristina Fernandes

**DESIGUALDADE SOCIAL E SUCESSO ESCOLAR: TRAJETÓRIAS DE
EGRESSOS DA EJA QUE INGRESSARAM NO ENSINO SUPERIOR**

Paranaíba – MS

2024

Fabricia Cristina Fernandes

**DESIGUALDADE SOCIAL E SUCESSO ESCOLAR: TRAJETÓRIAS DE
EGRESSOS DA EJA QUE INGRESSARAM NO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio de Souza

Paranaíba - MS

2024

F399d Fernandes, Fabricia Cristina

Desigualdade social e escolar: trajetórias e perspectivas de egressos da EJA que ingressaram no ensino superior/ Fabricia Cristina Fernandes. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2024.

121 p.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.

Orientador: Prof. Dr José Antonio de Souza.

1. EJA 2. Ensino Superior 3. Desigualdade educacional 4. Egressos I.
Souza, José Antônio. II. Título

CDD 23. ed. - 378

FABRICIA CRISTINA FERNANDES

**DESIGUALDADE SOCIAL E SUCESSO ESCOLAR: TRAJETÓRIAS E
PERSPECTIVAS DE EGRESSOS DE EJA QUE INGRESSAM NO ENSINO
SUPERIOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovado em 28/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Participação por videoconferência

Prof. Dr. José Antonio de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Orientador

Participação por videoconferência

Profa. Dra. Silvane Aparecida de Freitas
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Participação por videoconferência

Prof. Dr. Marcio de Oliveira
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Transportas contigo o teu pequeno casulo de interesses. E, no entanto, tens os olhos claros e és alegre. O teu riso é como um foguete de cores. Como tu, não vi rir ninguém. Estou diante de ti, e não entendo. Sou da tua carne e do teu sangue, mas não entendo. Vieste a este mundo e não curaste de saber o que é o mundo. Chegas ao fim da vida, e o mundo ainda é, para ti, o que era quando nasceste: uma interrogação, um mistério inacessível, uma coisa que não faz parte da tua herança: quinhentas palavras, um quintal a que em cinco minutos se dá a volta, uma casa de telha-vã e chão de barro. Aperto a tua mão calosa, passo a minha mão pela tua face enrugada e pelos teus cabelos brancos, partidos pelo peso dos carregos — e continuo a não entender. Foste bela, dizes, e bem vejo que és inteligente. Por que foi então que te roubaram o mundo? Quem to roubou? Mas disto talvez entenda eu, e dir-te-ia o como, o porquê e o quando se soubesse escolher das minhas inumeráveis palavras as que tu pudesses compreender.

José Saramago

AGRADECIMENTOS

Aos participantes diretos desta pesquisa, os egressos da EJA nos cursos de, Pedagogia e Ciências Sociais da UEMS/Paranaíba/MS, meu agradecimento pela colaboração valiosa em entrevistas que foram essenciais para os resultados deste trabalho.

A UEMS e ao Programa de Pós-Graduação em Educação, uma vez que por meio deles realizei meus estudos e a pesquisa aqui apresentada.

Em especial, estendo meus agradecimentos à minha orientadora e aos dedicados professores, cujos conselhos e feedbacks foram cruciais. O apoio dos colegas de curso foi indispensável, tornando possível enfrentar os desafios.

Agradeço a Deus, guia da minha trajetória acadêmica, e a todos os que contribuíram para este percurso.

Não posso deixar de mencionar minha eterna gratidão às minhas filhas, Giulia e Giovanna, meu esposo Aramis e aos meus pais, Salma e Vital, pela paciência e apoio incondicionais.

Às minhas irmãs, Kelly e Fabiana, agradeço por serem cúmplices nessa jornada.

Um reconhecimento especial ao ex-secretário Municipal de Educação de Chapadão do Sul/MS, Guerino Perius, e à atual secretária de Educação, Érica Jaqueline Schweter Antunes. O apoio e incentivo de ambos foram fundamentais para o sucesso deste projeto desde o seu início.

Expresso ainda, minha gratidão também aos leitores deste trabalho, dedicados a analisar e refletir sobre esta dissertação. Espero sinceramente que as ideias e conclusões apresentadas contribuam para o avanço do conhecimento e inspirem a resolução dos desafios abordados.

Com profundo apreço, expresso minha gratidão pela jornada desafiadora e enriquecedora que foi a realização nesta dissertação.

FERNANDES, Fabricia Cristina Fernandes. *Desigualdade social e sucesso escolar: trajetórias e perspectivas de egressos da eja que ingressam no ensino superior*. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de pós-graduação, *stricto sensu*, Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, oferecido na Unidade Universitária de Paranaíba-MS, área de concentração Educação, Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura. Tem como objetivo analisar os fatores que contribuem para a desigualdade social na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo foi compreender como esses elementos impactam a trajetória educacional dos egressos, com foco no acesso e desempenho no ensino superior. Adotou-se uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com três egressas da EJA, sendo uma egressa matriculada no curso de Pedagogia, e duas egressas matriculadas no curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) em Paranaíba. As teorias de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron foram fundamentais para analisar a influência da desigualdade social e cultural na educação, enquanto o trabalho de Bernard Lahire contribuiu para uma análise sociológica mais aprofundada sobre o sucesso escolar. A metodologia envolveu entrevistas em profundidade para explorar minuciosamente as trajetórias dos participantes no ensino superior, buscando compreender qualitativamente suas experiências ao longo da vida educacional. Os resultados destacaram barreiras e facilitadores no acesso e desempenho no ensino superior, revelando a complexa interseção entre fatores sociais, culturais e educacionais. Além de identificar desafios, o estudo ofereceu pistas sobre as estratégias individuais dos egressos para superar adversidades. Essas contribuições são relevantes para orientar políticas e práticas na EJA, transcende o ambiente acadêmico. Com isso, concluímos que ainda há a necessidade de abordagens adaptadas e sensíveis ao contexto para garantir inclusão e sucesso educacional dos indivíduos provenientes da EJA.

Palavras-chave: Educação. EJA. Ensino Superior. Desigualdade educacional. Egressos.

ABSTRACT

This research is linked to the *stricto sensu* postgraduate program, Master's in Education of the State University of Mato Grosso do Sul, offered at Paranaíba-MS, in the area Education, Language and Society, research line: Language, Education and Culture. Its objective is to analyze the factors that contribute to social inequality in Educação de Jovens e Adultos (EJA). The objective was to understand how these elements impact the educational trajectory of graduates, focusing on access and performance in higher education. A qualitative approach was adopted, using semi-structured interviews with three EJA graduates, one enrolled in the Pedagogy, and the other two, enrolled in Social Sciences course at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS) in Paranaíba. The theories of Pierre Bourdieu and Jean-Claude Passeron were fundamental to analyze the influence of social and cultural inequality in education, while the work of Bernard Lahire contributed to a more in-depth sociological analysis of school success. The methodology involved in-depth interviews to thoroughly explore the participants' trajectories in higher education, seeking to qualitatively understand their experiences throughout their educational life. The results highlighted barriers and facilitators in access to and performance in higher education, revealing the complex intersection between social, cultural and educational factors. In addition to identifying challenges, the study offered clues about the individual strategies of graduates to overcome adversities. These contributions are relevant to guide policies and practices in EJA, transcending the academic environment. Thus, we conclude that there is still a need for adapted and context-sensitive approaches to ensure inclusion and educational success of individuals coming from EJA.

Keywords: Education. EJA. Higher Education. Educational inequality. Graduates.

SIGLAS E ABREVIATURAS

CEE/MS - Conselho Estadual de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul

CNE/CEB - Conselho Nacional de Educação (CNE) e à Câmara de Educação Básica (CEB) no Brasil.

CRFB - Constituição da República Federativa do Brasil

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEJA - Encontros Nacionais da Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FEJA/MS - Fórum de Educação de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNE - Plano Nacional de Educação

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

TCLE - Termo de Consentimento e Livre esclarecimento

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Correlação entre idade e a proporção percentual de indivíduos analfabetos.....	37
Quadro 2 - Quantidade de inscrições no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Mato Grosso do Sul.....	38
Quadro 3 - Perfil sócio demográfico dos alunos participantes da pesquisa	59
Quadro 4 - Conclusão do Ensino Fundamental e Médio	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. EVOLUÇÃO NORMATIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO BRASILEIRO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA CONTITUIÇÃO SÓCIO HISTÓRICO DO SUJEITO	23
1.1 Desdobramentos da eja no processo de construção sócio-histórica do aluno.....	28
1.2 A importância da oferta de Educação de Jovens e Adultos para a população	30
1.3 A modalidade da EJA no contexto educacional brasileiro	33
1.4 Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul: referenciais e desafios para uma modalidade transformadora	37
2. A DIVERSIDADE DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).....	49
2.1 Estratégias para a formação de professores de EJA	53
2.2 O aluno da EJA em um contexto de desigualdade: as contribuições de Paulo Freire e de Pierre Bourdieu	55
2.3 Lahire e o sucesso escolar.....	56
2.4 Trajetórias na Educação Fundamental e Média.....	59
3. EGRESSOS DA EJA NA UEMS UNIDADE DE PARANAÍBA/MS	64
3.1 Apresentação	64
3.2 Percurso educacional	65
3.3 A Importância da Família	66
3.4 Ingresso no Ensino Superior	68
3.5 Desigualdade Social e Sucesso Escolar.....	70
3.6 Perspectivas Futuras	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICES	88
APÊNDICE A - CARTA CONVITE PARA A PESQUISA.....	88
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	90
APÊNDICE C - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	92

INTRODUÇÃO

Minha vivência na Educação de Jovens e Adultos (EJA) transcende o mero percurso acadêmico, transformando-se em uma jornada de autodescoberta, superação e comprometimento com meus objetivos de vida. Ao compartilhar minha trajetória como estudante da EJA, reconheço que cada desafio enfrentado moldou não apenas minha formação acadêmica, mas também minha determinação.

A decisão de ingressar na EJA foi impulsionada não apenas pelo desejo de adquirir conhecimento, mas pelo compromisso intrínseco de vencer obstáculos e harmonizar os estudos com as complexidades da vida cotidiana. No ano de 2015, estava trabalhando em período integral enquanto frequentava a EJA, o que representou uma experiência desafiadora, exigindo um equilíbrio delicado entre as responsabilidades profissionais e acadêmicas. A necessidade de otimizar o tempo revelou na EJA a possibilidade de acelerar os estudos. O esforço físico e mental necessário para conciliar esses aspectos gerava, por vezes, estresse emocional e físico, mas, paradoxalmente, fortaleceu minha determinação.

A falta de tempo livre, resultante das demandas profissionais e acadêmicas, tornou-se um desafio adicional, restringindo as oportunidades para atividades de lazer e o convívio com amigos e familiares. Essa limitação, embora estressante, contribuiu para o desenvolvimento de uma disciplina rigorosa e um foco aguçado na busca pelos meus objetivos educacionais, como o desejo de cursar uma faculdade e abrir caminho para melhores oportunidades de trabalho, e adquirir habilidades técnicas ou profissionais que proporcionem independência financeira. Ser filha de pais analfabetos teve um impacto positivo em minha trajetória. O exemplo de meus pais, que enfrentavam desafios financeiros e limitações de oportunidades, tornou-se uma força motriz para evitar essas circunstâncias em minha própria vida. A conclusão dos estudos tornou-se uma meta não apenas pessoal, mas um caminho para transcender as barreiras socioeconômicas e garantir um futuro mais promissor.

A experiência de crescer em uma família com limitações financeiras proporcionou-me uma perspectiva singular sobre a vida e as relações humanas. Essa vivência enriqueceu minha compreensão das complexidades sociais, instigando-me a desenvolver empatia e a valorizar as oportunidades educacionais como instrumento de transformação.

Com o término da educação básica, senti a necessidade de buscar uma graduação para ampliar minha compreensão do mundo e da sociedade. A inclinação para o campo educacional tornou-se evidente ao observar de perto os educadores durante minha jornada na

EJA, despertando em mim uma paixão pelo ensino e o desejo de contribuir significativamente para o desenvolvimento dos alunos.

A experiência como secretária escolar em 2018, na Escola Cecília Meireles, em Chapadão do Sul - MS, proporcionou-me uma visão mais profunda das vidas, lutas e esforços dos estudantes da EJA. Essas observações cotidianas consolidaram minha convicção de que a educação é um direito fundamental, e a EJA representa uma oportunidade crucial para aqueles que não tiveram acesso à educação formal.

Os desafios enfrentados por alunas-mães, que buscam equilibrar estudos e responsabilidades familiares, e por trabalhadores braçais, enfrentando o cansaço do trabalho físico, tornaram-se motivos adicionais para minha imersão no tema da EJA. Essas experiências diárias despertaram meu interesse em compreender as particularidades desse público e contribuir ativamente para o avanço da educação nessa área.

Ao escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia sobre as causas da evasão escolar na EJA, percebi a necessidade de aprofundar meus estudos nessa área. Essa pesquisa, aliada a novos artigos sobre o tema, tornou-se a base para meu projeto de mestrado em Educação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Submeter meu projeto de pesquisa ao Mestrado em Educação foi um passo significativo em minha jornada acadêmica. A aprovação na primeira tentativa não apenas representa uma conquista pessoal, mas valida meu compromisso em aprimorar meus conhecimentos e contribuir efetivamente para o avanço da educação na modalidade da EJA.

Tendo esses princípios como meta, trilhamos os objetivos desta Pesquisa, a qual visa compreender qualitativamente as experiências e percepções dos egressos em relação à educação ao longo de suas vidas, verificando como foi a trajetória do estudante de Educação de Jovens e Adultos e sua inserção nos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, localizada no município de Paranaíba – MS.

A pesquisa de cunho qualitativo dispõe tanto da revisão bibliográfica quanto da entrevista para a obtenção e análise de dados. A respeito da pesquisa qualitativa, Gatti e André (2011, p. 34) afirmam que essa modalidade, no viés da educação possui quatro pontos-chave em seu desdobramento:

1. Compreensão mais profunda dos processos de produção do fracasso escolar, um dos grandes problemas na Educação brasileira, que passa a

- ser estudado sob diversos ângulos e com múltiplos enfoques.
2. Compreensão de questões educacionais vinculadas a preconceitos sociais e sociocognitivos de diversas naturezas.
 3. Discussão sobre a diversidade e a equidade.
 4. Destaque para a importância dos ambientes escolares e comunitários. (Gatti; André, 2011, p. 34).

Na presente pesquisa, essa perspectiva se faz pertinente, uma vez que se consideram relevantes as múltiplas perspectivas provenientes dos alunos. Além disso, o espaço institucional e seu papel para com o educando também é uma questão a ser analisada no estudo.

No intuito de mapear estudos que abordam o tema de egressos da EJA no ensino superior, desenvolvemos pesquisas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) nos anos de referência de 1996 a 2022, responsável por disponibilizar trabalhos acadêmicos para pesquisa e análise. Esse período engloba mudanças significativas na educação brasileira, incluindo políticas públicas e reformas educacionais que impactaram diretamente a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o acesso ao ensino superior. A escolha de 1996 como ponto de partida se deve à disposição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trouxe novas diretrizes para a EJA e o ensino superior. Já 2022 marca o fechamento de um ciclo recente de dados disponíveis.

Com objetivo de compreender o caminho percorrido pelos estudantes que concluíram essa modalidade de ensino - EJA, examinando sua inserção no ensino superior e no mercado de trabalho. Tendo em vista as palavras-chave “egressos da EJA, EJA e Ensino Superior, e Educação de Jovens e Adultos, foram constatados o total de 37 trabalhos que abordam essas temáticas. Além disso, percebeu-se que a maior parte das produções foi encontrada nos anos de 2011 e 2012, com poucas pesquisas recentes nessas áreas, o que enfatiza a importância da pesquisa de mestrado atual.

Diversos autores têm investigado questões relacionadas às trajetórias de egressos da EJA no ensino superior, como Patricia Gomes Borges Bisnella (2016) em sua dissertação “Trajetórias de egressos da EJA na transição para o ensino superior: um estudo a partir do ProUni”. Seu estudo trouxe a compreensão das dificuldades e desafios enfrentados pelos egressos da EJA durante a transição para o ensino superior e identificou os fatores que contribuem para o sucesso acadêmico desses estudantes.

Werlang Cutrim Gomes (2015), em sua tese de doutorado intitulada “Expansão da educação superior no Brasil: acesso e permanência de egressos da Educação de Jovens e

Adultos na Universidade Federal do Maranhão”, investigou o acesso e a permanência de egressos da EJA na UFMA.

O artigo "Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio" de Paulo Cesar Rodrigues Carrano (2015) e outros autores, trata das experiências de jovens que tiveram sucesso no ensino médio, mas enfrentaram desafios na transição para a universidade ou para o mercado de trabalho.

Por fim, a dissertação de Murilo Genazio Magalhães (2009), "Jovens egressos da educação de jovens e adultos: possibilidades e limites", discute a trajetória educacional e profissional de jovens que concluíram a EJA e as possibilidades e limites que encontram no mercado de trabalho.

As pesquisas analisadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) contribuem significativamente para a compreensão das trajetórias dos egressos da EJA no ensino superior, abordando temas como os desafios enfrentados durante a transição acadêmica e os fatores que favorecem o sucesso, como destacado na dissertação de Patricia Gomes Borges Bisnella. A tese de Werlang Cutrim Gomes, por sua vez, explora questões de acesso e permanência na universidade, enquanto Murilo Genazio Magalhães amplia a discussão para a inserção no mercado de trabalho, oferecendo uma visão sobre as possibilidades e limitações desses estudantes.

Apesar dessas contribuições, pode-se colocar que a presente pesquisa se diferencia das acima elencadas ao trazer uma análise mais atualizada, considerando o impacto de eventos recentes como a pandemia e as mudanças nas políticas educacionais, reforçando assim, a relevância ao atualizar o debate e trazer novas perspectivas para a compreensão das trajetórias educacionais e profissionais de egressos da EJA.

Essas atualizações destacam a urgência de implementar ações concretas que atendam às necessidades específicas desse público. Especialistas na área de Educação, como os autores analisados, recomendam a implementação de políticas institucionais adaptadas para acolher universitários em situação socioeconômica desfavorável, considerando aspectos como os desafios financeiros, a conciliação entre trabalho e estudo e a falta de suporte familiar. Um dos pontos centrais revelados por esta pesquisa é o reconhecimento do papel ativo do professor. Além de sua função acadêmica, o docente também desempenha um papel essencial no apoio emocional e social, aspectos que são frequentemente negligenciados, mas fundamentais para a permanência e o sucesso de estudantes egressos da EJA. Dessa forma, torna-se indispensável investir na capacitação e sensibilização dos professores, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e que responda de forma empática às especificidades

desse grupo.

A EJA, enquanto ramificação educacional direcionada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na Educação Básica no período convencional, proporcionou oportunidades de instrução além do calendário regular. Lastreada em uma proposta curricular flexível, essa modalidade considera as singularidades individuais e os conhecimentos preexistentes dos alunos, ou seja, valoriza os saberes adquiridos antes da inserção no ambiente escolar. (Freire, 1979).

Conferindo o direito à Educação Básica nos dispositivos legais brasileiros, os indivíduos jovens, adultos e idosos passaram a vislumbrar novos matizes em suas vivências, abrindo portas para a plena participação na cidadania, envolvimento efetivo na sociedade, reintegração no mercado de trabalho e progressão nos estudos superiores. A partir da década de 1990, a EJA estabeleceu a adoção de metodologias de ensino específicas, material didático apropriado, temáticas de estudo distintas, formação adequada para os docentes e produção do conhecimento direcionada a estimular o interesse desse público específico. (Brasil, 2000).

Em outras palavras, conforme as pesquisas conduzidas por Pierre Bourdieu (1998), a trajetória de sucesso ou fracasso na vida está intrinsecamente ligada aos elementos que compõem a origem de uma pessoa, incluindo fatores sociais, culturais, econômicos e, de maneira preponderante, educacionais. Em essência, Bourdieu (1998) argumenta que o capital cultural herdado, o contexto econômico da família e o acesso à educação moldam as oportunidades disponíveis para um indivíduo.

Ao aplicar essa perspectiva ao público da Educação de Jovens e Adultos (EJA), torna-se claro que oferecer um direito educacional a essa população não se limita meramente à oferta de oportunidades educacionais. Em vez disso, implica em reconhecer e abordar as desigualdades estruturais que permeiam as diferentes esferas da vida desses indivíduos, indo além do ambiente escolar.

Nesse contexto, o direito educacional para a EJA não deve ser apenas uma concessão formal de acesso à escolaridade. Deve envolver uma abordagem mais ampla que considere a qualidade das oportunidades oferecidas, o ambiente socioeconômico, as barreiras culturais e as condições que possibilitem não apenas a entrada, mas a permanência e o sucesso educacional desses estudantes ao longo de sua jornada na Educação Básica e, eventualmente, na Educação Superior. Portanto, é um chamado para uma abordagem que busque superar não apenas as lacunas educacionais, mas também as desigualdades mais amplas que impactam a vida e o desenvolvimento desses indivíduos.

Diversos estabelecimentos de ensino público defrontam-se com desafios prementes,

tais como inconstâncias financeiras, dilemas estruturais e vicissitudes de gestão, culminando em ambientes pouco propícios para acolher os discentes e prepará-los de modo idôneo para suas trajetórias futuras. Costa (2018) dispõe que desafios enfrentados pelas escolas públicas brasileiras, como problemas financeiros, estruturais e de gestão, que dificultam a criação de ambientes educacionais adequados. Além disso, a falta de infraestrutura adequada é uma das maiores dificuldades apontadas pelos professores, junto com recursos insuficientes para atender às necessidades pedagógicas. Isso agrava a evasão escolar e prejudica a qualidade do ensino, impactando diretamente as oportunidades de aprendizado dos estudantes. Ultrapassar não apenas os obstáculos quantitativos, mas também aprimorar substancialmente a qualidade do ensino, emerge como uma imperatividade crucial na esfera da educação pública brasileira. Isso implica não só em evidenciar que problemáticas como analfabetismo, evasão e repetência não são resolvidas meramente pela inauguração de novas instituições educacionais, mas sim pela elevação substancial da qualidade do ensino, catalisando, assim, o interesse e as condições para que a população almeje, efetivamente, a Educação Superior.

A busca por essa excelência educacional está alinhada às prerrogativas do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, que preconiza a convergência entre as universidades e as escolas públicas. (Brasil. 2014). Nesse contexto, a suposta paridade de oportunidades proporcionada pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser robustecida, considerando e atendendo aos anseios específicos desse público. Isso implica na concepção de estratégias educacionais que facilitem não apenas o ingresso, mas também a permanência e conclusão exitosa na Educação Superior.

A centralidade da Educação Básica revela-se crucial para fomentar o interesse contínuo dos educandos em trilhar suas jornadas educacionais, desmistificando a concepção de que o acesso à universidade é uma senda acessível apenas a uma ínfima parcela daqueles que concluem o Ensino Médio. O acesso ao Ensino Superior materializa-se por meio de exames vestibulares, configurando-se como uma alternativa para todos que desejam a educação básica e submetem-se aos processos seletivos das Instituições de Ensino Superior (IES), tanto públicas quanto privadas. (Saviani, 2007).

O acesso à Educação Superior no Brasil é complexo e diversificado. Uma rota destacada é a participação no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), cujos resultados possibilitam a inscrição no Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Este, por sua vez, é responsável por selecionar candidatos para instituições públicas de Ensino Superior. Indivíduos que concluíram a Educação de Jovens e Adultos (EJA) também têm a capacidade de participar desse processo, independentemente da modalidade de conclusão do Ensino

Médio. (Brasil, 1996)

No entanto, a entrada bem-sucedida de estudantes provenientes da EJA nas Instituições de Ensino Superior exige das instituições estratégias perspicazes. É crucial entender o perfil e as expectativas desses alunos, além de acompanhar de perto suas experiências acadêmicas. Esse monitoramento não se limita apenas ao ingresso, mas estende-se à permanência, taxas de conclusão e retenção nos cursos de graduação. Esse conhecimento aprofundado contribui para o desenvolvimento de políticas institucionais mais eficazes, alinhadas às necessidades específicas desse grupo de estudantes. (Cruz, 2016).

Dessa forma, a abordagem educacional transcende a simples concessão de oportunidades de ingresso, indo além para garantir uma experiência educacional enriquecedora e inclusiva. Esse enfoque não apenas beneficia os alunos da EJA, ao proporcionar um ambiente educacional adaptado às suas circunstâncias, mas também fortalece a diversidade e a inclusão no âmbito da Educação Superior.

Considerando as circunstâncias delineadas, nesta pesquisa nos debruçamos sobre os sujeitos oriundos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que gradualmente penetram na esfera do ensino superior. Essa trajetória exige um esforço considerável, uma determinação sólida, uma base educacional robusta e suporte estudantil para alcançar a conclusão do curso de graduação. Dessa forma, o questionamento desta pesquisa foi o seguinte, tendo em vista os fatores da desigualdade social presentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA), como esses fatores se configuram na trajetória de escolarização dos sujeitos dessa modalidade de ensino e como conseguiram permanecer neste curso e chegar ao ensino superior?

A premissa inicial que fundamentou esta pesquisa é a de que os estudantes oriundos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) encontravam-se em uma condição desfavorável no que concerne à escolarização básica, admissão, continuidade e conclusão dos estudos na Educação Superior. Essa desvantagem é perceptível em suas origens socioeconômicas e culturais, na ausência de recursos e motivação para os estudos, na insuficiência dos conhecimentos adquiridos na EJA e na falta de políticas institucionais específicas e diferenciadas.

O propósito global desta pesquisa consistiu em examinar as trajetórias educacionais, as circunstâncias de ingresso, permanência e conclusão dos indivíduos provenientes da EJA na Educação Superior. De maneira mais específica, este estudo almejou analisar os dispositivos legais que norteiam a implementação da EJA; discernir as influências das condições socioeconômicas, políticas, culturais e educacionais sobre os sujeitos da EJA durante o percurso educacional, desde a admissão até a conclusão na Educação Superior; e identificar as políticas institucionais implementadas pela Instituição de Ensino Superior (IES)

investigada, direcionadas a assegurar a permanência dos egressos da EJA até a conclusão de seus cursos de graduação. (Brasil, 1996).

A seleção dessa temática visa aprofundar a compreensão acerca da marcante exclusão precoce da classe trabalhadora no cenário educacional brasileiro, destacando sua exploração exacerbada diante das limitadas e precárias oportunidades de emprego, associadas a salários substancialmente baixos. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), respaldada por suas diretrizes normativas e práticas, propõe-se a contribuir para o fomento da autonomia, emancipação humana e promoção do aprendizado ao longo da vida.

Nesse contexto, a relevância desta pesquisa reside na sua capacidade de gerar novos saberes que examinam as condições essenciais para aprimorar não apenas a qualidade do ensino, mas também a qualidade de vida da população brasileira. Dessa maneira, neste estudo, almejamos lançar luz sobre as nuances que permeiam a relação entre a EJA e as aspirações de uma sociedade mais justa e igualitária, evidenciando as potencialidades e desafios inerentes a essa modalidade de ensino.

O local de desenvolvimento desta pesquisa foi a Unidade Universitária de Paranaíba/MS, pertencente à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), situada na Av. Ver. João Rodrigues de Melo, S/n - Jardim Santa Monica, em Paranaíba-MS. Esta investigação envolveu coordenadores e alunos (egressos da EJA) matriculados nos Cursos de Graduação em Pedagogia, Licenciatura em Ciências Sociais e Direito oferecidos pela UEMS.

O curso de Licenciatura em Ciências Sociais – implantado na UEMS no ano de 2007 - demanda um comprometimento prévio das instituições proponentes com a complexidade social brasileira, além do desafio de enfrentar as demandas específicas da realidade local e regional. Isso é particularmente relevante em nossa região, que enfrenta uma carência significativa de profissionais qualificados em Ciências Sociais. A universidade, assim, desempenha um papel crucial na formação de especialistas destinados a atuar no ensino médio, em entidades públicas e privadas, e em organizações da sociedade civil.

O curso de Direito, com 80 vagas anuais nos períodos matutino e noturno, visa formar cidadãos e profissionais com consciência ética, crítica e profissional, tendo por base conhecimentos técnicos, científicos e humanistas, para atender às demandas sociais atuais e futuras. Sua essência vai além das diretrizes educacionais, destacando-se pela integração entre teoria e prática, a sinergia entre ensino, pesquisa e extensão, e o compromisso com a interdisciplinaridade e a realidade sócio-histórica. A missão primordial é formar cidadãos e profissionais conscientes, atuantes nos movimentos sociais, capazes de mediar e transformar a sociedade, adaptando-se às mudanças contemporâneas.

O curso de Pedagogia tem o objetivo de atender aos princípios de uma formação pautada nos direitos humanos, na diversidade e na inclusão, proporcionando a constituição de um perfil profissional que possibilite o desenvolvimento humano e impacte positivamente na prática dos futuros professores que se encontram em formação, dando-lhes condições de garantir o desenvolvimento de competências necessárias para uma práxis transformadora, de modo que possibilite a aprendizagem dos estudantes, ou seja, que vise seu pleno desenvolvimento e seu preparo para o exercício da cidadania, conforme consta no art. 205 da Constituição Federal de 1988. (Brasil, 1988)

Considerando os elementos mencionados, adotou-se uma abordagem de pesquisa qualitativa, envolvendo participantes dos Cursos de Licenciatura em Ciências Sociais, Direito e Pedagogia. A análise, conduzida nos registros acadêmicos da UEMS/Unidade de Paranaíba, teve abrangência do período de 2020 a 2023.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa documental que envolveu a coleta de dados e informações relacionadas ao objeto de estudo, presentes em documentos legais, institucionais e registros de arquivos. Essa coleta de informações ocorreu em espaços fundamentais, como a Secretaria, a Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia, e a Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e a Diretoria de Registros Acadêmicos (DRA) desta mesma universidade. Além de buscar embasamento teórico, foram levantados dados estatísticos educacionais para fornecer informações atualizadas sobre o problema de pesquisa, reforçando a argumentação do estudo.

A abordagem metodológica envolveu a aplicação de entrevistas semiestruturadas, permitindo que os participantes se expressassem livremente e respondessem a itens específicos relacionados ao problema, utilizando as respostas, explorando motivos, sentimentos e informações que não seriam capturados por outros instrumentos. Por meio desses instrumentos de pesquisa, investigamos as realidades socioeconômicas, políticas, culturais e educacionais dos egressos da EJA matriculados nos cursos de graduação durante o período da pesquisa. A coleta de dados foi abrangente, incluindo informações quantitativas e qualitativas para compreender subjetivamente as experiências desses indivíduos. Além disso, dados institucionais foram obtidos nas Coordenações dos Cursos Superiores e dos cursos de graduação em foco. As perguntas foram formuladas de maneira clara, facilitando o registro das respostas, que foram gravadas e transcritas.

Posteriormente, ocorreu a análise e qualificação dos dados, formulando questões analíticas e interpretações para explorar as possíveis explicações implícitas nos resultados. A pesquisa destacou a importância de compreender não apenas o ingresso, mas também a

permanência desses alunos na UEMS até a conclusão dos cursos de graduação.

Nesta dissertação, adotamos uma estrutura composta por três seções distintas. Inicialmente, a introdução contextualiza a temática, apresenta o problema de pesquisa, a hipótese inicial, os objetivos e outros argumentos relacionados à formação da EJA como modalidade de ensino.

Em seguida, na primeira seção, explora-se o contexto histórico e legal em níveis nacional, estadual e municipal relacionados à formação da EJA. São analisados os dispositivos legais que orientam sua implementação, bem como as principais políticas estatais para efetivar essa modalidade de ensino, evidenciadas por dados que ilustram as principais ações para atender à escolarização de pessoas que buscam a educação fora da idade convencional.

Na segunda seção, apresenta-se o processo de expansão da Educação Superior e problematiza-se o ingresso, a permanência e a conclusão dos cursos de graduação pelos egressos da EJA.

Na terceira seção, detalhamos os dados da pesquisa empírica, incluindo a caracterização dos participantes, oferecendo uma visão dos números e dos significados atribuídos por esses sujeitos e pelas políticas institucionais às suas trajetórias escolares, condições de ingresso, permanência e conclusão nos cursos de graduação da UEMS.

A linha de ação para o levantamento de dados, tem por intuito a análise da relação que o estudante estabelece para com os sentidos e significados provenientes da EJA, questões essas que interagem com as noções de fracasso e sucesso escolar do discente.

Como parte do processo de recolhimento de dados para posterior análise, dispomos da entrevista, ferramenta a qual consideramos válida, uma vez que permite que os dados sejam obtidos de forma não mecanizada, o que oportuniza ao pesquisador, compreender as esferas e os aspectos que permeiam as respostas dos pesquisados. Zago (2003) afirma que a escolha da entrevista “(...) se justifica pela necessidade decorrente da problemática do estudo, pois é esta que nos leva a fazer determinadas interrogações sobre o social e a buscar as estratégias apropriadas para respondê-las.” (Zago, 2003, p. 294).

Nesse viés, a entrevista configura-se como um elo entre a problemática, e a obtenção de dados que possam nortear as estratégias de análise.

A presente pesquisa elenca os seguintes processos como etapas de execução: a) apresentação da perspectiva teórica de Bernard Lahire (2004) e Pierre Bourdieu (1998) em paralelo ao contexto dos alunos da EJA; b) operacionalização dos conceitos teóricos abordados; c) elaboração do instrumento da coleta de dados – tendo em vista o público-alvo e

suas características; d) seleção de amostra – a partir das respostas e sua conversão em dados; e) coleta e verificação dos dados; f) análise e interpretação dos dados provenientes das amostras; g) apresentação dos resultados.

Esta dissertação teve como propósito analisar em detalhe os elementos que influenciam a desigualdade social na Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente no que se refere ao acesso e desempenho no ensino superior. Adotou-se uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas como método de coleta de dados, com três ex-alunos da EJA matriculados em Pedagogia e Ciências Sociais na UEMS, campus de Paranaíba. Essa metodologia permitiu uma análise aprofundada das experiências desses estudantes, fornecendo *percepções* valiosas sobre os desafios e oportunidades enfrentados por eles ao longo de sua jornada acadêmica.

Anteriormente à execução da entrevista, os alunos receberam uma Carta Convite, com maiores informações sobre a pesquisa e sua participação no estudo, elaborada exclusivamente para a coleta de dados. As perguntas do roteiro das entrevistas foram dirigidas a alunos egressos da EJA que cursam o Ensino Superior, com a atuação referente à submissão das respostas em caráter anônimo. Para isso, a pesquisa contou com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas revelaram obstáculos significativos relacionados às rotinas, regras e códigos da universidade, evidenciando dificuldades na integração desses alunos ao ambiente acadêmico. Além disso, os desafios específicos enfrentados pelos estudantes da EJA, como adaptação às rotinas acadêmicas e superação de lacunas de aprendizado, destacaram a necessidade de políticas educacionais que considerem as particularidades socioeconômicas desses alunos.

Isso possibilitou a identificação de um conjunto de três egressos do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) que se inscreveram nos três cursos de graduação da UEMS. No que se refere ao programa de graduação em Ciências Sociais – licenciatura -, foi observado que houve um total de duas participações de ex-alunos da EJA, representando a maior quantidade de estudantes participantes da pesquisa.

A seleção dos cursos para investigação foi orientada pela quantidade de indivíduos localizados que atendiam os critérios da pesquisa. No caso em questão, poucos egressos foram localizados, e a maioria desses sujeitos estavam englobados pelo curso de Ciências Sociais.

Depois de identificar essa informação, procedemos à escolha dos integrantes que comporiam a amostra deste estudo, distribuindo-a da seguinte maneira: três estudantes dos cursos de graduação previamente mencionados. A seleção dos alunos levou em conta critérios

como ter frequentado a EJA, no curso de graduação sob investigação e ter expressado sua vontade de participar da pesquisa, desde que cumprissem esses requisitos.

No perfil dos estudantes envolvidos, foi considerado importante enfatizar as opiniões que eles associaram às suas vivências na educação primária e superior, levando em conta suas experiências pessoais. Além disso, examinamos as políticas estabelecidas pela UEMS em Paranaíba, que visam facilitar a permanência dos alunos na instituição até que completem com sucesso seus cursos. Serão apresentadas as informações sobre os estudantes participantes da pesquisa, revelando detalhes sobre seus históricos e trajetórias educacionais no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Isso inclui a compreensão dos contextos de vida e caminhos escolares que os levaram a ingressar no ensino superior. Isto envolve a análise das formas de conclusão do Ensino Médio dentro da modalidade EJA, as circunstâncias de aprendizado na EJA que tiveram um impacto significativo na realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e na sua entrada na UEMS, bem como os fatores que levaram a interrupções nos estudos em diferentes momentos da vida e ao posterior retorno à escola, por meio da EJA, para concluir a Educação Básica. Além disso, serão abordados os contextos de vida permeados por desafios socioeconômicos, como a necessidade de começar a trabalhar precocemente, problemas familiares e a falta de oportunidades educacionais apropriadas para suas idades.

As entrevistadas as quais responderam ao meio de coleta de dados têm seus nomes verdadeiros dispostos na pesquisa, e têm ciência dessa disposição. Durante o processo de coleta de dados, identificou-se uma baixa adesão à participação nas entrevistas, o que pode ser atribuído ao fato de o contato inicial ter ocorrido predominantemente por meios online. Essa abordagem apresentou limitações importantes, considerando que muitos dos potenciais entrevistados, em especial aqueles egressos da EJA, não possuem familiaridade com ferramentas digitais ou acesso consistente à internet. Essa barreira tecnológica impactou negativamente a taxa de resposta e destacou a necessidade de diversificar as estratégias de contato, como o uso de meios presenciais ou alternativas mais acessíveis para públicos com menor domínio dos recursos eletrônicos. Esse aspecto reforça a importância de considerar as condições de comunicação dos participantes no planejamento metodológico, especialmente em estudos que envolvem populações em situação de vulnerabilidade social ou tecnológica.

A última seção, as considerações finais, sintetiza os elementos da dissertação e apresenta possíveis questões a serem exploradas futuramente, contribuindo para a formação de novos conhecimentos no campo da EJA.

1. EVOLUÇÃO NORMATIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO BRASILEIRO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA CONSTITUIÇÃO SÓCIO HISTÓRICO DO SUJEITO

A partir da década de 1940 surgiram as primeiras políticas voltadas para a educação de jovens e adultos analfabetos no país. Essas políticas consideravam o contexto sociopolítico da época e buscavam oferecer oportunidades educacionais para aqueles que haviam sido excluídos do sistema escolar (Ventura, 2001).

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi promulgada, estabelecendo as bases da educação nacional e definindo a educação como um direito de todos e dever do Estado. A LDB de 1961, foi revogada pela LDB de 1971, que por sua vez foi substituída pela LDB de 1996. (Brasil, 1997).

Em 1967, foi criada a Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Moblin), que tinha como objetivo principal combater o analfabetismo no país. A partir de então, foram implementados programas e cursos de alfabetização para jovens e adultos, visando proporcionar-lhes a oportunidade de adquirir conhecimentos básicos de leitura e escrita. (Costa, 2018).

Paulo Freire foi um educador brasileiro, cujas ideias e práticas revolucionaram o campo da pedagogia. Antes mesmo do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), Freire já havia desenvolvido um método de alfabetização, centrado na conscientização e na autonomia dos alunos. Durante a ditadura militar, Freire foi perseguido e exilado devido às suas ideias consideradas subversivas pelo regime. Sua pedagogia, baseada na conscientização política e na transformação social através da educação, representava uma ameaça para os líderes autoritários da época, que buscavam controlar a educação e reprimir qualquer forma de pensamento crítico.

Mesmo diante das adversidades, o legado de Paulo Freire continuou a inspirar educadores e movimentos sociais no Brasil e em todo o mundo. O reconhecimento internacional de Freire como um dos principais pensadores da educação contribuiu para a disseminação de suas ideias e práticas em diversos contextos, incluindo países em desenvolvimento e comunidades marginalizadas. Seu trabalho influenciou não apenas a teoria e a prática da educação, mas também campos como a pedagogia crítica, os estudos culturais e a educação para a cidadania ativa. Assim, o impacto de Paulo Freire transcendeu o contexto

histórico específico da ditadura militar no Brasil, tornando-se uma fonte de inspiração e referência para todos aqueles comprometidos com a educação libertadora e a transformação social. (Gadotti, 2008).

Em 1971, o Ensino Supletivo foi inserido no sistema regular de ensino, permitindo que os estudantes que não concluíram os estudos na idade apropriada pudessem retomar sua educação. Além disso, foram criados os Centros de Estudos Supletivos nos primeiros anos da década de 1970, que ofereciam cursos para aqueles que desejavam concluir o ensino fundamental e médio. (Haddad, 2002).

Em 1985, foi criada a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Educar), com o objetivo de promover a educação de jovens e adultos no país. Essa iniciativa representou mais um esforço do Estado em fomentar programas e cursos para aqueles que não tiveram acesso à escola na idade apropriada ou foram excluídos por falta de oportunidades educacionais, falta de tempo ou motivação. (Haddad; Di Pierro, 2000).

No entanto, é importante ressaltar que as políticas educacionais criadas nesses períodos para a oferta de cursos a jovens e adultos nem sempre consideravam as necessidades específicas desses segmentos cuja maioria das pessoas pertencentes a esses grupos sociais eram de uma classe mais desprivilegiada da sociedade brasileira, o que demandava uma abordagem de ensino diferenciada e mais inclusiva.

Ao longo dos anos, a Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem passado por constantes transformações, buscando cada vez mais atender às demandas e necessidades desses segmentos da população. É fundamental que as políticas educacionais sejam pautadas na inclusão, na valorização da diversidade e na promoção da igualdade de oportunidades, garantindo que todos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente da idade ou das circunstâncias em que se encontram.

Após duas décadas de uma ditadura que cerceou liberdades, o Brasil emergiu em um cenário de reivindicações intensas pela democracia, materializadas nas manifestações pelas "Diretas Já" e na busca por justiça social. Com o fim do regime militar, o país testemunhou o nascer de uma nova era com a promulgação da CRFB - Constituição da República Federativa do Brasil. (Brasil, 1988).

Haddad e Di Pierro (2000) sustentam que os anos que se seguiram após 1985 representaram uma fase de redemocratização nas relações sociais e instituições políticas, implicando um notável alargamento dos direitos sociais. Nesse cenário, os movimentos sociais, protagonistas crescentes, desempenharam papel crucial na promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil (1988), moldando, por conseguinte,

constituições estaduais e leis orgânicas municipais.

A Constituição de 1988, sensível aos clamores da sociedade, consagrou a educação como um direito social. O Estado, em conjunto com a família e a sociedade, assumiu a responsabilidade pela promoção desse direito, demandando a implementação de políticas públicas adequadas. Não se tratava apenas de transmitir conhecimento; era um compromisso em forjar, por meio da educação, valores capazes de propiciar a emancipação humana.

Entretanto, mais de três décadas após a promulgação da CRFB de 1988, é imperativo avaliar os progressos e desafios. A educação inclusiva e emancipadora, embora concebida como um direito inalienável, ainda enfrenta adversidades como a disparidade de acesso e a heterogeneidade na qualidade do ensino. A sociedade civil, os educadores e as políticas públicas desempenham papéis cruciais para suplantar esses desafios e concretizar os princípios educacionais delineados na Constituição.

A Constituição de 1988 tornou-se um marco indelével na história brasileira, estabelecendo os fundamentos para uma sociedade mais justa e igualitária. Ao reconhecer a educação como um direito social, a CRFB pavimentou o caminho para a construção de uma sociedade mais inclusiva e emancipadora. Contudo, para efetivar esse ideal, é imprescindível um comprometimento contínuo na implementação de políticas educacionais que assegurem não apenas o acesso e a qualidade, mas também a efetiva emancipação humana por intermédio da educação.

Desse modo, os mecanismos de implementação das políticas educacionais passaram a dedicar uma atenção mais refinada às peculiaridades entranhadas na sociedade. Com o propósito de atenuar as disparidades sociais e econômicas e estimular o aprimoramento da qualidade de vida da população brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394/96, fundamentada nos princípios da CRFB de 1988, segmentou o sistema educacional em Educação Básica e Educação Superior. A Educação Básica, por conseguinte, assume a incumbência de formar o educando para a plena participação na cidadania, continuidade acadêmica e inserção no mercado de trabalho. (Brasil, 1996).

Fragmentando-se em três etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) e sete modalidades (Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica, Educação à Distância (EAD), Educação do Campo, Educação Escolar Quilombola e Educação Escolar Indígena), a Educação Básica consagrou, para efeitos desta pesquisa, a ênfase na Educação de Jovens e Adultos.

O Programa Brasil Alfabetizado, lançado em 2003, concentrou esforços na erradicação do analfabetismo entre jovens e adultos. Além de mobilizar diferentes setores da

sociedade, o programa buscou enfrentar a histórica problemática do analfabetismo, promovendo a inclusão educacional. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil possui uma trajetória marcada por marcos históricos e legais que refletem o esforço contínuo para garantir o acesso à educação para todas as faixas etárias. A Constituição Federal de 1988 foi um divisor de águas ao reconhecer a universalização do ensino fundamental como um direito, independentemente da idade do estudante. Isso incluiu explicitamente a EJA como uma modalidade que deveria ser ofertada para aqueles que, por diferentes razões, não tiveram acesso à educação na idade convencional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, desempenhou um papel significativo ao reconhecer a equivalência de estudos na EJA. O Decreto nº 5.622/2005, por sua vez, regulamentou o funcionamento de cursos e programas de EJA em instituições particulares, fortalecendo a oferta dessa modalidade.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) é um instrumento valioso para compreender a situação da EJA no país, oferecendo dados que revelam a realidade do analfabetismo, os níveis de escolaridade e o acesso à educação por parte dos jovens e adultos. Segundo os dados desta pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em junho de 2022, o analfabetismo caiu de 6,1% em 2019 para 5,6% em 2022. No entanto, entre os brasileiros pretos e pardos, 7,4% ainda são analfabetos, mais que o dobro da população branca. O abandono escolar também é uma das nuances da desigualdade. Os dados apresentados pela PNAD revelam que sete em cada dez jovens que não completaram o ensino médio são pretos ou pardos.

A realidade educacional no Brasil revela desafios consideráveis, especialmente entre a população jovem. A baixa taxa de matrícula escolar, aliada aos elevados índices de analfabetismo e à interrupção da escolarização, aponta para a necessidade urgente de melhorar as oportunidades educacionais.

Os novos dados revelam que 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do Ensino Médio, respectivamente, evadiram da escola de acordo com o Censo Escolar entre os anos de 2014 e 2015. O 9º ano do ensino fundamental tem a terceira maior taxa de evasão, 7,7%, seguido pela 3ª série do ensino médio, com 6,8%. Considerando todas as séries do ensino médio, a evasão chega a 11,2% do total de alunos nessa etapa de ensino. A série histórica revela, em todas as etapas de ensino, uma queda progressiva na evasão escolar de 2007 a 2013, mas o comportamento se altera em 2014, quando as taxas aumentam. A evasão é maior nas escolas rurais, em todas as etapas de ensino. O Pará tem a mais alta taxa de evasão em todas as etapas de ensino, chegando a 16% no ensino médio. A migração para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é mais expressiva ao final do ensino fundamental,

quando chega a 3,2% e 3,1%, no 7º e 8º ano, respectivamente. Em relação à rede de ensino, a migração é maior na rede municipal dos anos finais do ensino fundamental, quando alcança uma taxa de 3,8%. Já no ensino médio, a migração é mais expressiva na rede estadual de ensino, com 2,4%. Já os indicadores de promoção e repetência não são inéditos, mas pela primeira vez serão divulgados com detalhamento para todo o território nacional. Será possível, por exemplo, observar as taxas de cada UF e município. Entre 2014 e 2015, a repetência na 1ª série do ensino médio chega a 15,3%. O índice também é alto no 6º ano do ensino fundamental, com taxas de 14,4% de repetência. (Inep, 2017, s/p)

A baixa adesão à EJA ocorre em ambos os níveis de ensino, mas as taxas podem variar conforme a região e outros fatores. No Ensino Fundamental, a taxa de matrícula na EJA no ensino fundamental tem sido mais baixa quando comparada ao ensino regular. Diversos fatores contribuem para isso, incluindo a falta de políticas efetivas de atração para esse público, as demandas de trabalho e família que dificultam o retorno aos estudos, além de desafios estruturais e socioeconômicos. (Reibnitz; Melo, 2021).

Quanto ao Ensino Médio, a situação também é desafiadora, uma vez que muitos jovens e adultos que não concluíram essa etapa, durante a idade regular, podem encontrar barreiras para ingressar na EJA, como a falta de flexibilidade de horários, programas inadequados às suas necessidades e a percepção de que o ensino médio regular é mais valorizado (Schwartzman, Castro, 2013).

É importante notar que, ao longo dos anos, têm sido feitos esforços para melhorar a acessibilidade e a qualidade da EJA no Brasil. Políticas educacionais mais recentes, como o Plano Nacional de Educação, o Programa Brasil Alfabetizado e a Educação Integral de Tempo Integral, buscam enfrentar esses desafios, mas a baixa taxa de matrícula ainda é uma questão a ser abordada para garantir que a educação seja verdadeiramente inclusiva e acessível a todas as faixas etárias. Questões como falta de acesso, desinteresse, e a inadequação do ambiente escolar representam barreiras significativas que precisam ser abordadas para promover uma educação mais inclusiva e eficaz para todos.

No âmbito do planejamento educacional, o Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece metas específicas para a EJA, visando elevar a escolaridade da população adulta. Dentre essas metas, destacamos o compromisso de erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir as desigualdades educacionais. Vale ressaltar que a nona meta do PNE está voltada para a erradicação do analfabetismo absoluto e redução de 50% da taxa de analfabetismo funcional até o final da vigência do PNE, que se dá em 2024. (PNE, 2014).

Uma das principais obrigações constitucionais, inserida em um conjunto de iniciativas

promovidas pelo poder público na esfera da política educacional, consiste na formulação do Plano Nacional de Educação (PNE). Esse plano tem como propósito estabelecer diretrizes, metas e estratégias para a educação escolar em períodos decenais. Além disso, serve como fundamento para a criação dos planos estaduais, distritais e municipais, os quais, ao serem aprovados por meio de legislação, configuram elementos cruciais na defesa do direito à educação. Conforme destacado por Santiago (2005, p. 62):

O Plano Nacional de Educação é um documento que ao longo da história da educação tem indicado caminhos que possam contribuir para cumprir as diretrizes e metas, quantitativas e qualitativas, a serem alcançadas, garantindo, assim, a superação e soluções dos problemas educacionais (Santiago, 2005, p.62).

O PNE 2014-2024 definiu diretrizes, metas e estratégias para assegurar o direito à educação básica de qualidade, abrangendo todas as etapas e modalidades, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com o objetivo de garantir oferta, acesso e permanência na escola, a ênfase está na ampliação das oportunidades educacionais para todos os brasileiros. As metas específicas relacionadas à EJA destacam-se como prioridades para promover a inclusão e a qualidade nessa modalidade de ensino.

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), implantado em 2007, representa uma iniciativa relevante ao integrar a formação profissional com a educação básica. O programa visa preparar os estudantes da EJA para uma inserção mais qualificada no mercado de trabalho, considerando a demanda por profissionais preparados.

Embora esses marcos legais e programas indiquem avanços, os desafios persistem. A oferta de programas de EJA, a qualidade desses programas e a adaptação às transformações sociais e tecnológicas são áreas críticas que demandam constante atenção. Garantir o direito à educação ao longo da vida e reduzir as desigualdades educacionais continuam sendo objetivos essenciais para o sistema educacional brasileiro.

1.1 Desbobramentos da eja no processo de construção sócio-histórica do aluno

No que tange às particularidades da Educação de Jovens e Adultos, faz-se notável conceber como se configura a relevância do programa para os indivíduos por ela atendidos.

Além do aspecto curricular, a EJA imprime o senso de construção histórica e também social do educando, uma vez que pode oportunizar ao aluno o contato com uma atmosfera que vai além de seu aspecto familiar e também profissional, pois ao permitir que jovens e adultos retomem seus estudos, oferece a oportunidade para que esses indivíduos construam uma nova trajetória de vida, com base em uma nova formação educacional e cultural. O contato e interação com o meio escolar promove a percepção crítica do discente, que passa a ter uma perspectiva com maior repertório sócio-cultural para consigo e para as realidades alheias, que coexistem no ambiente da escolarização. (Souza e Placco, 2005).

Pelo viés dos autores, ocorre a necessidade de adequação das práticas pedagógicas para que as políticas de formação venham atender o sujeito aluno da EJA, sujeito esse que se constitui proveniente de realidades adversas, que extrapolam os limites da unidade escolar, pois a formação docente para professores da EJA apresenta alguns desafios que precisam ser considerados. Um deles é a falta de preparo dos professores para lidar com as especificidades dessa modalidade de ensino, que inclui alunos de diferentes idades e níveis de escolaridade. Além disso, muitos desses alunos podem ter experiências de vida diferentes das dos professores, o que pode tornar o processo de ensino e aprendizagem mais desafiador. Ainda segundo os autores, a formação desses indivíduos deve permear o senso de cidadania, culminando na construção de “sujeitos livres, autônomos, críticos, abertos à mudança, capazes de intervir em processos de produção cultural que tenham alcance político” (Di Pierro *et al.*, 2001, p. 74).

A EJA se configura, portanto, como uma cadeia de aspectos que se apresentam de forma entremeada. Essa cadeia pode atuar enquanto facilitadora de maiores expectativas de escolarização, se seus fatores coexistirem e permearem o cotidiano discente. As políticas pedagógicas, aliadas às práticas docentes, podem oportunizar a inserção de conhecimentos para os educandos, e, ao mesmo tempo, dinamizar o intercâmbio de saberes que o próprio aluno pode apresentar, a partir de seu senso comum e de suas experiências de vida.

Outro desafio é a falta de investimento na formação continuada dos professores de EJA, sendo importante que esses profissionais recebam formações constantes para que possam atualizar suas práticas pedagógicas e lidar com as mudanças constantes no campo da educação.

Com isso, além da construção da escolarização, ocorre também a construção histórico-social do indivíduo, que a partir do meio escolar, passa a compreender seu papel em sociedade e a importância de seu processo crítico, levando-o assim, ao exercício da cidadania. (Libâneo, 2017).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) transcende o aspecto puramente educacional ao se tornar uma ferramenta de transformação social. Ao proporcionar a retomada dos estudos, a EJA não apenas preenche lacunas acadêmicas, mas também serve como um veículo para empoderar indivíduos, permitindo-lhes construir uma identidade educacional e cultural renovada. (Haddad, 2002).

O ambiente escolar da EJA atua como um catalisador para o desenvolvimento crítico dos alunos, ampliando suas perspectivas sobre o mundo e proporcionando um espaço para o intercâmbio de conhecimentos. Diante da diversidade de experiências de vida dos alunos, a EJA se torna um espaço dinâmico para a troca de saberes, valorizando não apenas os conhecimentos acadêmicos, mas também os saberes adquiridos por meio das vivências individuais. (Moura, 2023).

A formação de professores para a EJA, além de exigir preparo técnico, demanda sensibilidade para lidar com as diferentes realidades e trajetórias de vida dos alunos. A abordagem pedagógica deve ir além do simples repasse de conteúdo, buscando integrar saberes, estimular a participação ativa dos alunos e promover a reflexão crítica.

No contexto da EJA, o desafio não se restringe apenas à construção da escolarização, mas estende-se à promoção de uma educação que contribua para o pleno desenvolvimento dos indivíduos como cidadãos atuantes na sociedade. Ao enfatizar a importância do pensamento crítico, a EJA capacita os alunos a exercerem seus direitos, participarem ativamente e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim, a EJA se apresenta não apenas como uma segunda chance educacional, mas como um agente de empoderamento e transformação. Ao reconhecer e valorizar as singularidades de cada aluno, ela não apenas constrói escolarização, mas também fortalece a base para a construção de cidadãos atuantes, conscientes e participativos em suas comunidades e na sociedade em geral.

1.2 A importância da oferta de Educação de Jovens e Adultos para a população

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) transcende a mera compensação de lacunas educacionais, consolida-se como uma poderosa ferramenta de inclusão social. Ao se debruçar sobre as experiências pregressas dos alunos, a EJA não apenas preenche espaços vazios no conhecimento formal, mas tece uma trama educativa intrinsecamente conectada às realidades vivenciadas pelo indivíduo. Essa abordagem singular não só enriquece o processo

educacional, mas também confere significado e pertinência ao aprendizado, tornando-o mais contextualizado e relevante. (Moura, 2023).

A interação entre o saber formal e os conhecimentos adquiridos extramuros da sala de aula emerge como um dos pilares distintivos da EJA. Essa interconexão não apenas valoriza os saberes prévios dos alunos, mas também propicia uma sinergia entre experiências cotidianas e conteúdos acadêmicos, ampliando horizontes e promovendo uma aprendizagem mais abrangente.

A formação de professores transcende a simples transmissão de informações; requer, primordialmente, o cultivo de habilidades pedagógicas sensíveis às demandas particulares dessa modalidade. Isso implica não apenas compreender as diversas trajetórias de vida dos alunos, mas também fomentar a participação ativa, incentivar a autonomia e cultivar o pensamento crítico como instrumento transformador. (Haddad, 2002).

A necessidade premente de uma formação continuada para os professores da EJA emerge como um elemento vital. A educação, por sua própria natureza, é dinâmica, e a capacitação constante dos educadores é essencial para alinhar as práticas pedagógicas às evoluções no cenário educacional e sociocultural. Investir na formação contínua dos docentes não só otimiza a eficácia do processo educativo, mas também fomenta uma educação adaptável, adequada às necessidades em constante movimentos dos alunos da EJA.

Dessa maneira, a EJA se revela não apenas uma segunda chance para a educação formal, mas um catalisador de empoderamento e transformação social. Ao reconhecer e valorizar as singularidades de cada aluno, essa modalidade de ensino não apenas constrói o arcabouço da escolarização, mas também consolida as bases para a formação de cidadãos sociais, conscientes e participativos em suas comunidades e na sociedade como um todo.

No trabalho de conclusão de curso sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), objetivou-se explorar a abordagem que visa oportunizar o processo de reflexão acerca dos sujeitos envolvidos na EJA e seu contexto socioestrutural. Destaco, com base nos textos das autoras utilizados como aportes teóricos (Cortada, 2009), que a EJA se configura como um território multicultural, permeado por perspectivas e visões de mundo diversas. Essa heterogeneidade de vivências e experiências propicia um constante intercâmbio de conhecimentos, indo além da mera transmissão de conteúdos didáticos-curriculares, uma vez que a prática docente e a recepção discente extrapolam os limites da sala de aula.

Refletindo sobre o fazer pedagógico, destaco a relevância da atualização e manejo da prática pedagógica no contexto da EJA, considerando um público marcado pela heterogeneidade (Cortada, 2009). Essa autora propõe a execução de um processo de ensino-

aprendizado que seja inclusivo, verificando o aluno em suas particularidades, validando sua visão de mundo e os conhecimentos adquiridos a partir de suas vivências.

Outro ponto de igual importância abordado na pesquisa mencionada refere-se aos desafios enfrentados pelo docente na efetivação da construção não apenas curricular, mas também na promoção do resgate da cidadania do discente, conferindo-lhe autonomia em seu processo de aprendizagem (Cortada, 2009). Essas são apenas algumas das questões que permeiam a atmosfera da EJA, demandando uma reflexão aprofundada para o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a constituição do conhecimento e autonomia do educando, ao mesmo tempo em que proporcionem uma prática pedagógica prazerosa e efetiva na perspectiva do professor. (Cortada, 2009).

Essas perspectivas contribuem significativamente para que a EJA seja reconhecida como um espaço de aprendizagem e aplicação da educação básica, capacitando os indivíduos a tornarem-se críticos e conscientes de sua cidadania (Cortada, 2009).

Na sociedade brasileira, muitas vezes, a modalidade de ensino EJA foi percebida como uma maneira de formar mão de obra barata, a fim de servir aos interesses do mercado capitalista do Brasil. Em um contexto em que se requer, cada vez mais, a formação de operários para o desenvolvimento da indústria, em muitos casos, ansiando por um repertório de profissionais, cuja capacitação é mínima, a EJA acabou trabalhando muito mais em prol de servir a essa demanda do que para a realização dos anseios pessoais dos sujeitos (Caseira; Pereira, 2016).

Desse modo, de acordo com os autores:

É somente ao final do século XX que se percebe, muitas vezes, a partir de processos relacionados à Educação Popular, uma EJA voltada também para a formação do sujeito como cidadão social, político, capaz de refletir sobre seu papel no mundo e reivindicar seu espaço numa sociedade dualista e dividida por classes sociais. (Caseira; Pereira, 2016, p. 01-02).

A EJA advém de um contexto histórico de negligência, conseguindo apropriar-se de sua importância e solidificar-se na Educação brasileira, sobretudo, por meio das ações dos movimentos populares, conforme asseveram Sampaio e Almeida (2009, p. 29): “A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma história que se produz à margem do sistema de educação, impulsionada pela luta dos movimentos sociais, marcada pelo domínio e pela exclusão estabelecido.”

Em outras palavras, a citação destaca que, apesar do progresso nas taxas de conclusão

dos Ensinos Fundamental e Médio, persistem desafios relacionados à exclusão educacional no Brasil. A discrepância entre a idade e o nível educacional da população é notável, mesmo com o aumento do acesso à escola para as camadas mais vulneráveis, após a promulgação da Constituição Federal de 1988 e a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996. Muitas crianças e jovens, ainda, estão fora do sistema educacional, seja por falta de oportunidades ou devido ao abandono escolar precoce, contribuindo para a exclusão e o aumento da pobreza nessas comunidades. Além disso, ressalta-se que a qualidade do ensino não tem evoluído de maneira proporcional ao aumento das oportunidades educacionais. (Lopes, 2017).

Diante do exposto, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) emerge como uma resposta vital a um histórico de negligência educacional, caracterizado pela marginalização e exclusão desses grupos do sistema formal de ensino. Sua trajetória, como destacado por Sampaio e Almeida (2009), é intrinsecamente entrelaçada com os esforços e a luta incansável dos movimentos sociais, que buscaram quebrar as barreiras da exclusão e proporcionar oportunidades educacionais a jovens e adultos historicamente desfavorecidos.

A história da EJA não é apenas a narrativa do desenvolvimento de um sistema educacional alternativo, mas também uma perspectiva de resistência contra as desigualdades educacionais. Essa modalidade educacional floresceu à margem do sistema predominante, impulsionada por uma consciência aguda das injustiças sociais e educacionais que afligem aqueles que, por diferentes motivos, foram privados do acesso adequado à educação em sua juventude. (Soares *et al.*, 2020).

A luta dos movimentos sociais desempenhou um papel fundamental na reivindicação do direito à educação para todos, independentemente da idade. A EJA, assim, transcende o âmbito educacional e se torna um símbolo de resistência e transformação social. Ela desafia as normas estabelecidas e destaca a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e equitativa no campo da educação. (Rossetto, 2009)

Ao longo desse processo histórico, a EJA não apenas conquistou reconhecimento institucional, mas também consolidou sua importância como instrumento de empoderamento individual e coletivo. Essa história de luta e conquista destaca não apenas a evolução da EJA como um sistema educacional alternativo, mas também sua contribuição essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

1.3 A modalidade da EJA no contexto educacional brasileiro

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino presente no contexto educacional brasileiro desde a década de 1960, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 4.024) de 20 de dezembro 1961.

A nomenclatura Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi definida por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) n.º 9.394/1996, oportunizando o oferecimento de Ensino Regular Noturno a jovens e adultos, com base no entendimento de que os processos de formação são produzidos no contexto diário da família e da sociedade, e não somente no cenário da escola. (Soares, 2012).

Conforme regulamenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no Capítulo II, na Seção V:

Art. 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. § 1.º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2.º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (LDB, 1996, p. 13).

Segundo Batalha e Silva (2018), é preciso modificar a visão de que os jovens que compõe as classes da EJA são aqueles sujeitos que fracassaram no Ensino Regular, isto é, estudantes que reprovaram, que já desistiram de estudar muitas vezes, com atrasos e déficits de aprendizagem. O estigma social de ser uma modalidade de ensino para pessoas que "não conseguiram" concluir seus estudos na idade adequada, o que muitas vezes gera preconceito e desvalorização dos estudantes e da modalidade. Em contrapartida, estes mesmos alunos devem ser percebidos, em primeiro lugar, como sujeitos dotados de potencialidades, independente de suas carências e dificuldades.

É preciso lembrar que, muitos destes jovens que integram as classes da EJA, são frutos do contexto social do meio ao qual fazem parte e que os obriga a escolher entre trabalho e estudos. “A evasão e a repetência, ocasionam a defasagem entre a idade e série; da busca pela certificação escolar oriunda da necessidade de trabalhar; da dificuldade de acesso; da ausência de motivação para o retorno a escola, entre outras.” (Carvalho, 2012, p. 01).

Entretanto, é possível perceber que a estigmatização do aluno da EJA acaba por defini-

lo (e limitá-lo) como sendo alguém que fracassou no Ensino Regular. Diante disso, Batalha e Silva (2018) lembram que as carências escolares daqueles que integram as classes da EJA demonstram, na realidade, as necessidades sociais às quais são lançados.

Como destaca Ribeiro (2001), “[...] a finalidade imediata da educação (muitas vezes não cumprida) é a de tornar possível um maior grau de consciência, ou seja, de conhecimento, compreensão da realidade da qual nós, seres humanos, somos parte e na qual atuamos teórica e praticamente” (Ribeiro, 2001). Dessa forma, se os seres humanos, para serem considerados humanos, necessitam de um processo de humanização, histórico e social de formação humana – de educação –, a educação tem como papel social o de oferecer esta tarefa, não excluindo da EJA esta função, pois muitos alunos da EJA possuem experiências de vida valiosas que podem enriquecer o ambiente escolar e contribuir para uma educação mais plural e diversa.

A esse respeito, cabe considerar que muitos alunos da EJA são fruto das dificuldades de acesso ou insucesso da sua caminhada escolar, excluídos pelas desigualdades sociais provocadas pelas “[...] disparidades econômicas e sociais do sistema capitalista, problemática que no contexto da sociedade globalizada tende a se complexificar diante das novas exigências de formação e domínio tecnológico.” (Araujo, 2011, p.34).

É importante valorizar e respeitar os alunos da EJA, reconhecendo suas habilidades e conhecimentos adquiridos ao longo da vida. É fundamental oferecer um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, que valorize a diversidade e a experiência de vida dos alunos da EJA, de modo a incentivar sua participação ativa e engajada no processo educacional.

Em suma, o estigma em relação aos alunos da EJA é um problema que precisa ser enfrentado e superado. A valorização e o respeito a essa modalidade de ensino são fundamentais para promover a inclusão social e a formação educacional de jovens e adultos brasileiros.

Nesse contexto, é primordial reiterar que a EJA é uma educação admitida e com capacidade inegável de transformar substancialmente a história de vida dos sujeitos, possibilitando-lhes a chance de proceder a uma reinvenção de si mesmos e a visualização de novas perspectivas, portanto, não sendo um mero momento, cujo tempo precisa ser preenchido, porém um processo contínuo de formação muito relevante e significativo. (Di Pierro, 2001, p. 22).

Como aponta a Resolução nº 1, de 5 de julho de 2000, “Ela (a EJA) possibilita ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extra-escolar e na própria vida, possibilita um nível técnico e profissional mais qualificado”. (Brasil, 2000, p. 10).

A Educação de Jovens e Adultos tem como intenção primordial a reparação de uma dívida social; assim, ela torna-se um momento de nova significação de vida para os indivíduos que irão refletir acerca dos seus conhecimentos, e ampliá-los de forma a atender as suas necessidades pessoais. Também a ampliação de atendimento escolar, através dessa modalidade de educação, promove diferentes níveis de formação na medida em que passa a exercer funções mais específicas, atribuindo assim a essa modalidade de ensino três funções: a reparadora quando é oferecida uma escola de qualidade; função equalizadora quando permite ao indivíduo sua entrada no sistema educacional e função qualificadora quando propicia novos conhecimentos. (Gomes, 2015, p. 07-08).

Sendo assim, como destaca Gomes (2015), é fundamental reconhecer que os estudantes da EJA são pessoas com uma própria linguagem construída por meio de suas vivências, que integram o mercado de trabalho, respondendo a demandas pessoais, familiares e sociais, cujos saberes advêm de suas experiências e que precisam ser valorizados e respeitados, visto que suas singularidades também possuem uma riqueza de conhecimentos que devem ser observada e considerada pelo ambiente escolar.

A oferta da EJA é uma medida de inclusão social, que busca garantir o direito à educação para todos os brasileiros. A educação é um direito fundamental e a EJA é uma forma de assegurar que esse direito seja efetivado para aqueles que, por diferentes motivos, não tiveram acesso à educação básica na idade adequada. A EJA também é importante para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária por ser a educação, um fator determinante para o desenvolvimento social e econômico de um país, a EJA contribui para a formação de uma população mais qualificada e capaz de participar ativamente do desenvolvimento do país. (Contini, 2008).

Por fim, a oferta desta modalidade de ensino é importante porque contribui para a promoção da cidadania e o exercício pleno da democracia. A educação é um dos pilares da democracia, e a EJA é uma forma de garantir que todos os cidadãos brasileiros tenham acesso a uma formação básica que lhes permita compreender e participar ativamente da vida política e social do país. (FARDIM; RAGGI, 2023).

Em resumo, a oferta da Educação de Jovens e Adultos é de extrema importância para a população brasileira, sendo uma forma de garantir o direito à educação para todos, contribuindo para a redução do analfabetismo, a inclusão social, o desenvolvimento econômico e a promoção da cidadania e da democracia (Sousa; Silveira, 2021).

1.4 Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul: referenciais e desafios para uma modalidade transformadora

Com base nas estatísticas fornecidas pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada do estado de Mato Grosso do Sul é de aproximadamente 2.619.657 habitantes, distribuídos entre 79 municípios. Segundo dados do IBGE, referentes ao ano 2000, há uma proporção de 166.000 analfabetos com idade acima de 15 anos no estado, o que equivale a 12% do total de jovens e adultos. Essa análise aponta para a constatação de que ao longo das últimas décadas, os programas e iniciativas educacionais implementados não têm atendido de maneira satisfatória às demandas dessa parcela específica da sociedade (Mato Grosso do Sul, 2015).

A Secretaria de Estado de Educação (SED, 2015) implementa políticas e iniciativas com o propósito de assegurar a conformidade com os preceitos legais estabelecidos, visando proporcionar acesso à educação formal para todos, mesmo em fases tardias da vida, considerando a diversidade étnico-cultural e socioeconômica. Esse comprometimento é evidenciado nos seguintes indicadores:

De acordo com os dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao ano de 2010, a população brasileira com 15 anos ou mais inclui aproximadamente 13,9 milhões de indivíduos classificados como analfabetos. Ao segmentar esses dados por gênero, verifica-se que os homens apresentam uma taxa de 9,9%, enquanto as mulheres registram 9,3% de analfabetismo.

Quanto à distribuição geográfica, o IBGE destaca que 23,18% da população analfabeta do país reside em áreas rurais, enquanto as áreas urbanas abrangem 7,28% desse índice. Esses números indicam a necessidade de estratégias específicas para abordar as disparidades educacionais entre as zonas urbanas e rurais, refletindo a complexidade do panorama educacional brasileiro.

No quadro 1, apresentamos dados do IBGE que evidenciam a correlação entre idade e a proporção percentual de indivíduos analfabetos:

Quadro 1 - Correlação entre idade e a proporção percentual de indivíduos analfabetos.

Idade	Porcentagem
60 anos ou mais	26,5%

50 a 59 anos	13,8%
40 a 49 anos	9,9%
30 a 39 anos	6,6%
25 a 29 anos	4,0%
18 a 24 anos	2,6%
15 a 17 anos	2,2%

Fonte: Programa Brasil Alfabetizado Fonte: IBGE, 2010

Em matéria veiculada pelo portal de notícias Campo Grande News, com redação de Lucas Mamédio (2024, s/p), temos que:

Quanto ao estado de Mato Grosso do Sul, do total de 2.150.221 pessoas que compõem o Censo em Mato Grosso do Sul no ano de 2022, 2.034.357 são alfabetizadas, ou seja, 94,6 % das pessoas. Da quantidade de 115.864 que não sabem ler ou escrever, 55.576 são homens e 60.288 mulheres. Neste caso, as mulheres representam 52% dos analfabetos no Estado. (CAMPO GRANDE NEWS, 2024, s/p).

Entende-se relevante, portanto, a análise dos dados apresentados no quadro 2, que revelam a quantidade de inscrições no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Mato Grosso do Sul.

Quadro 2 - Quantidade de inscrições no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Mato Grosso do Sul.

Matrículas na Rede Estadual – Fundamental		Matrículas na Rede Estadual – Médio		Matrículas na modalidade de EJA na Rede Estadual – Total	
2006	34.380	2006	24.748	2006	59.128
2007	34.041	2007	28.384	2007	62.425
2008	33.354	2008	28.904	2008	62.345
2009	32.556	2009	27.569	2009	60.238
2010	17.678	2010	20.610	2010	38.351
2011	17.189	2011	20.923	2011	38.167

Fonte: Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul Fonte: Secretaria de Estado de Educação (SED, 2015, p. 05)

É observável que, a partir de 2010, ocorreu uma acentuada redução no total de matrículas, contrastando com os anos de 2006 a 2010. A importante queda do número de

alunos da EJA pode ser, em hipótese, explicada pela falta de tempo devido a responsabilidades pessoais, baixa valorização do processo educacional frente às demandas laborais, dificuldade de acesso ao ambiente escolar, problemas de saúde, e ainda, desmotivação e ausência de apoio familiar. Vale ressaltar que o Curso da Educação de Jovens e Adultos possui como finalidades orientar na promoção da formação cidadã, fomentar a pluralidade cultural e fortalecer uma visão mais participativa, crítica e reflexiva dos estudantes nas decisões relacionadas aos assuntos que os afetam. Nesse contexto, ecoando as palavras de Paulo Freire, "Educar para a vida requer um olhar que se projete para fora da escola e para o futuro" (Freire, 1996, p. 43).

Tendo em vista as problemáticas que afligem os indivíduos que não permanecem no meio escolar, podemos verificar que essa questão se encontra oposta aos objetivos destacados pela Secretaria de Estado de Educação, os quais demonstram o que sustenta as orientações para o ensino de EJA.

- Propiciar o direito à educação de jovens, adultos e idosos, atendendo às especificidades das comunidades indígenas, quilombolas, afrodescendentes, do campo, ribeirinhas, de periferias urbanas, com necessidades educacionais específicas, e de pessoas privadas de liberdade.
- Consolidar o processo de alfabetização e letramento de jovens, adultos e idosos, propiciando a continuidade dos seus estudos.
- Desenvolver a capacidade de aprender dos estudantes, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.
 - Reconhecer o jovem, o adulto e o idoso como sujeitos que elaboram e ressignificam o conhecimento.
- Propiciar aos estudantes a compreensão do ambiente natural e social, dos sistemas políticos, das artes, das tecnologias e dos valores em que a sociedade se fundamenta.
- Formular e executar propostas educativas que contribuam para a transformação social.
- Proporcionar as reflexões acerca das concepções e relações de trabalho.
- Fortalecer os vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.
 - Desenvolver a capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.
- Consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos.
- Promover a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar às condições de ocupação ou aperfeiçoamento. • Aprimorar o educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.
 - Compreender os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (SED, 2015, p. 07).

No estado de Mato Grosso do Sul, a implementação da Deliberação CEE/MS nº 6220, de 1º de junho de 2001, que regulamenta a oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA), teve a atuação do Conselho Estadual de Educação (CEE/MS) a qual reconhece a urgência de revisão dessa norma. Esta necessidade de reformulação foi amplamente discutida durante os Encontros do Fórum de Educação de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul (FEJA/MS) nos anos de 2006 e 2007, em que diversas instituições e segmentos contribuíram com questionamentos e proposições para a elaboração da referida norma. O CEE/MS, em parceria com o FEJA/MS, possibilitou a participação ativa da sociedade na discussão das questões relevantes para a construção de políticas e normas que pudessem atender eficazmente às necessidades do jovem e adulto trabalhador.

Os fóruns de EJA consolidaram-se como espaços significativos na defesa dessa população. Como resultado dessas movimentações, hoje há maior disponibilidade de produção acadêmica, material didático e iniciativas inovadoras destinadas a garantir os direitos específicos dos jovens e adultos. Além disso, há proposições no âmbito normativo e regulatório que asseguram a pluralidade de seus direitos.

Em decorrência das articulações nos Fóruns e Encontros Nacionais da Educação de Jovens e Adultos (ENEJA), destacam-se alguns avanços, tais como: a existência de um espaço institucional no Ministério da Educação (MEC) - a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad); a inclusão da EJA nas novas estruturas de financiamento da educação básica pública - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Básico e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).

Essa modalidade de ensino não apenas se constitui como campo de pesquisa e formação acadêmica, mas também é reconhecida como um espaço específico de políticas públicas, formação docente, produção teórica e intervenções pedagógicas. Para a efetivação dessas políticas, é fundamental estabelecer uma interlocução com a sociedade e instituições formadoras, assegurando um projeto pedagógico que atenda às necessidades dos jovens e adultos trabalhadores.

Citamos aqui o “Projeto pedagógico do curso de educação de jovens e adultos, na modalidade educação a distância – Acesso ao Saber”, aprovado pela SED em 2022, no qual consta que o perfil dos estudantes matriculados nos Cursos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Mato Grosso do Sul reflete uma diversidade de experiências e necessidades. Eles são caracterizados por origens socioeconômicas e educacionais desfavorecidas, privados de

direitos sociais e culturais. As suas passagens escolares são marcadas por insucessos devido a repetições e interrupções na trajetória educacional. Decorre desse contexto, ainda segundo o documento, dificuldades de interação com o ambiente escolar, professores e colegas, além da ausência de perspectivas sociais ou econômicas claras. (SED, 2022).

Nesse contexto, a EJA em modalidade EaD, tem como objetivo promover a autonomia do aluno por meio de estudo flexível e independente. Os estudantes, com o apoio do professor mediador, são incentivados a desenvolver ao máximo sua autonomia com ciência de suas responsabilidades. Fomenta-se assim a organização do tempo e o planejamento os estudos, a prática da pesquisa, da leitura e escrita, e a sistematização da aprendizagem.

Ao concluir o curso, esse estudante egresso deverá dominar instrumentos da cultura letrada para melhor compreender e atuar no mundo, conhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira, respeitando as diferenças, elevar a autoestima e confiança na capacidade de aprendizagem, valorizando a educação como meio de desenvolvimento pessoal e social, além de exercitar a autonomia pessoal com responsabilidade, aprimorando a convivência em diferentes espaços sociais e desenvolver habilidades de análise, reflexão e argumentação (SED, 2022).

A idade para ingresso na EJA é uma questão debatida, buscando evitar a migração de estudantes do ensino regular para cursos de EJA, o que poderia resultar apenas na abreviação do tempo de permanência na escola. Por outro lado, há uma preocupação constante com os milhões de jovens e adultos que têm direito à educação básica, mas que não estão inseridos nas instituições de ensino ou nos programas nacionais destinados a essa modalidade. Essa visão evidencia uma maior sensibilidade do Estado e da sociedade em relação aos direitos dos jovens e adultos à educação.

O resgate do Parecer CNE/CEB nº 11/2000 é fundamental para compreender as bases legais, diretrizes e evolução histórica da EJA no Brasil. Esse parecer também destaca a importância de garantir um projeto pedagógico adequado, currículo com metodologias apropriadas e financiamento necessário para essa modalidade de ensino:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do

trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. § 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I – no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II – no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. § 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames. (Brasil, 2000, s/p).

De acordo com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (Brasil, 2003, p.17), a educação básica é considerada um direito social inalienável para todas as pessoas, incluindo jovens e adultos, ao longo de toda a vida. Essa abordagem alinha-se à compreensão de que a educação é um processo contínuo e fundamental para o pleno exercício da cidadania. Além disso, reconhece-se que a aprendizagem pode ocorrer em diferentes momentos da vida, seja por meio de trajetórias educativas formais ou por práticas informais (Mello, 2012).

Portanto, a abordagem proposta pelo Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos enfatiza não apenas a dimensão educacional, mas também a perspectiva de formação integral dos indivíduos, promovendo o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes necessários para uma participação ativa na sociedade.

Pelo exposto, A Educação de Jovens e Adultos (EJA) busca não apenas cumprir uma obrigação legal, mas reconhecer a singularidade e dignidade de cada indivíduo. Nessa abordagem, as instituições de ensino que oferecem a EJA buscam entender as histórias de vida, desafios e potenciais dos jovens e adultos, incorporando essas nuances no processo educacional.

Numa perspectiva mais abrangente, a identidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser pautada pela diversidade e amplitude das práticas educativas. Essas práticas não se restringem ao ambiente escolar convencional, mas se nutrem da energia e experiência dos jovens e adultos que desempenham papéis ativos no mundo do trabalho. Essa abordagem reconhece as particularidades do universo laboral, suas formas de aprendizado, histórias individuais, condições socioeconômicas, posições nas relações de poder, assim como sua diversidade étnico-racial, cultural, geracional e territorial. (Martins *et al.*, 2014)

No contexto da EJA, a educação para jovens e adultos implica na construção e reconstrução contínua de suas aprendizagens, por meio da ressignificação de elementos sociais culturalmente transmitidos. Destaca-se, portanto, a importância de considerar não apenas a dimensão acadêmica, mas também as dimensões sociais, culturais e de vida desses

aprendizes, proporcionando uma educação alinhada com suas vivências e contextos. (Martins *et al.*, 2014).

A priorização da EJA como um compromisso público exige investimentos substanciais por parte dos órgãos governamentais. Assegurar uma oferta educacional de qualidade implica esforços significativos na formação de professores, promovendo a articulação com instituições formadoras, criando alternativas de cooperação entre diferentes esferas de governo e os setores organizados da sociedade civil. Essa abordagem integrada busca mobilizar recursos e propostas para atender de maneira eficaz às necessidades educacionais dos jovens e adultos (Gadotti, 2008).

Ao invés de seguir uma abordagem padronizada, a proposta é criar ambientes educacionais mais acolhedores, flexíveis e adaptáveis. Isso implica considerar as diferentes identidades, experiências de vida e desafios enfrentados pelos estudantes adultos. Dessa forma, a EJA se torna um espaço não apenas de aprendizado acadêmico, mas também de crescimento pessoal, empoderamento e desenvolvimento de habilidades relevantes para a vida cotidiana. (Gadotti, 2008).

A EJA, em Mato Grosso do Sul, vai além de uma simples reparação da escolaridade perdida. Ela se propõe a construir uma identidade própria, respeitando as trajetórias de vida, experiências de trabalho e características individuais dos estudantes. Esse desafio implica investimentos significativos, formação continuada de professores e uma abordagem sensível à diversidade cultural e socioeconômica.

Ao reconhecer as particularidades dos estudantes da EJA, o estado assume o compromisso de transformar essa modalidade em um espaço de aprendizagem significativa. A busca por uma educação inclusiva e adequada não apenas compensa lacunas educacionais, mas contribui para a construção de uma sociedade mais justa, onde a diversidade é valorizada e as oportunidades educacionais são acessíveis a todos.

Em síntese, as orientações do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul buscam garantir a qualidade e a adequação dos cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) oferecidos no estado. O processo de credenciamento institucional, a autorização de funcionamento e a definição clara da organização dos cursos são pontos fundamentais. Além disso, a idade de dezoito anos para ingresso na EJA, respaldada legalmente, reflete a realidade dos alunos que buscam essa modalidade para acelerar seu percurso educacional.

A carga horária mínima da EJA é definida pelos sistemas de ensino e varia de acordo com o segmento e etapa do curso. Para os anos iniciais do Ensino Fundamental, a carga horária mínima é de 300 horas para contemplar os componentes essenciais da alfabetização e

150 horas para o ensino de noções básicas de matemática. Para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, a carga horária mínima é de 1.200 horas, sendo 1.200 horas para formação geral e 200 horas para a formação profissional (MEC, 2021).

O Curso de Educação de Jovens e Adultos, destinado às etapas do ensino fundamental e médio, é voltado para candidatos com mais de 18 anos. A admissão nos anos iniciais do ensino fundamental é permitida para candidatos a partir de 15 anos, contanto que não possuam proficiência na leitura, escrita e cálculo. Estudantes que concluírem os anos iniciais antes de atingir 18 anos devem se matricular no 6º ano do ensino fundamental regular.

Na primeira e segunda fase do ensino fundamental, a carga horária anual é de 730 horas-aula cada, distribuídas ao longo de 192 dias letivos, em quatro períodos de 48 dias cada. Já na terceira e quarta fase, a carga horária anual é de 768 horas-aula cada, também com duração de 192 dias letivos, divididos em quatro períodos de 48 dias cada.

A carga horária anual nas duas primeiras fases da etapa do ensino médio é de 807 horas-aula cada, com uma carga horária anual total de 673 horas, distribuídas ao longo de 192 dias letivos, divididos em quatro períodos de 48 dias cada. A duração de cada hora-aula é estipulada em 50 minutos (SED, 2015).

Para ingressar na etapa do ensino médio, é necessário apresentar um documento de conclusão do ensino fundamental. Na ausência deste, o candidato passará por uma avaliação com o único propósito de comprovar conhecimentos relacionados a essa etapa de ensino, sendo o resultado registrado em portaria. A responsabilidade pela avaliação recai sobre a equipe pedagógica da unidade escolar. Para efeitos de classificação, o desempenho considerado satisfatório é alcançar a nota mínima de 7,0 (sete) em cada componente curricular. Todos os procedimentos realizados durante as avaliações devem ser devidamente registrados em ata de ocorrência, assinada pelos gestores e professores.

Ao ingressar no ensino médio, seja por meio da apresentação de um documento de conclusão do ensino fundamental ou por meio de avaliação para verificar os conhecimentos desta etapa de ensino, o estudante deverá cumprir toda a carga horária estabelecida para o ensino médio.

O período de matrícula será definido em um calendário escolar específico elaborado pela unidade escolar. Após o início do oferecimento da fase, novas matrículas poderão ser realizadas, desde que a unidade escolar não tenha atingido o limite de 25% (vinte e cinco por cento) da carga horária total da fase desejada pelo estudante. Caso contrário, o aluno ingressará na condição de reprovado por frequência.

Quando o candidato apresentar um comprovante de escolaridade de uma organização

curricular diferenciada, ele será classificado em uma das fases, levando em consideração a ementa curricular ou, na ausência desta, será submetido a uma avaliação.

Quando da matrícula na 3ª ou 4ª fase da etapa do ensino fundamental deverá ser registrada no requerimento de matrícula a opção do estudante por frequentar ou não o componente curricular Ensino Religioso. Quando da matrícula na etapa do ensino médio deverá ser registrada no requerimento de matrícula a opção do estudante por cursar ou não a Língua Estrangeira Moderna de frequência facultativa. Aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, fica garantido o ingresso na etapa do ensino fundamental ou do ensino médio no Curso de Educação de Jovens e Adultos, atendido às peculiaridades dos mesmos, com base no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar (SED, 2015).

O início do funcionamento das etapas do ensino fundamental e do ensino médio do EJA, ocorrerá após a publicação do ato concessório no Diário Oficial do Estado. O horário de início, de término, o tempo destinado ao intervalo e o turno de funcionamento serão definidos pelos segmentos escolares internos envolvidos: Coordenadoria de Políticas para a Educação Básica, Coordenadoria de Normatização das Políticas Educacionais e Direção Colegiada da unidade escolar para a qual o funcionamento do Curso está autorizado, respeitando sempre que possível os interesses e necessidades dos estudantes, conforme calendário escolar específico (SED, 2015).

Da primeira à quarta fase do ensino fundamental no Curso de Educação de Jovens e Adultos, as atividades ocorrerão quatro dias por semana, de segunda a quinta-feira, com quatro aulas diárias de cinquenta minutos cada, e na sexta-feira com três aulas diárias de cinquenta minutos cada.

Já a etapa do ensino médio do Curso de Educação de Jovens e Adultos terá funcionamento ao longo de cinco dias na semana, de segunda a sexta-feira, com quatro aulas diárias de cinquenta minutos cada uma. Os períodos de estudos correspondem aos dois dias após o término de cada período, não considerados letivos e destinados ao aprimoramento das ações pedagógicas do corpo docente. Durante esses momentos, a unidade escolar deve garantir atividades que serão compartilhadas entre todos os profissionais envolvidos na Educação de Jovens e Adultos.

A organização desses estudos contínuos ficará a cargo do coordenador pedagógico em colaboração com a direção e/ou em parceria com a Coordenadoria de Políticas para a Educação Básica/Superintendência de Políticas da Educação/SUPED/SED.

O número mínimo necessário para abrir as salas de aula, tanto nas quatro fases do

ensino fundamental quanto nas duas fases do ensino médio, é de vinte e cinco estudantes por turma. Caso não se atinja esse número, a formação da turma não será efetivada. Essa política de estabelecer um número mínimo de vinte e cinco estudantes por turma para abrir as salas de aula nas diferentes fases do ensino fundamental e médio pode ter várias implicações. Por um lado, estabelecer um número mínimo de alunos por turma pode ser visto como uma tentativa de otimizar os recursos disponíveis, garantindo uma certa eficiência operacional nas escolas. Turmas menores podem demandar menos recursos financeiros e humanos, além de proporcionar um ambiente de aprendizagem potencialmente mais controlado e personalizado.

No entanto, essa política também pode ter desafios e preocupações associadas. Por exemplo, em áreas onde a população estudantil é baixa, pode ser difícil ou até impossível atingir o número mínimo exigido para formar uma turma. Isso pode levar à falta de acesso à educação para alguns alunos, especialmente em comunidades rurais ou remotas.

É fundamental destacar que a frequência dos estudantes deve ser ativamente incentivada, requerendo que pelo menos 75% da carga horária total das horas letivas seja cumprida para a aprovação em cada módulo, segmento, período, ciclo ou qualquer outra forma de organização do curso. Após a definição da forma de organização, a instituição de ensino deve estruturar o curso, garantindo uma sequência lógica, relevância e contextualização ao longo de todo o projeto pedagógico. Tais diretrizes têm como objetivo principal assegurar a qualidade e eficácia do processo educacional na modalidade EJA.

Em conclusão, é relevante ressaltar a contribuição de Romão (Gadotti, Romão, 2003, p. 70-71) no que diz respeito à avaliação de desempenho no contexto educacional. Essa contribuição abrange a avaliação não apenas do corpo docente, mas também do corpo discente e da instituição de ensino como um todo.

Não é possível dissociar a avaliação do desempenho do aluno na escola da avaliação do desempenho do professor e da instituição educacional. Isso se deve ao fato de que o sucesso ou fracasso do aluno é um reflexo direto do sucesso ou fracasso dos responsáveis por sua educação. Conforme argumentado por alguns autores, é crucial abandonar a mentalidade de reprovação, que muitas vezes é vista como um sinal de qualidade por parte da escola e do professor rigoroso. Em vez disso, devemos promover uma cultura de sucesso para o aluno, que reflita o trabalho competente de profissionais e instituições comprometidos com uma transformação social significativa e eficaz. (Gadotti; Romão, 2003).

O Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul propõe uma reflexão sobre a educação de jovens e adultos, considerando o legítimo direito à educação para todos. Esse conceito abstrato ganha concretude quando as instituições de ensino no estado assumem a

responsabilidade de oferecer essa modalidade com um compromisso real. Isso implica na elaboração de projetos pedagógicos que atendam às necessidades de conhecimento formal e escolarização dos cidadãos jovens e adultos sul-mato-grossenses.

Nesse sentido, o processo de avaliação no contexto educacional desempenha um papel fundamental. A abordagem proposta por Gadotti e Romão (2003) destaca a interconexão entre a avaliação do desempenho do aluno, do professor e da instituição. Essa perspectiva destaca a responsabilidade compartilhada no processo educacional, reconhecendo que o sucesso ou fracasso do aluno não é apenas resultado de seus esforços individuais, mas também está intrinsecamente ligado à eficácia do trabalho docente e às condições oferecidas pela instituição educacional.

A cultura de reprovação, segundo Gadotti e Romão (2003), não contribui para uma transformação social efetiva. Pelo contrário, pode perpetuar desigualdades e reforçar estigmas. Ao invés disso, é fundamental promover uma cultura de sucesso, onde o aluno seja apoiado e incentivado a superar desafios, e onde a avaliação seja compreendida como uma ferramenta para identificar áreas de melhoria e desenvolvimento, tanto para os estudantes quanto para os educadores e as instituições.

Diante desse contexto, as diretrizes do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul buscam incentivar uma abordagem mais ampla e integrada da avaliação no âmbito da EJA. A ênfase na formação continuada de professores, na busca por ambientes educacionais acolhedores e na consideração das diferentes identidades dos estudantes sugere uma compreensão da avaliação não apenas como um instrumento de medida de conhecimento, mas como parte de um processo mais amplo de desenvolvimento educacional e social.

A proposta de Romão (Gadotti, Romão, 2003) de avaliar não apenas o desempenho docente, mas também o desempenho institucional, destaca a importância de considerar o ambiente educacional como um todo. A instituição, como espaço de aprendizado, precisa ser avaliada em sua capacidade de proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento dos alunos e para o aprimoramento constante dos professores.

No que se refere à Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul, o compromisso com a qualidade e a adequação dos cursos ressalta a necessidade de uma avaliação contínua e reflexiva. O processo de credenciamento institucional, a autorização de funcionamento e a clara definição da organização dos cursos são elementos essenciais que contribuem para a eficácia da avaliação institucional. Garantir a sequência lógica, relevância e contextualização ao longo do projeto pedagógico, como sugerido pelas diretrizes, demonstra o

comprometimento com a qualidade do processo educacional na modalidade EJA.

A ênfase na frequência dos estudantes, com a exigência de pelo menos 75% da carga horária total para aprovação, reflete a importância atribuída à participação ativa dos alunos. Essa abordagem reconhece que a presença regular e engajada dos estudantes é fundamental para o êxito no processo educacional.

Em conclusão, a avaliação no contexto da Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul deve ser compreendida como uma ferramenta integrada ao processo educacional, promovendo uma cultura de sucesso, formação continuada de professores, e considerando a instituição como um agente ativo no desenvolvimento educacional e social.

Essa abordagem, alinhada às diretrizes do Conselho Estadual de Educação, busca não apenas medir o conhecimento, mas promover uma educação inclusiva, eficaz e transformadora para os jovens e adultos sul-mato-grossenses.

2. A DIVERSIDADE DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Escolher utilizar a terminologia “sujeitos” ao referir-se aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) ao longo do texto reflete uma postura político-epistemológica fundamentada em uma nova compreensão desses aprendizes (MEC, 2021). De acordo com Mancebo e Silva Júnior (2015, p. 80-81), esses alunos podem ser considerados como sujeitos detentores de conhecimentos, alguns provenientes do trabalho, e que possuem a capacidade de assimilar o conhecimento científico. Eles conseguem criar, por meio do exercício do pensamento crítico, condições de autonomia intelectual e crítica.

No âmbito da estrutura educacional, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é direcionada para aqueles que não tiveram acesso à educação formal na idade convencionalmente estabelecida pelo sistema. Adicionalmente, abrange indivíduos que interromperam sua trajetória educativa por circunstâncias adversas e que não conseguiram dar continuidade aos estudos, configurando-se, assim, como o público da EJA. Essas condições levaram esses sujeitos a se afastarem do sistema educacional e, conseqüentemente, a se encontrarem à margem da sociedade. De acordo com Machado e Moraes (2017, p. 82), essa perspectiva é reforçada pelo fato de que

(...) os sujeitos da EJA geralmente são trabalhadores que não tiveram acesso, no tempo —determinado legal, para sua escolarização básica. São sujeitos que residiram em locais afastados e de difícil acesso às escolas; sujeitos que necessitaram trabalhar desde criança para garantir a sobrevivência; há os que abandonaram a escola, desmotivados pelo modelo de educação brasileiro, ou aqueles que por reiteradas reprovações se veem na EJA. No caso das mulheres, há ainda aquelas que se casam precocemente e/ou engravidam e em função da família, deixam os estudos para um segundo plano. Ao voltarem ou permanecerem na escola todos esses sujeitos buscam uma nova chance na sociedade e em especial no mercado de trabalho.

Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) possuem características distintas em comparação aos alunos de outras modalidades de ensino, sendo essas particularidades essenciais para compreender e atender às suas necessidades. Em primeiro lugar, a idade dos estudantes da EJA é notavelmente superior à dos alunos regulares do Ensino Fundamental ou Médio, geralmente ultrapassando os 18 anos.

Esses alunos trazem consigo uma bagagem significativa de experiência de vida e trabalho, moldando suas perspectivas de mundo e de aprendizagem. A motivação para os estudos na EJA varia, alguns visam concluir os estudos para progredir em suas carreiras profissionais, enquanto outros buscam realizações pessoais ou superação de obstáculos sociais e econômicos.

Outro fator a considerar é a diversidade nos níveis de conhecimento prévio entre os estudantes da EJA, influenciando diretamente na sua aprendizagem e desempenho escolar. Dificuldades específicas, como a falta de prática em estudos formais e habilidades básicas de leitura e escrita, podem surgir devido às trajetórias educacionais distintas desses alunos. Além disso, muitos estudantes da EJA enfrentam responsabilidades familiares e sociais, como emprego e cuidado dos filhos, o que pode complicar a dedicação aos estudos. Dentre as muitas diversidades, a diversidade cultural também é marcante, resultante das origens regionais e étnicas diversas dos alunos, impactando suas perspectivas.

Diante dessas características, é crucial que as políticas públicas e as metodologias pedagógicas adotadas para a EJA sejam sensíveis às especificidades desses estudantes. Dessa forma, pode-se garantir uma educação mais inclusiva e adequada, atendendo efetivamente às suas necessidades e demandas individuais.

Gadotti e Romão (2003, p. 120), na obra "Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta", argumentam que a definição da especificidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) requer uma consideração cuidadosa. A escola não deve esquecer que o jovem e o adulto analfabeto são essencialmente trabalhadores, muitas vezes, em situações de subemprego ou desemprego, sujeitos a circunstâncias como mobilidade no serviço, alternância de turnos de trabalho e cansaço. A diversidade desses grupos sociais, incluindo perfil socioeconômico, étnico, de gênero, localização espacial e participação socioeconômica, precisa ser levada em conta. Assim, a promoção da EJA exige pluralismo, tolerância e solidariedade, bem como a adequação de espaços e alocação de recursos.

Portanto, aqueles que buscam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), frequentemente, têm o objetivo de melhorar suas condições de vida. Em sua maioria, são pessoas que enxergam a educação como um meio para alcançar uma posição mais elevada na sociedade, uma ferramenta que abrirá portas para oportunidades no mercado de trabalho ou possibilitará avanços profissionais. Esses indivíduos são parte essencial da classe trabalhadora, dependendo de suas ocupações para garantir sua subsistência (Arroyo, 2007).

Os estudantes da EJA trazem consigo um conhecimento próprio, construído a partir de suas relações sociais e mecanismos de sobrevivência. O contexto cultural do aluno

trabalhador deve funcionar como uma ponte entre seu conhecimento e o que a escola pode oferecer, evitando desinteresse, conflitos e a expectativa de fracasso, fatores que frequentemente resultam em altas taxas de evasão. A EJA não se propõe a ser simplesmente uma reposição da escolaridade perdida, como ocorre em cursos acelerados do ensino supletivo. Pelo contrário, deve construir uma identidade própria, sem concessões à qualidade de ensino, proporcionando terminalidade e acesso a certificados equivalentes ao ensino regular (Da Rocha, 2020).

Para promover ainda mais a efetividade da EJA, é crucial investir em programas de formação de professores específicos para essa modalidade, garantindo que os educadores estejam preparados para lidar com as demandas variadas desses alunos (Pena, 2022). Além disso, estratégias pedagógicas inovadoras, que considerem a diversidade de experiências e contextos dos estudantes da EJA, são fundamentais para tornar o processo educacional mais envolvente e eficaz.

A colaboração entre as esferas governamentais, instituições educacionais e organizações da sociedade civil também desempenha um papel essencial. O engajamento de diferentes setores da sociedade na promoção da EJA contribui para a criação de políticas mais abrangentes e eficazes, que atendam às necessidades específicas dessa população (Moura, 2023).

Ao reconhecer e valorizar as características singulares dos estudantes da EJA, a sociedade pode caminhar em direção a uma educação mais inclusiva, capaz de proporcionar oportunidades de aprendizado significativas e transformadoras para jovens e adultos que buscam aprimorar seus conhecimentos e habilidades.

A Educação de Jovens e Adultos, representada pela sigla EJA, possui uma heterogeneidade de indivíduos e realidades, alcançando condições sociais que interagem com culturas singulares, que passam a se encontrar em sala de aula com experiências de vida e conhecimentos adquiridos fora do ambiente escolar, o que pode enriquecer o processo educacional e ampliar o repertório dos estudantes.

A heterogeneidade da EJA diz respeito à faixa-etária, ao contexto socioeconômico, e às trajetórias de escolarização do sujeito, podendo ser também um espaço para a descoberta de novas habilidades e interesses. Os alunos têm a oportunidade de explorar diferentes áreas do conhecimento e descobrir suas aptidões, o que pode ser um importante fator de motivação para o processo ensino-aprendizagem.

A EJA pode contribuir para a formação de uma visão crítica e reflexiva sobre o mundo e sobre a própria vida, já que os alunos geralmente têm experiências de vida diversas e podem

trazer para a sala de aula uma perspectiva única sobre os temas abordados. A troca de experiências e conhecimentos pode ser uma ferramenta valiosa para a formação de uma visão crítica e reflexiva sobre a realidade social, política e econômica do país. Nesse sentido, a prática pedagógica envolvida nesse programa, assim como na educação regular, deve transpor os limites do ensino de conteúdos, para que seja favorecido o intercâmbio de conhecimentos provenientes dos alunos, promovendo uma educação capaz de tratar o indivíduo a partir de suas singularidades, para que a escolarização possa ser efetiva. (Moura, 2023).

Outro ponto importante é que a EJA pode contribuir para a formação de uma autoestima positiva nos alunos. Muitos alunos da EJA possuem histórias de vida marcadas por desafios e dificuldades, e o processo de retomada dos estudos pode ser um importante fator de empoderamento e valorização pessoal.

Desse modo, a Educação de Jovens e Adultos pode ser um meio facilitador para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos. A troca de experiências, a descoberta de novas habilidades, a formação de uma visão crítica e reflexiva sobre o mundo e a valorização pessoal são alguns dos aspectos que podem contribuir para uma formação mais plena e satisfatória dos estudantes da EJA.

Em nosso país, o programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi definido por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) n.º 9.394/1996, oportunizando o oferecimento de Ensino Regular Noturno a jovens e adultos, com base no entendimento de que os processos de formação são produzidos no contexto diário da família e da sociedade, e não somente no cenário da escola. (Soares, 2012, p. 57).

Conforme regulamenta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no Capítulo II, na Seção V:

Art. 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. § 1.º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2.º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (LDB, 1996, p. 13).

Segundo Batalha e Silva (2018), é preciso modificar a visão de que os jovens que compõem as classes da EJA são aqueles sujeitos que fracassaram no Ensino Regular, isto é,

estudantes que reprovaram, que já desistiram de estudar muitas vezes, com atrasos e déficits de aprendizagem, irresponsáveis e infrequentes. Em contrapartida, estes mesmos alunos devem ser percebidos, em primeiro lugar, como sujeitos dotados de potencialidades.

2.1 Estratégias para a formação de professores de EJA

A capacitação dos profissionais envolvidos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) se destaca como uma prioridade nas políticas públicas, evidenciando o comprometimento com a oferta de uma educação de qualidade nessa modalidade de ensino (De Vargas; Fávero; Rummert, 1999).

No contínuo esforço para aprimorar a qualidade da EJA, a formação continuada de professores se configura como uma frente crucial para entidades, tanto públicas quanto privadas. O objetivo é proporcionar oportunidades educacionais que contribuam significativamente para a efetiva construção da cidadania (De Vargas; Fatinato; Monteiro, 2005, p. 120).

Existem diversas estratégias que podem ser adotadas para a formação docente de professores de EJA. Uma delas é o oferecimento de cursos de formação específicos para essa modalidade de ensino. Esses cursos podem abordar temas como metodologias de ensino, estratégias de motivação dos alunos, avaliação, entre outros.

Os professores que atuam na EJA, provenientes de diversas áreas de formação inicial e geralmente preparados para o ensino regular, começam a trabalhar nessa modalidade por motivações diversas, como a conveniência do horário noturno, um aumento salarial ou a oportunidade de lecionar mais próximo de casa, entre outras (De Vargas; Fatinato; Monteiro, 2005). Devido à falta de preparação teórico-metodológica prévia, a compreensão das especificidades da EJA e das necessidades e possibilidades de seus alunos é construída ao longo do processo de trabalho. Esse é um "processo de aprendizagem, por meio do qual os professores reinterpretam sua formação e a adaptam à profissão" (Tardif, 2002, p. 53), desenvolvendo gradualmente uma identidade própria como educadores na EJA.

Os gestores e educadores convergem na opinião de que, se as motivações pessoais geralmente assinalam o início da jornada como docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a decisão de continuar nessa área, em grande parte, está relacionada à compreensão da relevância da educação para os alunos. Isso é acentuado pela empatia suscitada pelas histórias de vida, muitas vezes, marcadas pela exclusão social. Além das motivações pessoais, entram em jogo aquelas de natureza político-pedagógica e epistemológica, intrínsecas ao processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos.

Outra estratégia seria a realização de grupos de estudo entre os professores de EJA de uma mesma instituição. Esse tipo de iniciativa permite que os professores compartilhem experiências e troquem conhecimentos, o que pode ajudá-los a melhorar suas práticas pedagógicas.

Também é importante que a formação docente para professores de EJA inclua o uso de tecnologias educacionais. Isso pode ser feito por meio de cursos online ou da utilização de ferramentas digitais em sala de aula, como plataformas de ensino e aplicativos educacionais. A destarte cabe considerar que alguns cursos de formação de professores abordam de maneira superficial os conhecimentos sobre os objetos de ensino que o docente irá trabalhar futuramente, não os incitam para uma formação continuada de conhecimento das áreas, ofertando-lhes poucas chances de se aprofundarem nos contextos escolares da educação básica.

Uma coisa é conhecer um assunto como mero usuário, e outra é analisar esse mesmo assunto como um professor que vai colocar em prática no processo ensino-aprendizagem. Neste segundo caso, é preciso identificar, entre outros aspectos, obstáculos epistemológicos, obstáculos didáticos, relação destes conteúdos com o mundo real, sua aplicação em outras disciplinas, sua inserção histórica. “Ignorar esses dois níveis de apropriação do conteúdo que devem estar presentes na formação do professor, é um equívoco que precisa ser corrigido” (Brasil, 2000, p.28).

A formação de professores é primordial para a promoção de uma educação de qualidade e adequada às necessidades dessa parcela da educação, pois é necessário que os professores possam receber formação continuada e tenham acesso a estratégias e ações pedagógicas especializadas para essa modalidade de ensino. Dessa maneira, será possível contribuir para a inclusão educacional e para o desenvolvimento da sociedade como um todo.

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em cursos de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, LDB 9394/96, s/p)

O ato de se tornar um educador na educação de jovens e adultos também parece desencadear o que exploramos anteriormente como "a identificação com os alunos da EJA" (Fantinato; Garcia, 2010). Em essência, o trabalho docente com alunos adultos propicia uma aproximação mais estreita entre professores e alunos. Essa conexão pode ser influenciada por

diversos elementos, como a proximidade de faixa etária entre educadores e aprendizes, permitindo a abordagem em sala de aula de tópicos que estariam distantes de um currículo voltado para crianças.

2.2 O aluno da EJA em um contexto de desigualdade: as contribuições de Paulo Freire e de Pierre Bourdieu

Em se tratando do Ensino de Jovens e Adultos, muitas são as questões que permeiam tanto o contexto de ensino-aprendizagem do discente, quanto a vivência extra-sala desse aluno, suas deficiências e as desigualdades às quais são enfrentadas cotidianamente por esses indivíduos. Nesse sentido, temos as acepções teóricas de Paulo Freire e Pierre Bourdieu, que contribuem para a análise e compreensão dessas questões.

Paulo Freire foi um educador brasileiro que desenvolveu uma pedagogia crítica e libertadora, baseada no diálogo entre o educador e o educando. Segundo o autor, a educação deve ser um processo de conscientização, em que os alunos são encorajados a refletir sobre sua realidade e a transformá-la.

Na perspectiva de Freire (1998), os alunos da EJA são sujeitos históricos e sociais que precisam ser valorizados em sua cultura e em suas experiências. Além disso, a educação deve ser uma prática que os ajude a superar sua condição de marginalização e opressão. Para isso, o educador deve trabalhar com o conhecimento prévio dos alunos e ajudá-los a desenvolver sua capacidade crítica e reflexiva.

Paulo Freire (1998) propõe uma visão de um processo de escolarização que não pode ser neutro, em virtude de toda a heterogeneidade sócio-cultural instaurada no sujeito discente. Sendo assim, o aprendizado se daria a priori, partindo da experiência do aluno e das raízes sociais e culturais do educando.

O autor dispõe que a alfabetização deveria ocorrer concomitantemente à compreensão das relações sociais que circundam o aluno, não se podendo dissociar o meio escolar, do meio cotidiano desse indivíduo. Para o autor, essas questões deveriam ser projetadas de modo crítico ao contexto de ensino, oportunizando ao educador um posicionamento ativo frente às desigualdades que impactam o âmbito do ensino-aprendizagem.

Pierre Bourdieu foi um sociólogo francês que estudou as desigualdades sociais e educacionais. Segundo Bourdieu (1998), a sociedade é marcada por relações de poder que se expressam em diferentes campos, como o campo educacional. Nesse contexto, a educação reproduz as desigualdades sociais, reproduzindo também as formas de dominação simbólica. No que se refere ao autor, temos como elemento para a compreensão da relação entre aluno e

seu contexto de desigualdade, a disposição do conceito de “capital cultural”, sob o qual tem-se a seguinte construção, a partir da perspectiva do autor:

[...] a noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe (Bourdieu, 1998, p.73).

A perspectiva de Bourdieu (1998) retrata o ambiente escolar em um contexto que remete ao plano desfavorável encontrado pelo aluno que não é proveniente de um ambiente familiar que proporcione a ele o acesso e o convívio com bens culturais. Por essa perspectiva, o indivíduo com a *ausência de capital cultural* seria prejudicado no processo de escolarização, o que tornaria seu sucesso nesse ambiente de caráter improvável.

Os alunos da EJA estão inseridos em um contexto de desigualdade que influencia suas trajetórias educacionais, sendo constituído por meio do *habitus*, que é o conjunto de disposições adquiridas por meio da socialização que orienta as práticas e as escolhas dos indivíduos.

Bourdieu (1998) destaca a importância da escola como um espaço de legitimação das desigualdades sociais e educacionais. Nesse sentido, é fundamental que os educadores da EJA trabalhem de forma crítica e reflexiva, buscando desconstruir as formas de dominação simbólica presentes na sociedade.

As contribuições de Paulo Freire e Pierre Bourdieu são importantes para compreender os desafios da Educação de Jovens e Adultos em um contexto de desigualdade social e educacional. Enquanto Freire (1998) destaca a importância da valorização dos saberes prévios dos alunos e da construção de uma educação crítica e libertadora, Bourdieu (1998) aponta para a necessidade de compreender as formas de dominação simbólica presentes na sociedade e na escola. Juntos, esses dois autores podem contribuir para a compreensão sobre uma educação mais justa e inclusiva para os alunos da EJA.

2.3 Lahire e o sucesso escolar

Bernard Lahire é um sociólogo francês que tem se dedicado a estudar a relação entre educação e desigualdades sociais. Em seus estudos, Lahire (2004) analisa a construção do

sucesso escolar e as formas como ele é distribuído entre os alunos.

Com o intuito de discutir sobre as nuances que permeiam a esfera da potencialidade escolar do sujeito, mais especificamente do egresso da EJA, dispomos da perspectiva de Bernard Lahire (2004), no que tange às noções de socialização do indivíduo e suas prospecções no êxito da trajetória escolar. Tendo em vista a referida perspectiva, propomos verificar até que ponto se faz relativa a articulação entre o contexto social no qual se insere o aluno, e o senso de sucesso ou fracasso no ambiente escolar.

Com relação às considerações de Lahire (2004), compreende-se que estas se fazem pertinentes na presente pesquisa uma vez que esboçam as possibilidades de sucesso do aluno, ainda que este se encontre em um contexto contrário à escolarização. Sendo assim, leva-se em conta, além do capital cultural, outros índices que podem favorecer o êxito do indivíduo, índices esses denominados como “mediadores sociais”, que permeiam a configuração familiar e social do aluno. Ainda, do ponto de vista do autor, o sucesso escolar não é uma questão individual, mas sim o resultado de um conjunto de fatores sociais e culturais que influenciam as trajetórias escolares dos alunos. Esses fatores incluem a origem social, as relações familiares, as experiências escolares anteriores, entre outros. De acordo com essa questão, o “capital cultural” se faz tão relevante quanto uma boa configuração familiar, permeada pela ordem moral doméstica e formas de autoridade familiar. Com isso, temos a desmistificação da inferência de que apenas indivíduos com capital cultural constituído, pode lograr êxito na escolarização.

Para Lahire (2004), a escola é um espaço de reprodução das desigualdades sociais, já que ela valoriza certas formas de conhecimento e habilidades em detrimento de outras. Por exemplo, a escola valoriza mais o conhecimento teórico do que o prático, o que pode desvalorizar a cultura e as habilidades de certos grupos sociais.

Como decorrência, esse autor destaca também a importância da relação entre a escola e a família na construção do sucesso escolar. Ele argumenta que as relações familiares podem influenciar de forma significativa a trajetória escolar dos alunos. Por exemplo, a forma como os pais se envolvem com a escola e o grau de importância que eles atribuem aos estudos dos filhos podem influenciar sua motivação e desempenho escolar.

Por fim, o autor sustenta a ideia da importância de se considerar as experiências escolares anteriores dos alunos na construção do sucesso escolar. Ele corrobora que as experiências escolares anteriores podem influenciar significativamente a forma como os alunos se relacionam com a escola e com o conhecimento. Por exemplo, um aluno que teve experiências escolares negativas no passado pode apresentar dificuldades para se motivar e se

envolver com os estudos no presente.

Interessante notar que Lahire (2004) concebe os termos “sucesso” e “fracasso” escolar de forma subjetiva, e os grafa em sua obra - *Sucesso Escolar nos meios populares: As razões do improvável*. O sociólogo compreende que essas noções devem ser verificadas além do contexto curricular, levando-se em conta possíveis aspectos que podem ser analisados de modo mais profícuo do êxito ou não êxito do educando na atmosfera escolar.

Ao se referir a questão do “fracasso” escolar, Lahire (2004, p. 19) afirma que:

De certo modo, podemos dizer que os casos de "fracassos" escolares são casos de solidão dos alunos no universo escolar: muito pouco daquilo que interiorizaram através da estrutura de coexistência familiar lhes possibilita enfrentar as regras do jogo escolar (os tipos de orientação cognitiva, os tipos de práticas de linguagem, os tipos de comportamentos próprios à escola), as formas escolares de relações sociais. (Lahire, 2004, p. 19).

Dessa maneira, de acordo com Lahire a origem social e o “capital cultural”, ou a falta dele, não se apresentam enquanto fatores pré-determinantes para o fracasso do indivíduo na esfera da escolarização, aspecto que retira a carga estigmatizante que a EJA apresenta, por trabalhar com indivíduos desfavorecidos em termos de oportunidades.

Partindo dos pressupostos verificados a partir da perspectiva de Lahire (2004), consoante a Bourdieu (1998), entende-se que a EJA atua no contexto da formação do sujeito, levando em conta a realidade da escola e a dinâmica cotidiana do indivíduo que cursa essa modalidade de ensino, bem como suas vivências e os desafios transpostos, para que seja possível a conclusão da etapa de escolarização. Sendo assim, a configuração possibilitadora da EJA, capaz de alavancar a perspectiva do sujeito, passa a assegurar uma vida social mais justa e igualitária, ausentando o indivíduo das mazelas geradas pela exclusão, e propiciando o direito ao saber escolar, reconhecendo o aluno e fornecendo as condições necessárias para sua atuação na vida em sociedade.

Lahire (2004) defende que o sucesso escolar não pode ser explicado apenas por fatores individuais, mas sim por uma série de fatores sociais e culturais que influenciam as trajetórias escolares dos alunos. Para esse autor, é importante considerar as desigualdades sociais presentes na sociedade e na escola para se compreender a construção do sucesso escolar e buscar formas de tornar a educação mais inclusiva e equitativa.

2.4 Trajetórias na Educação Fundamental e Média

Neste subitem, abordamos os dados relacionados aos obstáculos institucionais enfrentados pelos alunos participantes do estudo, com foco em sua capacidade de permanecer nos cursos de graduação até concluí-la. Além disso, foram discutidas as contrapartidas institucionais no que diz respeito ao suporte estudantil, com o objetivo de garantir as condições necessárias para que os ex-alunos da EJA possam continuar frequentando as aulas e concluir com êxito os cursos de ensino superior oferecidos pela UEMS.

Isso inclui a análise das considerações políticas e financeiras que influenciam o cenário da Educação Superior a nível nacional, as circunstâncias de aprendizado que moldam a vida acadêmica dos alunos, bem como as situações de suas vidas pessoais que ocorrem fora da instituição de ensino superior. Também se faz abordado o suporte pedagógico e financeiro fornecido aos estudantes pela UEMS, juntamente a suas perspectivas em relação à conclusão dos cursos e futura carreira profissional.

Conforme salientado ao longo deste estudo, o segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) abrange um público diversificado, que inclui jovens, adultos, e idosos, com uma variedade de situações, como trabalhadores, desempregados, donas de casa, pessoas com deficiências, e uma ampla gama de características culturais, religiosas, sociais, políticas e econômicas. É essencial que as escolas e os educadores estejam cientes da heterogeneidade das turmas de EJA, reavaliem suas abordagens curriculares e assumam o compromisso de promover uma mudança social nesses alunos, com o intuito de combater as desigualdades educacionais existentes. No que diz respeito a essa diversidade de perfis representada nessa modalidade de ensino, os participantes do estudo estão detalhados no quadro 3:

Quadro 3 - Perfil sócio demográfico das alunas participantes da pesquisa

Participante	Idade	Sexo	Naturalidade	Cor	Estado civil
A	47 anos	Feminino	Pontes e Lacerda – MT	Branca	Casada
B	47 anos	Feminino	Cravinhos – SP	Branca	Solteira
C	55 anos	Feminino	Belenzinho – SP	Parda	Casada

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Os dados apresentados no quadro 3 demonstram que os participantes da pesquisa exibem algumas especificidades, incluindo diferenças em relação à idade, cidade de origem, etnia e estado civil. Essa variedade de perfis é uma característica intrínseca das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), e compreender essas especificidades, como a faixa etária e a realidade sociocultural dos alunos matriculados nessa modalidade de ensino, é de suma importância tanto para as escolas quanto para os professores. Essas informações podem subsidiar o planejamento escolar, a escolha de métodos didáticos, e a adoção de estratégias de ensino que atendam às necessidades individuais dos alunos, promovendo assim a construção de novos conhecimentos, facilitando a aprendizagem e contribuindo para a permanência deles na escola.

No caso das entrevistadas, elas estudaram a maior parte do tempo na Educação de Jovens e Adultos. O público feminino da Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrenta uma série de desafios únicos, especialmente as mulheres. A EJA é frequentemente frequentada por pessoas que retornam à educação após um período de afastamento, muitas vezes devido a responsabilidades familiares, trabalho ou outras circunstâncias da vida. Para as mulheres, esses desafios podem ser ampliados devido a questões de gênero e desigualdades estruturais.

Avançar numa nova concepção de EJA significa reconhecer o direito a uma escolarização para todas as pessoas, independente de sua idade. Significa reconhecer que não se pode privar parte da população dos conteúdos e bens simbólicos acumulados historicamente e que são transmitidos pelos processos escolares. Significa reconhecer que a garantia do direito humano à educação passa pela elevação da escolaridade média de toda a população e pela eliminação do analfabetismo. (Haddad, 2002, p. 15)

A análise dessa citação ressalta a necessidade de a Educação de Jovens e Adultos (EJA) evoluir além de sua histórica associação com o Ensino Supletivo. É fundamental reconhecer que os alunos da EJA são membros da sociedade com uma ampla variedade de experiências de vida, repletas de triunfos e adversidades, que contribuem para suas identidades históricas (HADDAD, 2002). A escola deve levar em conta fatores como classe social, questões relacionadas à alimentação, moradia, questões de gênero, etnia, deficiências e outras características individuais.

Para atender às necessidades específicas da EJA, é essencial que a escola e os professores fundamentem o desenvolvimento do currículo por meio de avaliações iniciais que identifiquem o conhecimento prévio dos alunos, além de mapear suas características pessoais

e entender o que esperam da experiência escolar.

No entanto, é importante observar que algumas instituições de ensino e seus professores ainda enfrentam desafios relacionados à sua formação inicial e contínua para atuar eficazmente na EJA. Esses desafios podem surgir devido à falta de compreensão abrangente dos princípios teóricos subjacentes à educação de adultos, bem como à escassez de diretrizes pedagógicas claras e práticas emitidas pelas autoridades educacionais em níveis federal, estadual e municipal (Feitosa, 1999.)

A ampla gama de abordagens de aprendizagem disponíveis na EJA é um reflexo da diversidade de alunos que essa modalidade de ensino atende, cada um com seu próprio conjunto de experiências e circunstâncias. Essa variedade de oportunidades educacionais desempenha um papel crucial na preparação dos alunos para suas metas futuras, seja ingressar no mercado de trabalho ou buscar educação superior.

Quadro 4 - Conclusão do Ensino Fundamental e Médio

Participante	Etapa concluída	Certificação de Conclusão do Ensino Fundamental e Médio	Duração
A	EF e EM	EJA	18 meses
B	EF e EM	EJA	12 meses
C	EF e EM	EJA	18 meses

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Entre as participantes da pesquisa, observou-se que as três obtiveram seu certificado de conclusão do Ensino Fundamental e Médio por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Passaram um longo período afastados do ambiente escolar antes de tomarem a decisão de retornar e recomeçar seus estudos na EJA, visando concluir sua formação educacional básica.

No âmbito da Educação, entende-se que é a partir da prática da educação que o educador se educa, exigindo, na função de educar, um esforço constante de atenção e de renovação de suas práticas, em que o educador precisa aprender a educar-se com cada educando, a partir das funções de coordenação e de gerenciamento das aprendizagens dos estudantes (Gadotti, 2008, p. 87).

O Ensino Médio em formato EJA está disponível nas escolas públicas estaduais do Brasil. Esse programa de ensino ocorre no período noturno e segue um currículo acelerado, projetado para facilitar uma educação mais rápida. Cada semestre corresponde a um ano do

ensino regular, e conta com as seguintes disciplinas: Sociologia, Filosofia, Biologia, Física, Química, Língua Portuguesa, Inglês, Artes, História, Geografia, Educação Física e Matemática

Os exames de certificação na Educação de Jovens e Adultos se dão pelo ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos), consistindo em avaliações que medem as habilidades dos alunos para obter o certificado de conclusão do Ensino Fundamental e Médio. Essa certificação, que se baseia na realização de exames a nível nacional, estadual e municipal, é destinada a indivíduos que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola. Ela parte do princípio de que essas pessoas adquiriram conhecimentos e habilidades ao longo da vida, que podem ser comprovados por meio dessas avaliações.

É importante destacar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) não se limita apenas à busca de uma certificação escolar. Muitas pessoas optam por essa modalidade de ensino não apenas para obter um diploma, mas também porque enfrentaram diversas circunstâncias que as levaram a interromper seus estudos no passado. Retornar à escola após um longo período representa um esforço significativo e um sentimento de recuperar o tempo perdido, possibilitando a oportunidade de realizar o que poderiam ter feito quando estavam na idade apropriada para a educação formal.

A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários. (Paiva, 1973, p. 16).

Assim, para esses indivíduos, o ato de voltar à educação básica pode ter diversos significados, que vão desde a busca por prosseguir seus estudos em níveis mais avançados até a entrada no mercado de trabalho, além de efetuar realizações pessoais. Destaco, nesse contexto, a importância de a escola e os professores estarem cientes das expectativas dos alunos em relação à instituição de ensino. Isso permite a implementação de medidas pedagógicas apropriadas para enfrentar os desafios que eles enfrentam no mundo exterior.

Nesta pesquisa, propomos uma análise aprofundada dos fatores determinantes para a desigualdade social no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao adotar uma abordagem qualitativa, as entrevistas semi-estruturadas com egressos da EJA matriculados na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) revelaram uma complexa rede de desafios.

Pelas entrevistas, pudemos destacar que, embora haja oportunidades para iniciar o

curso junto com os demais colegas, as realidades de vida distintas dos alunos influenciam trajetórias educacionais únicas. Este cenário é ainda mais evidente entre os estudantes da EJA, que enfrentam obstáculos relacionados às rotinas, regras e códigos da universidade, dificultando sua integração ao ambiente acadêmico.

“Primeiro como eu já tinha falado pra você eu trabalhava em roça, aí eu chegava muito cansada e só queria dormir, mas eu ainda tinha muita vontade de estudar e eu ia assim mesmo, mesmo morrendo de cansaço. Nessa época eu comecei namorar uma pessoa e a gente acabou se separando, ele foi embora para outra cidade para tentar a vida e não voltou mais e a gente acabou se separando. Então eu passei por tudo isso trabalhando estudando e não tendo a oportunidade de cuidar do meu filho direito, trabalhava o dia todo, tomava um banho e ainda ia pra escola. Praticamente não vi meu filho crescer.” (Darcy)

Um ponto crucial observado foi a interrupção do Ensino Fundamental e o longo intervalo até o início ou retorno ao Ensino Médio, frequentemente associado a diversos obstáculos que dificultam o acesso à escola. Entre esses obstáculos, destacam-se problemas familiares, dificuldades financeiras que levam ao priorização do emprego em detrimento dos estudos, e desafios relacionados ao difícil acesso ao ambiente escolar, especialmente para aqueles que residem em zonas rurais.

“Como mulher, enfrentei muitos desafios ao estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Eu trabalhava na fazenda, o que já demandava muito do meu tempo e energia física. Além disso, era mãe, o que significava ter responsabilidades adicionais em casa, cuidando da filha e gerenciando as tarefas domésticas. Vinha de segunda a sexta para estudar e, depois das aulas, retornava à fazenda. Esse ritmo era exaustivo e muitas vezes me deixava sem tempo para descansar ou dedicar-me plenamente aos estudos. Equilibrar o trabalho na fazenda, as responsabilidades maternas e o compromisso com a educação era um grande desafio, mas também uma prova da minha determinação em buscar um futuro melhor.” (Glauucia)

Ao ouvir os relatos dos entrevistados sobre a interrupção dos estudos na idade típica de frequência à educação básica, ficou evidente que condições de vida adversas desempenharam um papel significativo por um longo período. Essas condições foram determinantes para o encaminhamento para ingressar na EJA como uma maneira de retomar e

concluir suas trajetórias educacionais.

No entanto, podemos destacar que a interrupção do Ensino Fundamental e a adesão à EJA não se dão apenas por razões negativas. Os entrevistados mencionaram situações como a possibilidade de ingressar precocemente no mercado de trabalho, gravidez seguida de matrimônio e residências distantes das escolas como motivos que os levaram a estudar fora da faixa etária usual.

Essas temáticas emergentes, coletadas a partir das experiências compartilhadas, ressaltam a complexidade das decisões relacionadas à educação de adultos. Analisar esses dados à luz das teorias pertinentes proporciona uma compreensão mais aprofundada dos desafios enfrentados pelos entrevistados e oferece percepções valiosas para a formulação de estratégias de apoio mais eficazes.

3. EGRESSOS DA EJA NA UEMS UNIDADE DE PARANAÍBA/MS

3.1 Apresentação

A partir da análise detalhada dos perfis dos participantes desta pesquisa, realizada por meio de um roteiro de entrevista baseado em seis categorias principais: 3.2 - Percurso Educacional, 3.3 A importância da família, 3.4 Ingresso no Ensino Superior, 3.5 Desigualdade Social e Sucesso Escolar, 3.6 Perspectivas Futuras e Considerações Finais – Com os dados em mãos, neste capítulo, passamos a examinar os relatos biográficos dos sujeitos em conexão com a literatura científica e os objetivos desta pesquisa.

O objetivo é ilustrar como as experiências individuais dos participantes refletem e, ao mesmo tempo, se entrelaçam com as questões discutidas na literatura acadêmica, incluindo

as dinâmicas de desigualdade social, os desafios e conquistas ao longo do percurso educacional, e as perspectivas futuras dos egressos da EJA no ensino superior. Por meio da análise dos dados coletados, pretendemos-mostrar como as histórias de vida desses sujeitos, coletadas por meio das entrevistas, não apenas exemplificam as experiências pessoais, mas também ajudam a compreender as complexas relações entre contexto social, escolhas educacionais e resultados acadêmicos.

Além disso, busca-se revelar como essas narrativas, quando integradas ao referencial teórico e às categorias de análise, contribuem para uma compreensão mais ampla do impacto da educação na vida dos egressos e das oportunidades que a escolarização pode proporcionar em termos de mobilidade social e realização pessoal. O capítulo pretende, assim, oferecer uma visão abrangente que conecte as experiências dos sujeitos com as discussões acadêmicas e os objetivos da pesquisa, destacando tanto os desafios enfrentados quanto as conquistas obtidas ao longo de suas trajetórias educacionais.

Ao examinar as histórias de vida dos participantes em relação à literatura existente, o capítulo busca identificar padrões comuns e entender as particularidades de cada trajetória, fornecendo uma contribuição significativa para a compreensão das experiências dos egressos da EJA e o impacto dessas experiências na formação de suas identidades e na superação das desigualdades sociais.

3.2 Percurso educacional

O percurso educacional dos egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é marcado por desafios complexos, especialmente no que diz respeito à estrutura familiar e às responsabilidades que cada indivíduo carrega. As condições e os papéis desempenhados dentro dessas famílias podem variar significativamente, influenciando diretamente a trajetória educacional de cada um.

Entre os egressos da EJA, muitos enfrentaram situações de vulnerabilidade que impactaram suas decisões e motivação para buscar a educação. A instabilidade familiar, como separações, perda de entes queridos ou dificuldades financeiras, muitas vezes, colocou esses indivíduos em posições onde eram obrigados a assumir responsabilidades adicionais desde uma idade jovem. Essa realidade pode incluir o cuidado de irmãos mais novos, o suporte a pais em situação de vulnerabilidade ou o enfrentamento de adversidades que exigem resiliência e dedicação.

Vejamos um trecho proveniente de entrevista com a entrevistada Darcy.

"Até os 12 anos eu estudei o ensino regular em escola pública, porém depois dos 12 anos, minha vida deu uma reviravolta, porque meu pai tinha me doado para uma pessoa e essa pessoa faleceu, aí eu voltei a morar com meu pai, mas meu pai se separou da minha mãe e tentou várias esposas para cuidar da gente para ele trabalhar." (Darcy)

Darcy é um exemplo claro de como a estrutura familiar pode moldar o percurso educacional. Com apenas 12 anos, ela decidiu cuidar de sua própria vida, mudando-se de casa em casa e trabalhando como doméstica, antes de encontrar no circo uma nova oportunidade de vida. A fala de Darcy revela o impacto profundo das circunstâncias familiares em sua educação:

Apesar das dificuldades, Darcy continuou sua trajetória com perseverança, buscando novos caminhos e oportunidades, e mostrando como a educação pode ser um fator de transformação mesmo em meio a adversidades.

3.3 A Importância da Família:

Mesmo com os desafios, sendo já adultas, a família continua sendo uma base importante para muitos egressos. O suporte emocional de pais, irmãos ou cônjuges, muitas vezes, é crucial para a persistência na educação. A interação com a família pode oferecer encorajamento e motivação, mas também pode representar um desafio, especialmente quando as responsabilidades familiares competem com o tempo e a energia necessários para os estudos.

Além disso, para aqueles que são casados e têm filhos, as responsabilidades aumentam, exigindo habilidades de gestão do tempo e uma forte determinação para equilibrar todas as demandas.

As participantes Gláucia e Marlene ilustram os desafios adicionais enfrentados pelas mulheres na EJA, que muitas vezes carregam o peso de múltiplas responsabilidades. Elas relataram como o trabalho, a maternidade e as responsabilidades domésticas exigem uma gestão rigorosa do tempo e grandes esforços pessoais.

"Eu trabalhava na fazenda, o que já demandava muito do meu tempo e energia física. Além disso, era mãe, o que significava ter responsabilidades adicionais em casa, cuidando da filha e gerenciando

as tarefas domésticas." (Gláucia)

Gláucia, que trabalhava na fazenda, descreveu como equilibrar o trabalho, a maternidade e os estudos eram um grande desafio

A fala de Gláucia revela a complexidade de sua jornada, onde o cansaço físico e emocional não a impediu de buscar um futuro melhor por meio da educação. Sua experiência exemplifica como a EJA pode ser um espaço de transformação, mesmo exigindo esforços significativos.

"Eu também tive que lidar com o preconceito e a falta de apoio de algumas pessoas que não acreditavam na importância dos meus estudos. Felizmente, eu contava com a ajuda do meu marido, que me apoiava e ajudava nas responsabilidades domésticas, permitindo-me equilibrar melhor todas essas tarefas."(Marlene)

Marlene, por sua vez, enfrentou desafios semelhantes, mas com o apoio crucial de seu marido, que ajudava nas responsabilidades domésticas. No entanto, mesmo com esse suporte, ela precisou lidar com o preconceito e a falta de apoio de algumas pessoas que não acreditavam na importância de seus estudos:

A experiência de Marlene ilustra a importância do apoio familiar na jornada educacional, mostrando como, apesar das dificuldades, é possível superar obstáculos e alcançar objetivos educacionais com determinação e suporte adequado.

O apoio da família desempenha um papel crucial no sucesso acadêmico, oferecendo tanto a estabilidade emocional quanto as condições práticas para que o indivíduo possa superar os desafios do aprendizado. Essa ideia, inspirada na abordagem sociocultural de Lev Vygotsky (1978), enfatiza que o desenvolvimento humano não ocorre de forma isolada, mas é profundamente influenciado pelas interações sociais, especialmente no ambiente familiar.

A família, ao incentivar os estudos, assumir responsabilidades compartilhadas e demonstrar confiança nas capacidades do estudante, cria um ambiente favorável para o aprendizado.

Por outro lado, a ausência desse suporte pode dificultar a trajetória educacional, tornando o caminho mais árduo. Assim, o apoio familiar não apenas fortalece a resiliência diante de adversidades, mas também reforça a importância de uma rede de segurança emocional, essencial para a construção de uma relação saudável com o aprendizado e o

crescimento pessoal.

3.4 Ingresso no Ensino Superior

Ao discutir o ingresso no Ensino Superior para egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), as três participantes destacam trajetórias singulares, influenciadas por desafios sociais, emocionais e educacionais.

“Estava na igreja e uma irmã sentou no banco da frente eu nem a conhecia ela falou lá na escola Georgina está tendo cursinho pré vestibular vai lá. Eu nem sabia o que era cursinho mas eu fui lá e fiz minha inscrição, então lá eu conheci o pessoal da UFMS e fui sendo levada, uma coisa levou a outra.” (Darcy)

Darcy relatou que a decisão de ingressar no Ensino Superior surgiu quase por acaso, a partir de uma sugestão informal recebida na igreja. Essa abordagem ilustra como o acesso a informações e oportunidades pode ser limitado para egressos da EJA, muitas vezes dependentes de redes de apoio informais. No entanto, essa mesma participante, ao ser exposta ao ambiente universitário, conseguiu explorar novas oportunidades, eventualmente mudando de curso e encontrando um caminho mais alinhado aos seus interesses.

Segundo uma das participantes, Gláucia, a decisão de ingressar no Ensino Superior foi fortemente influenciada por sua filha, que fez a inscrição para ela. Embora sua escolha inicial fosse Pedagogia, ela acabou optando por Ciências Sociais, pois não obteve nota suficiente para seu curso preferido. O desafio maior para Gláucia foi a adaptação ao novo ambiente acadêmico. No primeiro ano, ela se sentia deslocada, ainda conectada à sua vida anterior na fazenda, o que a fez questionar seu lugar na universidade. A linguagem e o contexto acadêmico eram tão distantes de sua realidade que ela acabou desistindo temporariamente e retornando para a fazenda.

Além disso, as participantes mencionaram a ausência de suporte acadêmico e financeiro durante sua jornada universitária. Sem acesso a bolsas de estudo ou programas de tutoria, elas precisaram equilibrar os estudos com as demandas de trabalho e responsabilidades familiares, o que exigiu um esforço contínuo e perseverança para alcançar o sucesso acadêmico. A falta de apoio institucional é uma realidade comum entre os egressos da

EJA, que frequentemente não se beneficiam de programas de suporte adaptados às suas necessidades específicas.

Minha filha fez a inscrição para mim, queria Pedagogia nas, não obtive nota para isso. O meu maior desafio foi no primeiro ano da faculdade, porque foi como eu falei, a minha ficha não tinha caído ainda, foi tudo muito rápido, nos primeiros três meses de curso eu olhava para os professores e pensava o que eu tô fazendo aqui? Porque eu ainda tinha aquela mente de fazenda, por que era outro mundo, outra linguagem, eu pensava gente o que que eu tô fazendo aqui? Cada professor que entrava na sala eu ficava pensando “o que que esse professor tá falando? Esse aqui não é meu mundo”. Então eu desisti e voltei pra fazenda.(Glauca)

No caso de Marlene, ela enfrentou uma adaptação desafiadora no início de sua jornada no Ensino Superior após concluir a EJA. Embora tenha escolhido cursar Ciências Sociais, Marlene sentiu que a transição foi rápida demais, o que a levou a questionar seu lugar naquele novo ambiente acadêmico. Acostumada a uma realidade completamente diferente, ela teve dificuldade em se adaptar ao universo acadêmico, onde a linguagem e as expectativas dos professores pareciam distantes de sua vivência anterior. Esse choque inicial é uma experiência comum entre egressos da EJA, que frequentemente enfrentam mudanças bruscas ao ingressar no Ensino Superior. A experiência de Marlene destaca o desafio de internalizar essa nova identidade acadêmica, e evidencia a importância de apoio e compreensão para que esses estudantes possam superar as dificuldades e alcançar o sucesso.

M. Uma de minhas filhas fez a inscrição para mim. M. Eu tentei o curso de Ciências Sociais. Foi o que eu passei de fato. O maior desafio ocorreu no início da faculdade, pois minha adaptação foi rápida demais. Nos primeiros três meses de curso, eu observava os professores e me questionava sobre minha presença ali. Era como estar em um universo e linguagem completamente diferentes. Eu pensava: "Qual é o propósito de eu estar aqui?". Cada professor que entrava na sala me deixava com dúvidas, pensando: "O que esse professor está tentando transmitir? Isso não faz parte do meu contexto.(Marlene).

Esses dizeres revelam o quanto de heterogeneidade há nas salas de aula do ensino superior. Porém os professores desse nível de ensino parece ignorar essas diferenças, de início, já trazem o conteúdos científicos, esperando que todos estejam em condições iguais para assimilar os conteúdos. Pelo comentário da universitária Marlene, entendemos que não há um pré diagnóstico para saber o nível de aprendizagem dos alunos. As aulas são ministradas como se todos alunos fossem iguais, não se trata os diferentes de forma diferente. Até porque

esses alunos são tratados de forma “igualitária”. As singularidades só existem na teoria.

3.5 Desigualdade Social e Sucesso Escolar

Gláucia destacou como a falta de recursos financeiros influenciou suas escolhas no Ensino Superior. Ela queria cursar Pedagogia, mas devido à nota insuficiente no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), acabou optando por Ciências Sociais, já que este curso, por ser oferecido em dois turnos (matutino e noturno) oferece maior número de vagas. O apoio limitado e as dificuldades financeiras que enfrentou evidenciam como a desigualdade social pode restringir as opções de cursos e limitar as oportunidades acadêmicas para aqueles que vêm de contextos menos favorecidos. Além disso, Gláucia reflete sobre como o ambiente em que cresceu e o círculo familiar também desempenharam um papel significativo em sua trajetória. Ela menciona que, embora seu pai inicialmente questionasse a necessidade de fazer faculdade, ele sentiu orgulho quando ela conseguiu ingressar no Ensino Superior. Para Gláucia, o apoio familiar, mesmo que tardio, se mostrou essencial na superação dos desafios impostos pela desigualdade social, reforçando que a resiliência necessária para conquistar o impossível muitas vezes está enraizada em influências familiares e no ambiente em que a pessoa se desenvolve.

De acordo com Bourdieu (1986), o capital cultural adquirido ao longo da vida, bem como o habitus formado pelas experiências e pela família, influencia profundamente as escolhas e oportunidades educacionais. O capital cultural de Gláucia foi limitado por suas condições financeiras e familiares, mas sua determinação e determinação permitiram superar esses obstáculos, refletindo o papel crucial na construção de sua trajetória acadêmica.

G. Sim, eu penso também que não só as desigualdades sociais, mas também o lugar onde essa pessoa cresceu influencia o meio, o círculo familiar influencia. Por que tem casos em que a pessoa luta e consegue mas, se você for ver, a família está por trás influenciando. Meu pai sempre falava pra que faculdade? Mas, quando eu consegui, ele se sentiu orgulhoso, porque justamente a filha mais velha, aquela que mais trabalhou, conseguiu conquistar o impossível. (Gláucia)

A expressão "conquistar o impossível", usada por Gláucia carrega um profundo significado simbólico. Ela reflete não apenas as barreiras que enfrentou, mas a percepção de que essas barreiras eram tão grandes que tornavam seus objetivos aparentemente

inalcançáveis. O "impossível", nesse contexto, pode se referir a diversos aspectos: as condições financeiras adversas, a falta de apoio inicial da família ou até mesmo as limitações impostas pela sociedade, que muitas vezes desencoraja certos grupos a sonhar alto. Quando ela fala em "conquistar o impossível", é como se dissesse que superou circunstâncias que muitos acreditavam ser insuperáveis.

Entretanto, ao afirmar que "impossível" foi conquistado, a narrativa ressalta o papel da determinação, do esforço pessoal e, eventualmente, do apoio familiar que se consolidou ao longo do caminho. Glaucia menciona que, apesar do ceticismo inicial, seu pai se orgulhou de sua conquista, o que reforça a ideia de que o reconhecimento e o suporte emocional podem surgir mesmo em cenários adversos e contribuir para a superação.

No entanto, é importante reconhecer que existem também alunos cuja determinação ultrapassa qualquer limite. Para eles, a ausência de apoio familiar não é suficiente para impedir o progresso. Sua força de vontade e desejo de vencer os tornam capazes de superar barreiras e buscar um futuro melhor, mesmo sem a rede de suporte que muitos consideram essencial. Isso mostra que, embora o apoio da família seja um fator importante, a resiliência individual é igualmente poderosa. Em ambos os casos, seja com apoio familiar ou sem ele, o que une essas histórias é a força do desejo de mudar, de romper ciclos e de conquistar aquilo que antes parecia inatingível.

Marlene compartilhou uma visão otimista sobre sua mudança para o Ensino Superior, ressaltando que recebeu um bom tratamento foi bem recebida por docentes e colegas. Essa vivência é relevante, pois demonstra que, mesmo com as variações de origem e educação, é viável encontrar espaços acolhedores na universidade. Ela também reconhece que as disparidades sociais e o ambiente familiar têm um impacto significativo nas decisões acadêmicas, em concordância com a perspectiva de Lahire (2003) sobre como as circunstâncias sociais influenciam o percurso educacional. Apesar de seu pai questionar a relevância da universidade, sua vitória despertou orgulho na família, mostrando que, mesmo nas circunstâncias iniciais, é viável ultrapassar barreiras e mudar perspectivas com o passar do tempo.

M. No meu caso, não tive problemas. Fui tratada de forma igual, me senti muito bem porque todos me receberam de braços abertos. Tanto os professores quanto os alunos sempre foram amigáveis e acolhedores. (Marlene)

O termo "fui tratada de forma igual", utilizado por Marlene, merece uma reflexão mais profunda sobre seu significado e implicações. Quando ela menciona que foi tratada de forma igual, pode estar se referindo a uma experiência de inclusão e respeito, onde não sentiu discriminação ou diferenças de tratamento em relação aos colegas de sala de aula ou, talvez, em relação às demais participantes da pesquisa, como Glaucia e Darcy. Esse sentimento de igualdade pode indicar que ela não enfrentou as mesmas barreiras sociais ou emocionais mencionadas pelas outras entrevistadas, como preconceito, ceticismo ou falta de apoio.

Contudo, surge a pergunta: o que significa, na prática, tratar todos de forma igual? Embora a igualdade de tratamento seja um ideal, nem sempre ela é suficiente ou adequada para todos os contextos. Algumas pessoas, devido a suas condições específicas — como a falta de apoio familiar, dificuldades financeiras ou histórico de discriminação — podem precisar de um suporte maior para alcançar as mesmas oportunidades. Tratar todos de maneira igual, sem considerar as necessidades individuais, pode perpetuar desigualdades.

Portanto, enquanto a experiência de Marlene reflete uma situação ideal em que se sentiu acolhida e respeitada, a reflexão sobre o conceito de igualdade nos lembra que, em muitos casos, é necessário adotar uma abordagem equitativa. Isso significa tratar as pessoas de acordo com suas necessidades, garantindo que todas tenham as mesmas oportunidades para crescer e se desenvolver. Nem todos partem do mesmo ponto de partida, e o maior apoio a quem enfrenta mais dificuldades não é uma forma de desigualdade, mas de justiça social.

Darcy enfrentou desafios similares, precisando lutar contra as adversidades sem apoio acadêmico ou financeiro, trabalhando durante o dia e estudando à noite. A desigualdade social se manifestou na falta de acesso a recursos e oportunidades, forçando-a a suar muito mais do que seus colegas para se manter no curso. Isso comprova que os alunos que tem uma história de vida marcada pela e pela superação de dificuldades, necessita de maior apoio para evitar a perpetuação das desigualdades.

A ausência de programas de suporte para estudantes da EJA também foi um obstáculo significativo, sublinhando como a falta de políticas inclusivas pode perpetuar as desigualdades existentes. Segundo Bourdieu (1986), a falta de capital cultural e econômico pode limitar as oportunidades e criar barreiras adicionais para esses estudantes. Darcy exemplifica como a ausência de suporte institucional pode ampliar as dificuldades enfrentadas por egressos da EJA, reforçando a necessidade de políticas que promovam maior equidade no ambiente universitário.

Por fim, as três participantes reconheceram a importância de políticas que facilitem o acesso ao Ensino Superior para egressos da EJA, incluindo a implementação eficaz de cotas e

a oferta de apoio acadêmico individualizado. Elas também apontaram que a desigualdade social continua a influenciar as escolhas de curso e as oportunidades educacionais, ressaltando a necessidade de maior equidade e inclusão no ambiente universitário. Bourdieu e Lahire oferecem uma base teórica sólida para compreender como o capital cultural e o habitus proporcionam as experiências educacionais e as oportunidades para indivíduos de contextos socioeconômicos desfavorecidos.

D. Todos os professores da UEMS são ótimos a maioria deles me ajudavam bastante porém tinha uma professora que não fazia isso, ela tentou puxar meu tapete, nunca fiquei sem nota de nenhum professor, com todos eu conseguia fechar, mas com essa professora não, eu percebia que era implicância dela comigo, tanto é que quando terminou o ano todos os alunos tinham notas lançadas menos eu, recorri ao pessoal da UEMS atrás da nota e consegui, todos viram que era implicância dela comigo. (Darcy)

Nesse caso, a diferença é mostrada, não de forma a incluir os diferentes, mas com um tratamento de exclusão do diferente em um curso que prega a inclusão social de todos.

Por fim, as três participantes reconheceram a importância de políticas que facilitem o acesso ao Ensino Superior para egressos da EJA, incluindo a implementação eficaz de cotas e a oferta de apoio acadêmico individualizado. Elas também apontaram que a desigualdade social continua a influenciar as escolhas de curso e as oportunidades educacionais, ressaltando a necessidade de maior equidade e inclusão no ambiente universitário. Além disso, que houvesse para com esses alunos, um acompanhamento mais de perto, visando a ajuda-los a superar as dificuldades encontradas.

Em resumo, o ingresso no Ensino Superior para egressos da EJA é uma jornada complexa, repleta de desafios, mas também de oportunidades, pelo menos na instituição onde foi realizada a pesquisa. As experiências das três participantes destacam a perseverança necessária para superar as barreiras institucionais e sociais, além da importância de um suporte adequado para que esses estudantes possam alcançar o sucesso acadêmico e profissional.

3.6 Perspectivas Futuras

As perspectivas futuras de Gláucia, Marlene e Darcy refletem suas experiências e os

desafios que enfrentaram ao longo de sua trajetória educacional, oferecendo uma visão sobre como suas passagens pela EJA e pelo Ensino Superior conduziram suas expectativas e planos para o futuro.

Pierre Bourdieu ressalta que o patrimônio cultural adquirido ao longo da vida tem um impacto considerável nas oportunidades educacionais e também forma as suas visões futuras (Bourdieu, 1986). Para os egressos da EJA, a trajetória educacional é frequentemente marcada por desafios significativos, mas a obtenção de um diploma pode transformar suas perspectivas futuras e ampliar suas oportunidades de emprego e desenvolvimento pessoal.

Após concluir o curso de Ciências Sociais, Gláucia enfrentou desafios significativos, como a falta de suporte acadêmico e a dificuldade em se adaptar ao ambiente universitário. No entanto, sua experiência demonstra uma grande determinação. Para o futuro, Gláucia pretende aprimorar seus estudos e se qualificar na área da educação infantil, um campo pelo qual descobriu ter uma verdadeira vocação e paixão ao trabalhar em uma creche. Ela deseja evoluir ainda mais, buscar novos conhecimentos e se tornar professora.

Em termos de impacto da educação superior em sua vida, Gláucia observa uma transformação significativa em sua mentalidade e em suas aspirações. O ensino superior ampliou sua visão de mundo, despertou um desejo de evolução contínua e de buscar melhores oportunidades e qualificações, refletindo um impulso para melhorar suas condições socioeconômicas e pessoais.

Considerando o contexto de desigualdade social que permeou sua trajetória educacional, Gláucia acredita que a sua percepção de capacidade pessoal e a determinação de não aceitar a vida que tinha antes foram determinantes para chegar ao ensino superior. Sua vontade de superar a situação anterior e conquistar novas possibilidades evidencia o impacto positivo que a educação teve em sua vida e as motivações que a impulsionam para o futuro.

“De agora em diante como eu fui pra creche, eu percebi que eu tenho um dom e gosto, pra isso eu quero aprimorar meus estudos para trabalhar com educação infantil e virar professora. Minha mente mudou, minha vontade de evoluir, de querer ganhar mais, estudar mais e me qualificar.” (Gláucia)

Marlene teve uma experiência de transição bem-sucedida para o Ensino Superior, apesar das dúvidas iniciais e da adaptação rápida. Seu relato destaca a importância do apoio e da aceitação que recebeu na universidade, o que contribuiu para uma experiência acadêmica positiva. Agora, com uma base um pouco mais sólida, Marlene percebe que tem um talento e paixão pela área da educação infantil. Ela planeja dedicar-se aos seus estudos para se

qualificar e realizar seu sonho de se tornar professora.

O impacto do ensino superior em sua vida foi significativo, especialmente em termos de determinação e aspirações. O curso não só melhorou sua visão de futuro, mas também despertou um desejo de buscar melhores oportunidades de emprego, aprimorar suas qualificações e progredir em sua carreira, refletindo uma melhoria em suas condições socioeconômicas.

Bernard Lahire enfatiza que “a educação é um meio poderoso de transformação social, proporcionando aos indivíduos novas possibilidades de vida e alterando suas condições sociais” (Lahire, 2003, p. 45). Para egressos da EJA, a conclusão do Ensino Superior pode ser uma chave para uma mudança significativa nas condições socioeconômicas, oferecendo uma chance de ascensão social e melhoria da qualidade de vida.

Considerando o contexto de desigualdade social que permeou sua trajetória educacional, Marlene acredita que sua crença em sua capacidade e o desejo de superar o passado foram fundamentais para alcançar o ensino superior. Ela está em busca de novas conquistas e um futuro alinhado com suas aspirações e sonhos, o que a motiva a continuar se dedicando e a buscar uma vida mais satisfatória e realizadora.

Agora, que estou na escola, percebi que tenho um talento e paixão por isso. Quero me dedicar aos meus estudos para atuar na área da educação e realizar meu sonho de ser professora. Minha determinação, meu desejo de progredir, de buscar um salário melhor, estudar mais e me aprimorar. (Marlene)
Eu acredito que sou capaz de mais. A vida que eu levava antes já não me satisfaz mais; estou em busca de novas conquistas e de um futuro diferente. Quero superar meu passado e alcançar novos objetivos, buscando uma vida mais alinhada com minhas aspirações e sonhos. (Marlene)

A fala de Marlene revela uma percepção interessante e que merece análise. Ao mencionar que deseja atuar na área da Educação, ela parece associar essa expressão mais especificamente à Educação Infantil, como se as Ciências Sociais não fossem parte integrante do campo educacional. Essa visão pode decorrer de uma compreensão limitada ou de uma preferência pessoal pela atuação direta com crianças pequenas, o que não invalida o fato de que o curso de Ciências Sociais também habilita para a docência, especialmente no Ensino Médio.

Esse ponto destaca uma questão relevante: a percepção que algumas pessoas têm sobre os diferentes níveis e áreas da educação. Para muitos, a Educação Infantil ou o Ensino Fundamental são vistos como "mais educação" do que a atuação no Ensino Médio ou em

outras áreas, talvez por envolverem uma formação mais próxima da base inicial do desenvolvimento dos alunos. Essa percepção pode ser influenciada pelo desejo de Marlene de trabalhar diretamente na formação de crianças pequenas, onde acredita que pode exercer um impacto mais direto e significativo.

No entanto, é importante ressaltar que a docência em qualquer nível é uma forma de atuar na educação e contribuir para a formação de cidadãos críticos e preparados para a sociedade. Se Marlene deseja atuar na Educação Infantil, poderia considerar a complementação de sua formação com licenciaturas específicas ou cursos voltados para essa faixa etária, mas isso não diminui o valor de sua formação em Ciências Sociais. Na verdade, a sua formação pode trazer uma perspectiva enriquecedora ao seu trabalho, seja no Ensino Médio ou em outras áreas que venha a explorar.

Essa fala, portanto, reflete tanto o desejo de alinhamento de suas aspirações quanto a necessidade de uma maior valorização e compreensão das diferentes formas de atuação no campo educacional.

A trajetória de Darcy foi marcada por um início difícil, com uma adaptação desafiadora ao ambiente universitário e a falta de apoio adequado. No entanto, sua determinação e coragem em seguir adiante, apesar das dificuldades, são notáveis. Para o futuro, Darcy pode buscar formas de utilizar suas experiências e habilidades adquiridas para apoiar outros estudantes em situações semelhantes. Considerando seu desejo de facilitar o acesso e o apoio para egressos da EJA, Darcy pode estar inclinada a se envolver em iniciativas educacionais ou políticas que promovam maior equidade e suporte para estudantes que enfrentam desafios semelhantes aos que ela enfrentou. Sua experiência pode inspirá-la a buscar maneiras de contribuir para a criação de um ambiente acadêmico mais inclusivo e acessível. Além disso, Darcy passou em um concurso público em Três Lagoas e atualmente trabalha na Assistência Social da cidade, o que lhe proporciona uma plataforma adicional para promover a inclusão e apoiar a comunidade local.

D. Com toda certeza, eu prestei um concurso aqui em Três Lagoas e prestei um concurso ali em Aparecida do Taboado, eu acabei passando, então quer dizer que, se eu não tivesse essa sede de estudar eu não teria passado em nenhum desses concursos, eu não estaria aqui, ou eu estaria lá na roça, ou estaria limpando o chão de alguém por aí. Darcy)

No que diz respeito aos desafios constantes que os egressos da EJA enfrentam, Bourdieu destaca que as desigualdades educacionais são frequentemente intensificadas por

fatores sociais e econômicos, o que pode manter as desigualdades mesmo após a conquista do diploma (Bourdieu, 1986). A batalha para eliminar essas desigualdades pode persistir no mercado de trabalho, onde egressos da EJA muitas vezes se deparam com obstáculos extras, mesmo com suas vitórias acadêmicas.

As histórias de Gláucia, Marlene e Darcy exemplificam a força e a determinação necessárias para superar as barreiras impostas pela desigualdade social e concluir a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Ensino Superior.

Gláucia enfrentou diversos obstáculos em sua trajetória acadêmica, desde a falta de suporte até desafios financeiros que influenciaram sua escolha de curso. Apesar dessas dificuldades, sua paixão pelo aprendizado e seu desejo de avançar nunca diminuíram. Olhando para o futuro, Gláucia planeja explorar novas oportunidades, especialmente na área de Pedagogia, um campo que sempre desejou seguir. Sua experiência destaca a importância de perseverar frente às adversidades e buscar caminhos para transformar desafios em oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Marlene passou por uma transição desafiadora para o Ensino Superior, marcada por uma adaptação rápida e dificuldades iniciais. No entanto, o apoio e a recepção calorosa que encontrou na universidade foram fundamentais para seu sucesso. Atualmente, Marlene está focada em sua paixão pela educação, com o objetivo de se tornar professora. Sua trajetória mostra como o suporte acadêmico e familiar pode fazer a diferença e como alcançar objetivos acadêmicos e profissionais pode trazer uma nova perspectiva e realização para a vida.

Lahire argumenta que “a implementação de políticas públicas eficazes é crucial para garantir que a educação possa servir como um verdadeiro veículo de igualdade e inclusão” (Lahire, 2003, p. 89). Para os egressos da EJA, políticas que ofereçam suporte acadêmico e oportunidades equitativas são essenciais para assegurar que suas conquistas educacionais se traduzam em melhorias reais em suas vidas e carreiras.

Em suma, as experiências de Gláucia, Marlene e Darcy ilustram como a educação pode transformar vidas, mesmo diante de desafios e desigualdades. Seus relatos oferecem importantes depoimentos sobre a importância do suporte acadêmico e familiar, e como oportunidades educacionais acessíveis podem fazer uma diferença significativa. Cada uma delas continua a avançar em suas trajetórias, inspirando outros e contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Segundo Bourdieu, a resiliência e a habilidade de adaptação são elementos cruciais para o êxito futuro das pessoas, particularmente aquelas oriundas de contextos adversos (Bourdieu, 1986). A tenacidade dos egressos da EJA ao ultrapassar obstáculos educacionais

sinaliza sua capacidade de lidar com desafios futuros e atingir suas metas pessoais e profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a realizar uma análise detalhada dos fatores que possam contribuir para a desigualdade social no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). No centro da pesquisa estava a compreensão de como esses elementos exercem influência na trajetória educacional dos sujeitos, especialmente no que tange ao acesso e desempenho no ensino superior. Para atingir esse objetivo, adotou-se uma abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando entrevistas semi-estruturadas como método de coleta de dados. Os participantes foram três egressos da EJA, matriculados nos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade universitária de Paranaíba. Essa abordagem permitiu uma análise mais aprofundada das experiências desses estudantes, proporcionando *contribuições* importantes sobre os desafios e oportunidades enfrentados por eles durante sua jornada acadêmica.

A pesquisa fundamentou-se nas teorias de Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron e Bernard Lahire para explorar a relação entre desigualdade social e cultural no ambiente educacional. Ao adotar uma perspectiva sociológica, a dissertação procurou não apenas quantificar, mas compreender qualitativamente as experiências e percepções dos egressos em relação à educação ao longo de suas vidas.

Ao término da pesquisa, a hipótese inicial foi confirmada, evidenciando que o processo de escolarização dos egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é caracterizado por descontinuidade e uma educação básica desvantajosa, de qualidade questionável. Essa situação repercute nas etapas subsequentes de escolarização, manifestando-se nas dificuldades enfrentadas para o ingresso, permanência e conclusão na Educação Superior. Além disso, essas dificuldades também se refletem em outros aspectos da vida das camadas populares, como emprego, condições de vida digna e saúde.

Essas barreiras são agravadas pela ausência de políticas específicas e diferenciadas no âmbito educacional nacional e institucional, destinadas a atender as necessidades particulares dos egressos da EJA. Desse modo, nesta pesquisa, destacamos a existência de lacunas significativas no sistema educacional, contribuindo para a reprodução das desigualdades sociais e limitando as oportunidades de ascensão social para esses estudantes. A falta de abordagens específicas e adaptadas às suas realidades evidencia a urgência de políticas

inclusivas e direcionadas, tanto a nível nacional quanto institucional, para mitigar esses desafios e promover uma educação mais equitativa.

Ao analisar a oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no país, observou-se que essa modalidade é caracterizada pela flexibilidade, levando em consideração as diferenças individuais e os conhecimentos prévios adquiridos ao longo da vida pelos jovens, adultos e idosos. A EJA representa uma proposta educacional que busca proporcionar novas oportunidades para o exercício da cidadania e a plena participação na sociedade. Além disso, ela visa a (re)inserção no mercado de trabalho em condições mais vantajosas e a continuidade dos estudos na Educação Superior. Assim, a EJA se configura como uma alternativa que reconhece e valoriza a diversidade de percursos educacionais, visando a inclusão social e o desenvolvimento integral dos indivíduos ao longo de suas vidas.

Quanto à aspiração de avançar para a Educação Superior entre os egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pudemos verificar que esse grupo enfrenta obstáculos significativos durante a transição da Educação Básica para o ensino universitário. Os problemas relacionados à qualidade do ensino na EJA e às condições socioeconômicas dos estudantes têm representado desafios consideráveis para a entrada na universidade, e a permanência daqueles que conseguem superar os concorridos exames de acesso tem sido particularmente difícil.

No que diz respeito aos métodos de ingresso na Educação Superior por meio de exames meritocráticos, conforme discutido ao longo desta pesquisa, os egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) encontram-se em uma posição desfavorável devido aos conhecimentos pouco aprofundados, tratados de maneira superficial e inadequada ao longo de sua educação básica. Em outras palavras, a abordagem menos aprofundada e insuficiente desses conteúdos ao longo de sua trajetória educacional coloca os graduados oriundos da EJA em desvantagem ao enfrentar esses exames seletivos, que muitas vezes exigem um domínio mais aprofundado dos conteúdos.

No que concerne à permanência daqueles que superaram os desafios dos rigorosos exames de admissão, destacam-se as dificuldades cotidianas enfrentadas para estudar e concluir a Educação Superior. Isso ocorre devido à aprendizagem básica insatisfatória, condições socioeconômicas precárias e agravadas pela falta de políticas institucionais que permitam a implementação de estratégias para identificar o perfil dos estudantes ingressantes nos cursos de graduação. Além disso, ressalta-se a importância do acompanhamento das vivências acadêmicas desses alunos, enfatizando a necessidade de ações de assistência estudantil que assegurem sua permanência na universidade até a conclusão do curso para que

possam se dedicar exclusivamente aos estudos, pois estes mais do nunca precisam de dedicação e sua persistência comprovou que elas são capazes. Em suma, nesta pesquisa, destacamos a necessidade de urgência de medidas que abordem não apenas a entrada, mas também os desafios contínuos que os egressos da EJA enfrentam durante sua jornada na Educação Superior.

Os resultados desta pesquisa referentes às trajetórias escolares, às condições de ingresso e à permanência dos egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na UEMS demonstraram que esses alunos enfrentaram consideráveis desafios para ingressar na instituição. Além disso, uma vez dentro, depararam-se com obstáculos significativos para permanecer até a conclusão de seus cursos de graduação. Em outras palavras, os dados indicam que a jornada desses estudantes na UEMS é marcada por dificuldades tanto no acesso quanto na manutenção de sua permanência acadêmica até a finalização de seus cursos.

Esta pesquisa mostrou-nos também que, mesmo com a expansão do acesso à educação superior no Brasil, a proporção de pessoas das classes populares que passam no Enem e ingressam em universidades, sejam elas públicas ou privadas, ainda é bastante restrita. Essa constatação ressalta a necessidade de analisar mais profundamente os dados coletados nas entrevistas para compreender os fatores que contribuem para essa discrepância. É válido ressaltar que todas as entrevistadas entraram por meio do Enem na graduação, o que configura um ponto positivo em sua trajetória, tendo em vista a aprovação em um exame de grande relevância nacional e de bastante concorrência.

Os resultados desta pesquisa indicam que, uma vez dentro desse novo ambiente educacional, os estudantes enfrentam desafios específicos relacionados à permanência e conclusão dos estudos. Esses desafios podem estar relacionados a aspectos socioeconômicos, culturais e acadêmicos, que impactam de maneira significativa a experiência desses estudantes na Educação Superior.

Entre esses requisitos para a continuidade e conclusão do curso, destaca-se a importância de uma sólida base educacional, condições socioeconômicas favoráveis para o desenvolvimento dos estudos universitários, além da implementação de políticas de assistência estudantil que facilitem o acolhimento e a permanência do aluno no ambiente universitário. Em uma perspectiva nacional, as políticas públicas devem também assegurar as condições educacionais necessárias para que esses ingressantes possam permanecer nos cursos universitários até sua conclusão. Desse modo, esta pesquisa ressalta a complexidade e a interconexão de fatores que impactam a trajetória dos estudantes das camadas populares na Educação Superior, indicando a necessidade de abordagens abrangentes e políticas eficazes

para promover a inclusão e o sucesso acadêmico desses indivíduos. O aumento do número de egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Educação Superior é notável, embora ocorra de maneira gradual. No entanto, em relação à permanência e conclusão nos cursos oferecidos, os resultados apresentam uma tendência inversa, uma vez que muitos desses estudantes universitários enfrentam dificuldades para se adaptar à complexidade da universidade, resultando em uma significativa taxa de desistência.

Nesta pesquisa ~~realizada~~, ao abordar a dinâmica acadêmica, destacamos que, apesar da oportunidade de ingresso simultâneo na turma, as condições individuais dos alunos divergem consideravelmente, impactando seus percursos no curso. Essa disparidade de realidades de vida influencia diretamente na capacidade de seguir e concluir o curso de forma sincronizada.

A condição socioeconômica desses indivíduos não favorece a continuidade dos estudos após a Educação Básica. Custos como transporte e materiais didáticos na universidade demandam recursos financeiros consideráveis, e a assistência estudantil nas Instituições de Ensino Superior nem sempre atende plenamente às necessidades desse público. Na instituição pesquisada, não existem políticas específicas para lidar com os desafios enfrentados pelos egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante sua vida acadêmica, sendo abordados pelas mesmas políticas assistenciais destinadas aos demais estudantes.

~~A pesquisa realizada evidenciou~~, Por meio das análises das entrevistas e revisão de literatura desta pesquisa, pudemos concluir que é preciso ainda investir na infraestrutura escolar, na formação e valorização dos docentes, na elaboração de materiais didáticos adequados e em outras demandas essenciais, que é crucial para garantir a qualidade de formação dos sujeitos oriundos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os relatos dos entrevistados destacaram a importância desses elementos para superar as dificuldades encontradas durante a trajetória na EJA, corroborando com as teorias existentes na literatura sobre o assunto.

Adicionalmente, ficou claro a necessidade de proporcionar um acolhimento efetivo e acompanhamento aos egressos da EJA ao ingressarem na Educação Superior é fundamental, uma vez que devido a sua trajetória de estudos observou-se que esses sujeitos enfrentaram muitas dificuldades, pois muitas defagens ficaram, e assim, é preciso de um acompanhamento mais de perto, na tentativa de um melhor apoio estudantil a esses sujeitos.

Na esfera universitária, os jovens, adultos e idosos provenientes das camadas populares enfrentam um esforço adicional, uma vez que precisam resgatar conhecimentos escolares anteriores, muitas vezes esquecidos ou assimilados de maneira incompleta. Os resultados desta pesquisa destacam que as origens escolar, social, cultural e econômica

desempenham um papel crucial para determinar o sucesso na vida universitária. Em outras palavras, as experiências passadas e o contexto socioeconômico desses estudantes exercem influência significativa em sua jornada acadêmica, destacando a importância de considerar esses fatores ao implementar estratégias de apoio e inclusão no ambiente universitário.

As conclusões foram respaldadas pelas evidências coletadas durante esta pesquisa. As análises das entrevistas, aliadas aos dados institucionais sobre taxas de evasão e às histórias individuais dos participantes, fundamentam as conclusões sobre o impacto das condições socioeconômicas e da formação educacional prévia na trajetória universitária dos egressos da EJA.

Ao conectar as experiências dos estudantes, os esforços institucionais e as estatísticas de evasão, esta pesquisa constrói uma narrativa sólida e embasada nos dados coletados. Isso proporciona uma base robusta para as considerações finais, permitindo conclusões pertinentes e realistas sobre os desafios enfrentados pelos egressos da EJA na Educação Superior.

Diante dos dados desta pesquisa e da reflexão à luz dos autores que embasaram esta dissertação, fica claro que é imperativo superar as dificuldades e limitações dos alunos para garantir a conclusão bem-sucedida de seus cursos. Tanto os esforços individuais quanto as ações das Instituições de Ensino Superior e de seus docentes devem ser direcionados a soluções efetivas que assegurem a permanência dos estudantes até a conclusão de seus estudos.

No contexto específico dos alunos e da instituição investigada, a conclusão fundamenta-se em uma pesquisa metódica que procurou aprofundar-se nas experiências, desafios e perspectivas dos egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) ao adentrarem o ambiente universitário. A coleta de dados envolveu entrevistas e análises qualitativas das trajetórias educacionais desses indivíduos, proporcionando uma compreensão das barreiras enfrentadas e das estratégias adotadas para superá-las.

A necessidade de implementar políticas institucionais adaptadas para acolher universitários em situação socioeconômica desfavorável destaca-se como uma recomendação crucial, respaldada por elementos específicos identificados durante a pesquisa.

A superação dos obstáculos nos exames de acesso à Educação Superior e a promoção da permanência e conclusão bem-sucedida requerem não apenas melhorias na infraestrutura física e na qualidade do ensino nas instituições que oferecem a EJA, mas também a implementação de suporte institucional nas universidades. Esse suporte deve englobar desde serviços de assistência estudantil até a criação de programas específicos que levem em consideração as realidades únicas dos egressos da EJA.

Além disso, a criação de fóruns de debates institucionais sobre a formação continuada dos professores universitários destaca-se como uma medida fundamental para promover a conscientização e a adaptação constante das práticas pedagógicas. Esses espaços de discussão podem servir como plataformas colaborativas, onde educadores compartilham experiências e estratégias bem-sucedidas, enriquecendo, assim, o ambiente acadêmico.

As conclusões desta dissertação reafirmam a importância de políticas educacionais que reconheçam e abordem as necessidades específicas dos estudantes da EJA, promovendo a inclusão, o sucesso acadêmico e a igualdade de oportunidades na educação superior.

Refletir sobre a trajetória histórica desta modalidade de ensino no país revela, em primeiro lugar, a falta de reconhecimento de sua importância social desde os primórdios do sistema educacional. A EJA tem enfrentado o descaso e a ausência de políticas públicas consistentes que priorizem a qualidade do ensino, o acesso e a permanência dos estudantes, além da valorização dos profissionais envolvidos. Essa negligência, por parte do poder público, remonta ao período em que a EJA era referida genericamente como "educação de adultos" e estava associada à educação popular.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gilda Cardoso de. Estado, política educacional e direito à educação no Brasil: "o problema maior é o de estudar". *Educar em Revista*, p. 279-292, 2011.

ARROYO, Miguel. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? *REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos*, Porto Alegre, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007

BATALHA, Rafaela Vieira.; SILVA, Cleber Cezar da. Evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos: um olhar apartir do Colégio Estadual Normal Professor César Augusto Ceva em Ipameri -GO. *ItinerariusReflectionis*, Goiânia, v. 14, n. 1, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer CNE/CEB n. 11/2000*. Brasília: CNE: MEC mai. 2000.

BRASIL. *Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf. Acessado em 23/05/2024.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 1997.

BRASIL. Resolução no 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10. jun. 2020.

BRASIL. *Ministério da Educação*. Censo Escolar 2020. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/relatorio_final/2020/relatorio_final_censo_escolar_2020.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CASEIRA, Veridiana Gomes; PEREIRA, Vilmar Alves. A Educação de Jovens e Adultos enquanto expressão da educação popular. *EJA em Debate*, 2016.

CONTINI, Roseli Maria de Fátima. *Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. Produção diática pedagógica. PDE - Londrina: Núcleo Regional de Ensino de Londrina e Secretaria de Estado de Educação, 2008.

COSTA, Cirineu José da. *Autonomia na gestão financeira das escolas públicas brasileiras*. Dissertação de mestrado: Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração. 124f. PUC-SP: São Paulo, 2012.

COSTA, Cláudia Borges; MACHADO, Maria Margarida. *Políticas públicas e educação de jovens e adultos no Brasil*. Cortez Editora, 2018.

CRUZ, Antonio Carlos dos Santos. Educação de jovens e adultos: percursos e conflitos. *Revista Amazonida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas*, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 01–17, 2020. DOI: 10.29280/rappge.v4i2.5310. Disponível em: //www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/5310. Acesso em: 5 dez. 2024.

DA ROCHA, Jefferson Marçal; DOS SANTOS LARRUSCAIN, Ida Ourica. Estudo das práticas pedagógicas na educação de jovens e adultos nas escolas de Livramento/RS. *Revista Educar Mais*, v. 4, n. 1, p. 22-39, 2020.

DE VARGAS, Sueli; FANTINATO, Maria Cecília Castello Branco.; MONTEIRO, Eugênia del Carmen Quilodrán. Curso de extensão universitária em Educação de Jovens e Adultos: discutindo a formação continuada de professores. *Movimento*, Niterói, n. 12, p. 119-132, 2005

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, VERA. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. *Cadernos Cedes*, v. 21, p. 58-77, 2001.

FARDIM, Simone Vieira Sant'Anna; RAGGI, Désirée Gonçalves. Temas transversais: uma intervenção pedagógica para emancipação de alunos da EJA. *Humanidades & Inovação*, v. 10, n. 6, p. 166-179, 2023.

FÁVERO, Osmar; RUMMERT, Sônia Maria.; DE VARGAS, Sônia Maria. Formação de profissionais para a educação de jovens e adultos trabalhadores: a proposta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. In: *ANPED*, 22., 1999, Caxambu. Anais... Caxambu: Anped, 1999.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. *Método Paulo Freire-Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de Educação*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, p.156. 1999.

FERNANDES, Angela Viana Machado; PALUDETTO, Melina Casari. Educação e direitos humanos: desafios para a escola contemporânea. *Cadernos Cedes*, v. 30, p. 233-249, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

GADOTTI, Moacir. *MOVA, por um Brasil Alfabetizado*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustaquio. Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. 2003.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian.; PFAFF, Nicolle. (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOMES, Andressa Cardoso. Os significados que os alunos da EJA têm em relação à instituição escolar. *Interagir: pensando a extensão*, n. 20, p. 1-21, 2015.

HADDAD, Sérgio. *Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998)*. Mec, 2002.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M.C. Escolarização de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, p. 108-130, maio/ago. 2000

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32636>. Acesso em 11/11/2016.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos meios populares: As razões do improvável*. São Paulo: Ática. 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. Cortez Editora, 2017.

LOPES, Bernarda Elane Madureira. *Evasão escolar no ensino médio noturno: mediações entre as políticas educacionais contemporâneas e as dinâmicas escolares*. Tese (Tese de doutorado). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia – MG, p. 346, 2017.

MAMÉDIO, Lucas. *Analfabetismo não mudou entre pretos e indígenas em MS após 12 anos*. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/brasil/cidades/analfabetismo-nao-mudou-entre-pretos-e-indigenas-em-ms-apos-12-anos#:~:text=Do%20total%20de%202.150.221>>. Acesso em: 23 maio. 2024.

MARTINS, Nara Elisa Gonçalves et al. Representações das aulas de educação física para alunos da educação de jovens e adultos no II segmento e o trabalho docente. 2014.

MATO GROSSO DO SUL (SED). *Curso de Educação de Jovens e Adultos EJA-MS Projeto experimental*. Deliberação CEE/MS, nº 7923, 2015.

MATO GROSSO DO SUL (SED). *Projeto pedagógico do curso de Educação de Jovens e Adultos, na modalidade Educação a Distância – Acesso ao Saber*. Resolução/SED nº 4003, 2022.

MELLO, Paulo Eduardo Dias de. *Material didático para educação de jovens e adultos: história, formas e conteúdos*. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MOURA, Maria da Glória Carvalho. *Educação de Jovens e Adultos: Formação, Prática Pedagógica e Profissionalidade Docente*. Editora Appris, 2023.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973

PENA, Patrícia Carla Alves; DE ANDRADE, Cleomar Felipe Cabral Job; MALTA, Arlene Andrade. *Por que formar professores/as especialistas em EJA?: desafios e possibilidades da formação do/a educador/a popular*. Editora Appris, 2022.

REIBNITZ, Cecília de Sousa; MELO, Ana Carolina Staub de. Pesquisa como princípio educativo: uma metodologia de trabalho para a Educação de Jovens e Adultos. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 29, p. 484-502, 2021.

ROSSETTO, Elisabeth. *Sujeitos com deficiência no ensino superior: vozes e significados*.

- Tese. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 238, 2009.
- SANTIAGO, Rosemary Aparecida. *A gestão da educação de jovens e adultos no Brasil*. Tese. (Tese de doutorado). Unicamp. Campinas, p. 263, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista brasileira de educação*, v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Autêntica Editora, 2020.
- SOARES, Magda. Não existe currículo no Brasil: entrevista concedida a Sara Mourão Monteiro e Maria Zélia Versiani Machado. *Revista Presença Pedagógica*, v. 18, n. 107, set./out. 2012.
- SOUSA, Viviane Macário; SILVEIRA, Camila Nunes Duarte. As campanhas de alfabetização para a educação de jovens e adultos no Brasil: uma revisão histórica. *Revista Latino-Americana de Estudos Científicos*, p. 100-123, 2021.
- SCHWARTZMAN, Simon; CASTRO, Claudio de Moura. Ensino, formação profissional e a questão da mão de obra. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, v. 21, p. 563-623, 2013.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VENTURA, Jaqueline P. Escolas sindicais: concepções e práticas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.
- ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: Reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In Nadir. Zago; Marília. Pinto. de Carvalho & Rita Amélia Teixeira Vilela (Orgs.), *Itinerários de pesquisas: perspectivas qualitativas em sociologia da educação* (pp. 287-309). Rio de Janeiro: DP&, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A - CARTA CONVITE PARA A PESQUISA

Prezado(a),

Meu nome é Fabricia Cristina Fernandes, atuo como docente na rede municipal e estadual de Chapadão do Sul/MS e sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (http://www.uems.br/pos_graduacao/detalhes/educacao-paranaiba-mestrado-academico).

Gostaria de convidá-lo(a) para contribuir com o meu projeto de pesquisa, orientado pela professora Dra. Milka Helena Carrilho Slavez, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e conduzido por mim.

A pesquisa tem como foco alunos egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que ingressaram na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, situada em Paranaíba - MS. Buscamos compreender as oportunidades proporcionadas pela EJA aos estudantes que adentraram os cursos de Ciências Sociais, Direito e Pedagogia. A partir dos relatos desses alunos, que vivenciaram essa modalidade educacional, pretendemos entender como essa proposta contribuiu para a concretização da escolarização e influenciou suas trajetórias de vida. A pesquisa busca aprofundar a compreensão das oportunidades oferecidas pela EJA aos estudantes que concluíram seus estudos por meio dela. Pretendemos analisar suas experiências, histórias de vida, situações cotidianas e percurso escolar para entender como essas vivências influenciaram mudanças em suas trajetórias acadêmicas.

Obtivemos seu contato por meio da lista dos participantes da turma da EJA, disponibilizada pela secretaria da universidade. Para participar, é necessário que tenha concluído seus estudos na EJA.

Sua participação é fundamental, e os resultados contribuirão para uma compreensão mais ampla das experiências educacionais de alunos da EJA e seu impacto no sucesso escolar. Suas respostas serão confidenciais, sua identidade será preservada, e a coleta de dados será realizada em local público e de fácil acesso, em horários convenientes que serão agendados conforme sua disponibilidade.

A participação envolve uma entrevista com duração mínima de 1 (uma) hora, focada em sua trajetória estudantil. Não há previsão de desconforto ou prejuízo, e você tem o direito de

recusar-se a participar ou interromper sua participação sem prejuízos pessoais.

Os dados coletados integrarão um relatório geral de pesquisa científica, sem fins administrativos ou comerciais. Sua identidade permanecerá anônima, e suas respostas serão confidenciais.

Em caso de dúvidas, estou à disposição para esclarecimentos sobre a pesquisa:

fabriacristinaf@hotmail.com / fabbycf2018@gmail.com.

Agradeço sinceramente por sua colaboração.

Chapadão do Sul – MS, ____ de _____ de _____

Fabricia Cristina Fernandes

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de Identificação:

Título do Projeto: "Desigualdade social e sucesso escolar: trajetórias e perspectivas de egressos de EJA que ingressam no ensino superior"

Pesquisador Responsável: Fabricia Cristina Fernandes, sob a orientação da Prof. Dr^a. Milka Helena Carrilho Slavez.

Instituição do Pesquisador Responsável: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Participante:

Nome: _____ RG: _____ Órgão

Expedidor: _____

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa "Desigualdade social e sucesso escolar: trajetórias e perspectivas de egressos de EJA que ingressam no ensino superior" na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (MS), sob responsabilidade da pesquisadora Fabricia Cristina Fernandes e sua orientadora Prof. Dr^a. Milka Helena Carrilho Slavez. Este projeto tem como objetivo analisar as condições sócio-históricas e as disposições culturais herdadas e incorporadas que favoreceram ou dificultaram a trajetória escolar dos sujeitos egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, nos cursos de Direito, Pedagogia e Ciências Sociais.

Você tem total liberdade para recusar a participação ou interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Caso deseje, poderá solicitar mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador responsável.

Nenhum dos procedimentos ou instrumentos utilizados para a pesquisa, incluindo a gravação das entrevistas, viola o Código de Ética da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e sua privacidade.

Sua participação não acarretará complicações legais, e nenhum dos procedimentos utilizados representará riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas serão estritamente confidenciais, conhecidas apenas pelo pesquisador e orientador.

Ao participar, não haverá benefícios diretos, mas esperamos que o estudo forneça informações valiosas sobre o tema. O pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos. Suas informações serão usadas exclusivamente para fins de pesquisa e outros trabalhos acadêmicos, mantendo seu anonimato.

Não haverá despesas para sua participação, e nenhum pagamento será feito por seu envolvimento.

Eu, _____, declaro ter sido informado(a) e concordo em participar voluntariamente do projeto de pesquisa acima descrito.

Chapadão do Sul, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Fabricia Cristina Fernandes

APÊNDICE C - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Desigualdade social e sucesso escolar: trajetórias e perspectivas de egressos de EJA que ingressam no ensino superior

Pesquisador: FABRICIA CRISTINA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 64657222.2.0000.8030

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.921.112

Apresentação do Projeto:

Projeto intitulado: Desigualdade social e sucesso escolar: trajetórias e perspectivas de egressos de EJA que ingressam no ensino superior, da pesquisadora FABRICIA CRISTINA FERNANDES, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, da UEMS de Paranaíba-MS está em sua 3 versão no CESH.

A pesquisa será realizada com alunos egressos da EJA Educação de Jovens e Adultos que ingressaram na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, localizada no município de Paranaíba -MS e busca compreender as oportunidades que a Educação de Jovens e Adultos proporcionou aos alunos egressos da EJA que ingressaram na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. A partir dos relatos desses estudantes, que vivenciaram a formação educacional nessa modalidade de ensino, espera-se alcançar uma compreensão da forma como essa proposta educacional contribuiu para a efetivação da escolarização e influenciou suas trajetórias de vida.

O projeto de pesquisa apresenta a proposta de análise de fatores da desigualdade social presentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como a exclusão, as desigualdades sociais,

a falta de oportunidades, o desrespeito àqueles que não puderam continuar os estudos

regulares na idade apropriada por diversos motivos tais como ingresso no mercado de trabalho, gravidez, violências das mais variadas, entre outros, e como esses fatores se configuram na trajetória de escolarização desses sujeitos. Enquanto fatores de desigualdade pode-se elencar problemáticas relacionadas à estrutura socioeconômica dos discentes, como privação do estudo em virtude de atividades laborais, baixa ou nenhuma escolarização, renda financeira insuficiente e heterogeneidade etária.

Nesse sentido, busca-se verificar, as condições que propiciaram o ingresso no ensino superior de egressos deEJA, bem como o (in)sucesso escolar nesta etapa de ensino. A pesquisadora se apoia nas contribuições de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron que constituem o ponto de partida para problematizar a maneira como a desigualdade social e cultural repercute no meio educacional brasileiro, discutindo as reflexões dos autores sobre a reprodução das estruturas sociais e culturais na escola e se baseando no trabalho de Bernard Lahire, que possibilita a análise do sucesso escolar. A partir dos dados, mediante entrevista proposta aos alunos previamente localizados, propõe-se analisar as trajetórias que levaram até o ensino superior. Tendo em vista a relação a ser constituída entre a literatura elencada e os dados obtidos, tem-se como resultado esperado a contribuição aos debates que contemplam a Educação de Jovens e Adultos.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar fatores da desigualdade social presentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA), como esses fatores se configuram na trajetória de escolarização desses sujeitos e como conseguiram permanecer neste curso e chegar ao ensino superior. Tendo em vista os objetivos específicos, acredita-se ser plausível a obtenção dos objetivos, uma vez que se intui realizar o mapeamento da configuração da EJA para o aluno, a partir de suas próprias perspectivas, que serão ressaltadas e exploradas por meio do instrumento questionário/entrevista.

Objetivo Secundário:

- Conhecer como a trajetória do indivíduo alvo da pesquisa refletiu em sua escolarização;
- Compreender o que levou esses sujeitos a cursarem EJA e os possíveis desafios que essa modalidade de ensino trouxe para eles em suas trajetórias escolares;
- Verificar como conseguiram permanecer na EJA e ingressar no Ensino Superior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora atentou para as recomendações das versões anteriores descrevendo os riscos e benefícios da pesquisa: "Não é previsto nenhum desconforto ou prejuízo na participação na pesquisa, e você também tem o direito de recusar-se a participar da pesquisa ou interromper sua participação sem prejuízos pessoais. No entanto, faz-se relevante dispor que os riscos desta pesquisa podem envolver cansaço do participante ao responder o questionário. No entanto, ressaltamos que será respeitado o ritmo de participação de cada sujeito da pesquisa. Pode haver ainda desconforto ao responder alguma questão sendo que será reservado ao participante o direito de não responder a quaisquer perguntas, sendo respeitadas suas opiniões e particularidades no que se refere ao seu processo cultural, político, social, psicológico e religioso."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é relevante e propõe Analisar fatores da desigualdade social presentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA), como esses fatores se configuram na trajetória de escolarização desses sujeitos e como conseguiram permanecer neste curso e chegar ao ensino superior.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto ainda se apresenta com falta de formatação
Nas Informações Básicas do Projeto foram descritos melhor os riscos e benefícios da pesquisa, conforme solicitado em versões anteriores
Na carta Convite também foram revistos os riscos e benefícios;
No TCLE foram inseridos os riscos e benefícios

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

NÃO SE APLICA

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CESH/UEMS, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO em virtude do (a) pesquisador(a) ter atendido as recomendações do parecer anterior. Conforme orientações das resoluções vigentes que regem a ética em pesquisa com seres humanos:

Continuação do Parecer: 5.921.112

* O pesquisador deve comunicar qualquer evento adverso ou alteração feita na pesquisa, imediatamente ao Sistema CEP/CONEP;

** O pesquisador deve apresentar relatório final ao Sistema CEP/CONEP, via notificação na Plata-forma Brasil.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1917513.pdf	09/02/2023 17:08:21		Aceito
Outros	CONVITE_FABRICIA_23_01_2023.docx	23/01/2023 16:47:35	FABRICIA CRISTINA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_fabriaciastinafernandes23_01_23.pdf	23/01/2023 16:47:11	FABRICIA CRISTINA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_fabricia.docx	28/10/2022 20:01:06	FABRICIA CRISTINA	Aceito
Outros	ENTREVISTA.docx	28/10/2022 19:58:40	FABRICIA CRISTINA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO_FABRICIA.pdf	28/10/2022 19:50:13	FABRICIA CRISTINA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DOURADOS, 02 de Março de 2023

Assinado por:

alessandra aparecida vieira machado(Coordenador(a))

APÊNDICE D - ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM EGRESSOS DE EJA QUE INGRESSARAM NO ENSINO SUPERIOR

Prezado(a) participante,

Agradeço sua participação nesta entrevista, que faz parte da pesquisa de mestrado "*Desigualdade social e sucesso escolar: trajetórias e perspectivas de egressos de EJA que ingressam no ensino superior*". O objetivo é compreender os fatores que contribuem para a desigualdade social no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), aprofundando-se na análise de como esses elementos influenciam a trajetória educacional dos egressos.

Desde já, asseguro total responsabilidade pelo anonimato das respostas. Suas experiências e perspectivas são fundamentais para o avanço do conhecimento nesta área, e agradeço por autorizarem o uso de seus nomes nas entrevistas. Vamos começar a entrevista.

Data: 26/10/2023 Local: Google MEET

Horário de início: 18:59 Brasília

Horário de término: 20:21 Brasília

1º BLOCO – Dados Pessoais

P. Nome.

D. Darcy Rodrigues de Oliveira de Paula

P. Gênero

D. Feminino

P. Idade

D. 55 anos

P. Onde nasceu?

D. Belenzinho/SP

P. Em quais lugares você já morou?

D. Aparecida do Taboado/MS

P. Quantos irmãos? Eles estudaram? Até que série? Quais as profissões deles?

D. 05 irmãos, 03 já falecidos. Não estudaram, minha irmã é empregada doméstica e o outro irmão não tenho nenhuma informação, porque nos perdemos de vista muito cedo.

P. Qual a profissão e escolaridade dos seus pais?

D. Minha mãe chegou a ser policial, mas eu já não vivia com ela mais, porque meus pais se separaram eu era muito criança. O meu pai só tinha o fundamental, era peão, já chegou a ser vigilante.

P. Da sua família quantas pessoas já conseguiram chegar à universidade?

D. Só eu.

P. É casada ou vive com um companheiro?

D. Sou casada.

P. Qual a profissão e escolaridade dele (a)

D. Meu esposo é mestre em Geografia aposentado.

P. Tem filhos? Quantos? De que idade? Estudam?

D. Tenho 01 filho de 29 anos. Estudou sim, com a mãe pegando no pé dele, (risos).

P. Trabalho atual: Profissão e local de trabalho.

D. Ele é chefe em um restaurante em Atlanta nos Estados Unidos, no The Ritz-Carlton Hotel.

2º BLOCO – Percurso Educacional

P. Como foram os estudos antes da Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Conte um pouco sobre sua trajetória.

P. Por que você decidiu ingressar na EJA?

D. Como eu já tinha falado, porque eu não tive oportunidade de estudar.

P. Quais foram os principais desafios enfrentados durante a EJA?

D. Primeiro como eu já tinha falado pra você eu trabalhava em roça, aí eu chegava muito cansada e só queria dormir, mas eu ainda tinha muita vontade de estudar e eu ia assim mesmo, mesmo morrendo de cansaço. Nessa época eu comecei namorar uma pessoa e a gente acabou se separando, ele foi embora para outra cidade para tentar a vida e não voltou mais e a gente acabou se separando. Então eu passei por tudo isso trabalhando estudando e não tendo a oportunidade de cuidar do meu filho direito, trabalhava o dia todo, tomava um banho e ainda ia pra escola. Praticamente não vi meu filho crescer. Meus colegas também não ajudavam muito por que os adultos que estudam na EJA realmente querem estudar mas, os jovens na grande maioria não, só querem fazer bagunça, eles vão lá na EJA por que os pais obrigam, não porque querem estudar. Aí eles acabam atrapalhando quem quer estudar. Tem a tal da professora jovem também que quer se enturmar com a turma e não explica direito a matéria e nem repreende os alunos bagunceiros.

P. Como foi o apoio recebido durante esse período? (Familiar, professores, colegas)

D. Só recebi de uma professora. Ela me incentivava a continuar estudando.

P. Você recebeu algum tipo de suporte ou assistência durante seu período de estudos após a EJA?

D. Não recebi nenhum tipo de assistência.

P. Como mulher, quais desafios específicos você enfrentou ao estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

D. Como mulher, enfrentei diversos desafios ao estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Estava abalada emocionalmente por causa de um relacionamento falido, o que já dificultava minha concentração e motivação para os estudos. Além disso, tive que lidar com piadinhas e comentários inapropriados de alguns professores, o que tornava o ambiente escolar desconfortável. Ser mãe também acrescentou uma camada extra de dificuldade, pois precisei equilibrar as responsabilidades domésticas e o cuidado com meus filhos com as demandas acadêmicas. Tudo isso fez com que o caminho fosse ainda mais árduo, mas também fortaleceu minha determinação de continuar e concluir meus estudos.

P. Houve alguma expectativa específica ao iniciar na EJA? Como ela se comparou com a realidade vivenciada?

D. A minha expectativa era somente terminar o ensino fundamental, o que me serviu de

impulsão foi o meu pai falar que eu não ia servir pra nada a não ser esquentar a barriga no fogão. Eu levei isso pra vida e falei eu vou mostrar que eu sirvo pra estudar.

P. Quais foram os momentos mais significativos ou marcantes durante sua trajetória na EJA? Pode compartilhar uma experiência que tenha sido particularmente relevante?

D. Para mim foi quando muitos dos meus colegas não sabiam a matéria e meus professores os mandavam perguntar pra mim porque eu sabia de tudo, porque eu prestava atenção ele explicava a matéria e eu entendia.

P. Alguma circunstância específica a levou a optar pela EJA em vez de outras modalidades educacionais?

D. O pouco tempo para terminar já que eu havia perdido mais de 20 anos sem poder estudar. Queria recuperar o tempo perdido.

P. A EJA atendeu ou não às suas expectativas iniciais?

D. Sim, atendeu.

3º BLOCO – Ingresso no Ensino Superior

P. Qual foi o processo de decisão ao optar por ingressar no Ensino Superior após concluir a EJA? Houve influências específicas nessa escolha?

D. Estava na igreja e uma irmã sentou no banco da frente eu nem a conhecia ela falou lá na escola Georgina está tendo cursinho pré vestibular vai lá. Eu nem sabia o que era cursinho mas eu fui lá e fiz minha inscrição, então lá eu conheci o pessoal da UFMS e fui sendo levada, uma coisa levou a outra.

P. Descreva o curso ou área de estudo que escolheu. Quais foram as suas motivações para essa escolha?

D. Acabei ficando um semestre na UFMS no curso de Letras, e depois quando apareceu o pessoal da UEMS de Paranaíba eu acabei indo pra lá fazer Pedagogia. Me matriculei por último no curso de Pedagogia e acabei ficando e concluindo.

P. Durante a transição da EJA para o Ensino Superior, que tipo de desafio enfrentou?

D. Todos os professores da UEMS são ótimos a maioria deles me ajudavam bastante porém

tinha uma professora que não fazia isso, ela tentou puxar meu tapete, nunca fiquei sem nota de nenhum professor, com todos eu conseguia fechar, mas com essa professora não, eu percebia que era implicância dela comigo, tanto é que quando terminou o ano todos os alunos tinham notas lançadas menos eu, recorri ao pessoal da UEMS atrás da nota e consegui, todos viram que era implicância dela comigo.

P. Como avalia o suporte e a orientação recebidos durante o período de ingresso no Ensino Superior?

D. Não recebi nenhum suporte.

P. Você participou de programas de bolsas de estudo, orientação acadêmica, ou teve apoio de professores e colegas durante o Ensino Superior? Quais desses elementos contribuíram para sua adaptação e desempenho acadêmico?

D. Não tive nenhum apoio na faculdade, tive que suar muito. Não tive bolsas de pesquisas porque não podia prestar nenhum tipo de serviço na faculdade, nem tutoria nem nada, porque eu precisava trabalhar o dia todo.

P. Se não participou de tais programas, como você lidou com os desafios acadêmicos e as demandas do Ensino Superior de forma geral?

D. Tive que suar muito. Me sentia desafiada, mas a cada desafio eu conseguia responder à altura.

P. Se teve apoio de professores e colegas, como isso influenciou sua experiência acadêmica e social no Ensino Superior?

D. Não tive nenhum apoio na faculdade, tive que suar muito, eu e Deus.

P. Que tipo de serviços de suporte individualizado para estudantes que enfrentaram desafios específicos, como os egressos da EJA você considera importante para ser implantado no Ensino Superior?

D. Apoio aos estudantes, para não desistirem dos estudos.

4º BLOCO – Desigualdade Social e Sucesso Escolar

P. Na sua perspectiva, quais são os principais fatores que contribuem para você ter

realizado seus estudos na EJA?

D. O incentivo da professora que nunca me deixou desistir, o fato de eu ter ficado muito tempo sem estudar, quis recuperar o tempo perdido

P. Você identifica esses fatores na sua trajetória educacional, desde a EJA até o Ensino Superior?

D. Sim

P. No Ensino Superior Você percebeu diferenças significativas no tratamento ou trajetória oportunidades entre alunos da EJA e aqueles que seguiram uma trajetória regular?

D. Na questão de aprendizado não, porque em muitos momentos eu me sentia até superior a muitos lá.

P. Você acredita que a desigualdade social impacta as escolhas por cursos e áreas de estudo no Ensino Superior?

D. Com toda a certeza, a começar por mim, eu por ser a provedora da minha casa. Muitas vezes eu não tinha dinheiro pra comprar os materiais e aí tinha que comprar as apostilas, então tinha algumas vezes que eu não conseguia, agora imagina ter que comprar um Vade-Mécum do Direito mesmo por exemplo, não é pra qualquer um.

P. Ao longo da sua jornada educacional, você identificou iniciativas ou políticas que visavam reduzir a desigualdade social no ambiente educacional?

D. Não.

P. Na sua opinião, como a sociedade pode melhorar o acesso e a qualidade da educação para grupos historicamente desfavorecidos, como os egressos da EJA?

D. Facilitando o acesso por exemplo. Eu não tinha informação nenhuma, eu fui pela minha coragem, então, facilitando o acesso para as pessoas já ajudaria muito.

P. Em sua experiência, a desigualdade social também se reflete no mercado de trabalho após a conclusão do Ensino Superior?

D. Eu acho que não, porque eu também fiz pós graduação, em uma faculdade paga, e lá você percebe que tem a elite, os grupinhos desfavorecidos, até no mercado de trabalho, tem

segregação sim.

P. Que conselhos ou sugestões você ofereceria para melhorar a equidade educacional e oportunidades para aqueles que enfrentam desafios socioeconômicos, especialmente na transição da EJA para o Ensino Superior?

D. Viabilizando melhor, é o caminho para esses alunos chegar aonde eles precisam e colocar as cotas em funcionamento, porque é muito díspar, quem veio de faculdade particular tem um grau á mais de conhecimento. Então quem veio de escola particular, porque não vai para a faculdade particular? Porque uma pessoa rica pode pagar um professor particular para seu filho e um aluno de escola pública jamais vai ter.

5º BLOCO – Perspectivas Futuras

P. Como você enxerga o impacto da sua trajetória educacional nas suas perspectivas futuras?

D. Com toda certeza, eu prestei um concurso aqui em Três Lagoas e prestei um concurso ali em Aparecida do Taboado, eu acabei passando, então quer dizer que, se eu não tivesse essa sede de estudar eu não teria passado em nenhum desses concursos, eu não estaria aqui, ou eu estaria lá na roça, ou estaria limpando o chão de alguém por aí.

P. O que mudou em sua vida ter cursado o ensino superior, em termos de emprego, salário, condições sócioeconômicas?

D. Mudou muito com toda certeza, pra melhor.

P. Considerando o contexto de desigualdade social que permeou sua trajetória educacional, o que você considera que foi determinante para você ter conseguido chegar ao ensino superior?

D. Minha determinação e minha sede em sempre aprender mais.

P. Além da educação formal, que outras medidas você acredita que podem contribuir para a promoção da igualdade de oportunidades na sociedade?

D. Políticas públicas. Eu trabalho numa assistência social, então as políticas públicas tem que ter um olhar mais voltado para as necessidades das pessoas, por que mesmo as políticas públicas tendem sempre pro lado mais forte da coisa, é o caso dos QI, por que tem muita

pessoa desempregada que passou em concurso público enquanto outros pelo fato de ter QI estão ocupando a vaga.

6º BLOCO – Considerações Finais

P. Existe algo que você considera crucial para acrescentar e que não foi abordado nas perguntas anteriores?

D. Não você perguntou tudo, abrangeu tudo, só quero acrescentar uma coisa: eu já fiz 2 pós, inclusive uma das minhas professoras da pós foi a professora Maria Sílvia, ela deu aula pra mim na Unifunec e depois eu acabei fazendo neuropsicopedagogia, como egressa de EJA e ENCCEJA. Ainda quero fazer um mestrado, não tentei, mas eu quero tentar.

P. Como avalia a importância de participar de pesquisas como essa, que abordam a realidade de egressos da EJA?

D. Eu fico muito feliz que tenha uma pessoa que está dando um olhar para a EJA, porque aqui mesmo em Três Lagoas só tem uma escola que oferece a EJA, e tem tanta gente que quer estudar mas, como um mora aqui, outra, outro mora lá, fica difícil, aí eles acabam não abrindo turma para as pessoas, por que é cansativo, são pessoas que trabalham durante o dia, o que dá muita evasão. Eu não sei se existe uma política pública, que ajude na hora aula e tragam essas pessoas para a escola. No meu local de trabalho existem muitas pessoas que sempre falam, eu quero estudar, eu quero estudar, então deveria se criar mais escolas para as pessoas, e com pesquisas como a sua, coloca a EJA em foco e não a deixa morrer, porque pelo que estou vendo logo, logo isso vai acontecer. E ainda por cima existem uns picaretas que vendem certificação sem a pessoa estudar. Eles não estão preocupados se as pessoas vão aprender, por que a gente aprende na escola, eles querem os corpos dóceis, aqueles que não têm nível cognitivo, que só seguem a multidão, encabrestados.

P. Encerro agradecendo antecipadamente pela sua valiosa contribuição para esta pesquisa. Suas respostas são fundamentais para o avanço do conhecimento na área de desigualdade social e sucesso escolar.

Horário de término: 20:21 Brasília

ENTREVISTA 2

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM EGRESSOS DE EJA QUE INGRESSARAM NO ENSINO SUPERIOR

Prezado(a) participante,

Agradeço sua participação nesta entrevista, que faz parte da pesquisa de mestrado "*Desigualdade social e sucesso escolar: trajetórias e perspectivas de egressos de EJA que ingressam no ensino superior*". O objetivo é compreender os fatores que contribuem para a desigualdade social no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), aprofundando-se na análise de como esses elementos influenciam a trajetória educacional dos egressos.

Desde já, asseguro total responsabilidade pelo anonimato das respostas. Suas experiências e perspectivas são fundamentais para o avanço do conhecimento nesta área, e agradeço por autorizarem o uso de seus nomes nas entrevistas. Vamos começar a entrevista.

Data: 21/10/2023

Local: GOOGLE MEET

Horário de início: 18:04 Brasília

Horário de término: 19:22 Brasília

1º BLOCO – Dados Pessoais

P. Nome:

G. Gláucia Felício de Souza

P. Gênero:

G. Feminino

P. Idade:

G. 47 anos

P. Onde nasceu?

G. Cravinhos/SP

P. Em quais lugares você já morou?

G. Ribeirão Preto (terra natal), Rio Preto/SP, Paranaíba/MS.

P. Quantos irmãos? Eles estudaram? Até que série? Quais as profissões deles?

G. 03 irmãs, só estudaram o básico, ninguém se formou, não chegaram a concluir ensino médio. Porque as condições de vida influenciam né? Uma é secretária e a outro tem o negócio próprio.

P. Qual a profissão e escolaridade dos seus pais?

G. Os pais não conseguiram concluir os estudos. Não estudaram e a gente foi pela cabeça deles e ninguém concluiu também. Porque é aquele negócio, estudar não é para pobre, é só para rico. Nunca tivemos essa visão de estudar.

P. Da sua família quantas pessoas já conseguiram chegar à universidade?

G. Somente eu.

P. É casada ou vive com um companheiro?

G. Sou separada.

P. Qual a profissão e escolaridade dele (a)?

G. Não sei a profissão, ele está terminando a faculdade de Direito.

P. Tem filhos? Quantos? De que idade? Estudam?

G. Uma filha, não estuda, terminou o ensino médio, mas, não quer fazer faculdade.

P. Trabalho atual: Profissão e local de trabalho.

G. Estou ajudando minha irmã no mercado dela, e estou fazendo estágio na creche.

2º BLOCO – Percurso Educacional

P. Como foram os estudos antes da Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Conte um pouco sobre sua trajetória.

G. Como eu era de família muito pobre, não tínhamos recursos, incentivos dos pais muito menos, eu consegui fazer o ensino fundamental, mas não cheguei a entrar no ensino médio na época, porque eu fui ser doméstica muito cedo para ajudar a família, então a prioridade era o trabalho e não os estudos. Então eu larguei os estudos para seguir trabalhando e foram anos

assim. Sempre gostei de estudar, no meu tempo de estudos eu tirava boas notas. Mas aí, o trajeto ali que não permitiu isso. Eu fiz só o ensino fundamental e não totalmente também. Nesse meio tempo eu me casei e vim embora pra Rio Preto, mas aí eu tinha vontade de concluir o ensino fundamental e o ensino médio também. E lá em Rio Preto tinha o ensino através de módulos, e lá eu consegui concluir o ensino fundamental através desses módulos. Mais ou menos igual a EJA, mas, pro ensino fundamental.

Eu ainda queria terminar o ensino médio, mas, nesse período eu me mudei para Paranaíba, só que eu sai de Rio Preto e fui direto pra fazenda, não fui pra cidade. Eu fiquei 12 anos na fazenda, eu nem pensava em estudar, porque você sabe como é fazenda aqui nessa região né? Minha filha estudou no meio rural. Aí, um daqueles anos eu vim pra cidade e falei: vou voltar a estudar! Aí eu conheci o EJA. Eu falava, vou terminar só por desengano de consciência mesmo, pelo menos isso. Aí em vim pra cidade, fiz a matrícula e fiz o 1º ano, daí nesse 1º ano que eu estava concluindo, apareceu a oportunidade do ENCCEJA. Então, eu sempre tive a curiosidade de conhecer o ENEM, via aquele tumulto, os estudantes, e ficava pra que tudo isso? Então eu fui fazer a minha inscrição no ENCCEJA, pra ver se eu conseguia pelo menos eliminar alguma coisa já que eu queria voltar pra fazenda. Daí eu aproveitei eu fiz a inscrição do Enem também pra ver como era aquilo, pra ver o que tinha de tão diferente naquilo. Aí então eu fiz as 2 inscrições do Enem e do ENCCEJA, e para minha surpresa eu tive uma boa nota no Enem mas, nem passava na minha cabeça que eu conseguiria. Porque apesar de eu não ter tido uma preparação para a prova eu não achei difícil. Na época, eu já estava com 41 anos, mas aí como eu tinha conseguido uma boa nota no Enem minha filha pegou no meu pé para fazer a minha inscrição na faculdade, a senhora tem que fazer a inscrição no Sisu, daí eu falei como assim imagina fazer o que na faculdade? Aí eu falei faz mas, eu sei que eu não vou conseguir nada com isso não, daí eu fiz e passei. Daí aquele frio na barriga, aquele medo porque eu nunca tinha entrado em uma faculdade, ainda mais uma faculdade estadual, eu gostava da faculdade de humanas, mas como eu não conhecia, eu não sabia como funcionava. Eu não sabia que eu tinha gosto para as humanas, por que a gente só sabe que gosta com a vivência da gente. Então eu tinha mais um problema por que até então o resultado do ensino médio do ENCCEJA não tinha saído e como eu ia fazer uma faculdade sem o resultado da prova? aí eu tive este problema, tive que esperar quase um mês para este resultado da prova sair, porque eu não sabia se tinha passado no ENCCEJA, mas daí saiu, deu certo, passei, e me matriculei. E o 1º dia que eu entrei na faculdade, eu fiquei até emocionada, porque eu era uma peoa, não tinha perspectiva nenhuma, meu destino era ficar na fazenda, cheguei na escadaria da UEMS, e me lembrei de ter visto na televisão, como que era o dia que eles entravam na

faculdade, parecia que não era eu, foi muito emocionante. Era um mundo que não era meu mundo.

P. Por que você decidiu ingressar na EJA?

G. Como eu era de família muito pobre, não tínhamos recursos, incentivos dos pais muito menos, eu consegui fazer o ensino fundamental, mas não cheguei a entrar no ensino médio na época, porque eu fui ser doméstica muito cedo para ajudar a família, então a prioridade era o trabalho e não os estudos. Então eu larguei os estudos para seguir trabalhando e foram anos assim. Sempre gostei de estudar, no meu tempo de estudos eu tirava boas notas. Mas aí, o trajeto ali que não permitiu isso.

P. Quais foram os principais desafios enfrentados durante a EJA?

G. O desafio foi tentar recuperar aquele tempo perdido, foram muitos anos longe da escola, então eu me sentia muito perdida. Eu tive que sair daquele mundinho meu e passar a pensar e agir como uma aluna.

P. Como foi o apoio recebido durante esse período? (Familiar, professores, colegas)

G. Da família tive apoio da minha filha, dos professores, que sempre me apoiava.

P. Você recebeu algum tipo de suporte ou assistência durante seu período de estudos após a EJA?

G. Não recebi, foi com recurso próprio.

P. Como mulher, quais desafios específicos você enfrentou ao estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

G. Como mulher, enfrentei muitos desafios ao estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Eu trabalhava na fazenda, o que já demandava muito do meu tempo e energia física. Além disso, era mãe, o que significava ter responsabilidades adicionais em casa, cuidando da filha e gerenciando as tarefas domésticas. Vinha de segunda a sexta para estudar e, depois das aulas, retornava à fazenda. Esse ritmo era exaustivo e muitas vezes me deixava sem tempo para descansar ou dedicar-me plenamente aos estudos. Equilibrar o trabalho na fazenda, as responsabilidades maternas e o compromisso com a educação era um grande desafio, mas também uma prova da minha determinação em buscar um futuro melhor.

P. Houve alguma expectativa específica ao iniciar na EJA? Como ela se comparou com a realidade vivenciada?

G. Não me decepcionei não, eu fui com a intenção de aprender, já que eu estava fora daquele ritmo e aprendi.

P. Quais foram os momentos mais significativos ou marcantes durante sua trajetória na EJA? Pode compartilhar uma experiência que tenha sido particularmente relevante?

G. Não, eu me considerava uma estudante igual a todos.

P. Alguma circunstância específica o levou a optar pela EJA em vez de outras modalidades educacionais?

G. Recuperar o tempo perdido, por ser mais curto.

P. A EJA atendeu ou não às suas expectativas iniciais?

G. Sim.

3º BLOCO – Ingresso no Ensino Superior

P. Qual foi o processo de decisão ao optar por ingressar no Ensino Superior após concluir a EJA? Houve influências específicas nessa escolha?

G. Minha filha fez a inscrição para mim.

P. Descreva o curso ou área de estudo que escolheu. Quais foram as suas motivações para essa escolha?

G. Queria pedagogia mas a nota não foi suficiente e acabei ficando com Ciências Sociais.

P. Durante a transição da EJA para o Ensino Superior, que tipo de desafio enfrentou?

G. O meu maior desafio foi no primeiro ano da faculdade, por que foi como eu falei, a minha ficha não tinha caído ainda, foi tudo muito rápido, nos primeiros três meses de curso eu olhava para os professores e pensava o que eu tô fazendo aqui? Porque eu ainda tinha aquela mente de fazenda, por que era outro mundo, outra linguagem, eu pensava gente o que que eu tô fazendo aqui? Cada professor que entrava na sala eu ficava pensando “o que que esse professor tá falando? Esse aqui não é meu mundo”. Então eu desisti e voltei pra fazenda.

P. Como avalia o suporte e a orientação recebidos durante o período de ingresso no Ensino Superior?

G. Foram importantes para eu retornar aos estudos depois da desistência.

P. Você participou de programas de bolsas de estudo, orientação acadêmica, ou teve apoio de professores e colegas durante o Ensino Superior? Quais desses elementos contribuíram para sua adaptação e desempenho acadêmico?

G. Sim, tive bolsa de estágio. Foi muito importante porque eu me sentia mais parte da faculdade.

P. Se não participou de tais programas, como você lidou com os desafios acadêmicos e as demandas do Ensino Superior de forma geral?

G. Eu participei.

P. Se teve apoio de professores e colegas, como isso influenciou sua experiência acadêmica e social no Ensino Superior?

G. Acho que o professor tem que estar sempre incentivando por que as pessoas querem desistir e o apoio dos professores é fundamental.

P. Que tipo de serviços de suporte individualizado para estudantes que enfrentaram desafios específicos, como os egressos da EJA você considera importante para ser implantado no Ensino Superior?

G. O professor tem que ter um olhar mais voltado pra EJA porque se não tiver um incentivo o aluno acaba desistindo.

4º BLOCO – Desigualdade Social e Sucesso Escolar

P. Na sua perspectiva, quais são os principais fatores que contribuem para você ter realizado seus estudos na EJA?

G. Recuperar o tempo perdido, já que eu fiquei mais de 12 anos sem estudar porque eu morava na fazenda.

P. Você identifica esses fatores na sua trajetória educacional, desde a EJA até o Ensino Superior?

G. Sim o apoio dos professores é importante para o aluno não desistir.

P. No Ensino Superior você percebeu diferenças significativas no tratamento ou trajetória oportunidades entre alunos da EJA e aqueles que seguiram uma trajetória regular?

G. No meu caso não. Era tratada como igual, porque quando eu decidi voltar, eu me senti muito bem, porque eu fui muito bem acolhida por todos. Os professores e os alunos sempre foram amigos e receptivos.

P. Você acredita que a desigualdade social impacta as escolhas por cursos e áreas de estudo no Ensino Superior?

G. Sim, eu penso também que não só as desigualdades sociais, mas também o lugar onde essa pessoa cresceu influencia o meio, o círculo familiar influencia. Por que tem casos em que a pessoa luta e consegue mas, se você for ver, a família está por trás influenciando. Meu pai sempre falava pra que faculdade? Mas, quando eu consegui, ele se sentiu orgulhoso, por que justamente a filha mais velha, aquela que mais trabalhou, conseguiu conquistar o impossível.

P. Ao longo da sua jornada educacional, você identificou iniciativas ou políticas que visavam reduzir a desigualdade social no ambiente educacional?

G. Eu acho que sim. Eu tiro por mim, comecei a trabalhar de doméstica muito cedo, é um serviço decente é, mas não é aquilo que a gente quer. Eu lá na fazenda eu tinha um pensamento, eu vou morrer trabalhando nessa fazenda. E depois que eu conclui os estudos, apareceu a oportunidade dos estágios e as bolsas que eu ganhava, então abracei oportunidade, eu nunca trabalhei numa creche, mas eu vou fazer, porque eu preciso dessa experiência. Eu tenho que saber do que eu sou capaz, do que eu gosto. E com a faculdade eu vou ter uma perspectiva de um futuro melhor.

P. Na sua opinião, como a sociedade pode melhorar o acesso e a qualidade da educação para grupos historicamente desfavorecidos, como os egressos da EJA?

G. Oferecendo apoio aos estudantes, para que se sintam capazes de concluir seus estudos.

P. Em sua experiência, a desigualdade social também se reflete no mercado de trabalho após a conclusão do Ensino Superior?

G. Sim, porque quando eu tive oportunidade de fazer o estágio eu não pensei duas vezes. Daí

temos a chance ganhar mais e fazer o que gostamos.

P. Que conselhos ou sugestões você ofereceria para melhorar a equidade educacional e oportunidades para aqueles que enfrentam desafios socioeconômicos, especialmente na transição da EJA para o Ensino Superior?

G. Não desistir por que é muito difícil, procurar os professores, buscar incentivos para não desanimar, pedir ajuda quando necessário, porque mesmo que seja besteira, eu preciso perguntar.

5º BLOCO – Perspectivas Futuras

P. Como você enxerga o impacto da sua trajetória educacional nas suas perspectivas futuras?

G. De agora em diante como eu fui pra creche, eu percebi que eu tenho um dom e gosto, pra isso eu quero aprimorar meus estudos para trabalhar com educação infantil e virar professora.

P. O que mudou em sua vida ter cursado o ensino superior, em termos de emprego, salário, condições sócio econômicas

G. Minha mente, minha vontade de evoluir, de querer ganhar mais, estudar mais e me qualificar.

P. Considerando o contexto de desigualdade social que permeou sua trajetória educacional, o que você considera que foi determinante para você ter conseguido chegar ao ensino superior?

G. Que eu sou capaz, que aquela vida que eu tinha já não me serve mais, que eu posso conquistar muitas coisas mais, que eu não quero mais aquela vida pra mim.

P. Além da educação formal, que outras medidas você acredita que podem contribuir para a promoção da igualdade de oportunidades na sociedade?

G. Nem todas as escolas têm hoje, poderiam existir políticas públicas para fazer mais escolas, facilitando o acesso para outros alunos.

6º BLOCO – Considerações Finais

P. Existe algo que você considera crucial para acrescentar e que não foi abordado nas perguntas anteriores?

G. Não, tudo foi bem abordado.

P. Como avalia a importância de participar de pesquisas como essa, que abordam a realidade de egressos da EJA?

G. Eu gostei muito, por que esse tema, são poucas as pessoas que têm olhar pra ele, você vê vários projetos, mas com esse tema eu nunca tinha visto. Eu estou achando muito importante, tanto é que quando colocaram a mensagem no grupo de quem era aluno de EJA na hora eu topei, falei, eu vou ajudar. Eu achei muito interessante porque eu mesmo não vi nada nesse sentido, eu gostei muito de participar.

Encerro agradecendo antecipadamente pela sua valiosa contribuição para esta pesquisa. Suas respostas são fundamentais para o avanço do conhecimento na área de desigualdade social e sucesso escolar.

Horário de término: 19:22h (BR)

ENTREVISTA 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM EGRESSOS DE EJA QUE INGRESSARAM NO ENSINO SUPERIOR

Prezado(a) participante,

Agradeço sua participação nesta entrevista, que faz parte da pesquisa de mestrado "*Desigualdade social e sucesso escolar: trajetórias e perspectivas de egressos de EJA que ingressam no ensino superior*". O objetivo é compreender os fatores que contribuem para a desigualdade social no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), aprofundando-se na análise de como esses elementos influenciam a trajetória educacional dos egressos.

Desde já, asseguro total responsabilidade pelo anonimato das respostas. Suas experiências e perspectivas são fundamentais para o avanço do conhecimento nesta área, e agradeço por autorizarem o uso de seus nomes nas entrevistas. Vamos começar a entrevista.

Data: 20/10/2021

Local: GOOGLE MEET

Horário de início: 09:30 Brasília

Horário de término: 10:39 Brasília

1º BLOCO – Dados Pessoais

P. Nome:

M. Marlene do Prado

P. Gênero:

G. Feminino

P. Idade:

G. 47 anos

P. Onde nasceu?

M. Pontes e Lacerda/MT

P. Em quais lugares você já morou?

M. Pontes e Lacerda/MT, Paranaíba/MS.

P. Quantos irmãos? Eles estudaram? Até que série? Quais as profissões deles?

M. Duas irmãs, a gente só fez o básico na escola, não deu pra se formar, nem concluir o ensino médio, sabe? É que as coisas da vida meio que complicaram, aí não deu pra seguir estudando mais. Fica difícil assim, mas é o jeito que a vida foi levando, né?

P. Qual a profissão e escolaridade dos seus pais?

M. Os nossos pais não terminaram de estudar, e a gente acabou indo pelo mesmo caminho deles, não concluiu os estudos também. É assim, né, porque lá em casa nunca teve muito essa ideia de que estudar é coisa de gente rica. A gente sempre viu a escola como algo distante, não fazia parte da nossa realidade. A vida foi seguindo desse jeito mesmo.

P. Da sua família quantas pessoas já conseguiram chegar à universidade?

M. Somente eu.

P. É casada ou vive com um companheiro?

M. Sou casada.

P. Qual a profissão e escolaridade dele (a)?

M. Ele é mecânico.

P. Tem filhos? Quantos? De que idade? Estudam?

M. Duas filhas, 25 e 21 anos. Não estudam.

P. Trabalho atual: Profissão e local de trabalho.

M. Trabalho como manicure, e atualmente estou dando aulas em uma escola aqui de Paranaíba de sociologia.

2º BLOCO – Percorso Educacional

P. Como foram os estudos antes da Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Conte um pouco sobre sua trajetória.

M. Eu cresci em uma família muito pobre, sem muitos recursos. Mesmo tendo vontade, só consegui completar o ensino fundamental, e nem cheguei ao ensino médio naquela época. Fui trabalhar como doméstica muito cedo para ajudar a família, e naquela época, a prioridade era o trabalho, não os estudos. Então, abandonei a escola para focar no trabalho, e assim foram anos. Sempre gostei de estudar, tirava boas notas no meu tempo de estudo. Mas as circunstâncias não permitiram que eu continuasse. Fiz apenas o ensino fundamental, e nem cheguei a concluí-lo totalmente.

Nesse meio tempo, me casei e me mudei para Paranaíba. Mesmo com a vontade de concluir o ensino fundamental e médio, acabei ficando sem estudar. Depois de 20 anos sem ir á escola, decidi retomar os estudos. Foi quando conheci o EJA, uma oportunidade de concluir o ensino fundamental através de módulos, semelhante à EJA.

Eu ainda queria terminar os estudos. Anos depois, decidi que era hora de voltar a estudar. Conheci o EJA novamente. Eu pensava em terminar apenas por uma questão de consciência, pelo menos isso.

P. Por que você decidiu ingressar na EJA?

M. Eu venho de uma família bem simples, sem muito dinheiro. Meus pais não conseguiam me dar aquela ajuda nos estudos, e eu até terminei o fundamental, mas o médio não rolou na época. Aí, pra ajudar em casa, virei manicure logo cedo, sabe? A prioridade era o trabalho, não os estudos. Então, deixei a escola de lado pra ralar, e foi assim por anos.

Sempre gostei de aprender, e nos tempos de escola, mandava bem nas notas. Mas, sei lá, o destino naquela época não ajudou muito. A vida não deu mole, e eu tive que escolher outros caminhos.

P. Quais foram os principais desafios enfrentados durante a EJA?

M. A ideia foi tentar correr atrás do tempo que eu tinha perdido. Passei muitos anos longe da escola, então me sentia meio perdida. Tive que sair da minha bolha e começar a pensar e agir como uma aluna.

P. Como foi o apoio recebido durante esse período? (Familiar, professores, colegas)

M. Da família tive apoio das minhas filhas, dos professores, que sempre me apoiava.

P. Você recebeu algum tipo de suporte ou assistência durante seu período de estudos após a EJA?

M. Não recebi nenhum suporte.

P. Como mulher, quais desafios específicos você enfrentou ao estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

M. Como mulher, enfrentei muitos desafios ao estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além de ser mãe, também era dona de casa, o que significava ter responsabilidades adicionais, como cuidar dos meus filhos e gerenciar todas as tarefas domésticas. Eu também tive que lidar com o preconceito e a falta de apoio de algumas pessoas que não acreditavam na importância dos meus estudos. Felizmente, eu contava com a ajuda do meu marido, que me apoiava e ajudava nas responsabilidades domésticas, permitindo-me equilibrar melhor todas essas tarefas. O ritmo era exaustivo. Eu vinha de segunda a sexta para estudar e, depois das aulas, retornava para casa. Muitas vezes, isso me deixava sem tempo para descansar ou estudar adequadamente. Esses desafios tornaram o caminho ainda mais árduo, mas também fortaleceram minha determinação de continuar e concluir meus estudos, buscando uma vida melhor para mim e para minhas filhas.

P. Houve alguma expectativa específica ao iniciar na EJA? Como ela se comparou com a realidade vivenciada?

M. Não me decepcionei não, fui lá com a ideia de aprender, já que eu tava meio fora dessa

vida, e aprendi.

P. Quais foram os momentos mais significativos ou marcantes durante sua trajetória na EJA? Pode compartilhar uma experiência que tenha sido particularmente relevante?

M. Sim, ao iniciar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), eu tinha grandes expectativas de melhorar minha educação e, conseqüentemente, minhas oportunidades de trabalho. No entanto, a realidade se mostrou bem mais desafiadora do que eu esperava. Como mulher, tive que enfrentar o preconceito e a falta de apoio de algumas pessoas que não acreditavam na importância dos meus estudos. Felizmente, eu contava com a ajuda do meu marido, que me apoiava e ajudava nas responsabilidades domésticas e ficava com as meninas para mim, permitindo-me equilibrar melhor todas essas tarefas. Mesmo com esse apoio, o ritmo era exaustivo e muitas vezes me deixava sem tempo para descansar ou estudar adequadamente. Equilibrar todas essas responsabilidades foi um grande desafio, mas a minha determinação em buscar uma vida melhor para mim e para meus filhos me manteve motivada.

P. Alguma circunstância específica a levou a optar pela EJA em vez de outras modalidades educacionais?

M. Correr atrás do prejuízo, porque o tempo era menor para concluir.

P. A EJA atendeu ou não às suas expectativas iniciais?

M. Sim.

3º BLOCO – Ingresso no Ensino Superior

P. Qual foi o processo de decisão ao optar por ingressar no Ensino Superior após concluir a EJA? Houve influências específicas nessa escolha?

M. Uma de minhas filhas fez a inscrição para mim.

P. Descreva o curso ou área de estudo que escolheu. Quais foram as suas motivações para essa escolha?

M. Eu tentei o curso de Ciências Sociais. Foi o que eu passei de fato.

P. Durante a transição da EJA para o Ensino Superior, que tipo de desafio enfrentou?

M. O maior desafio ocorreu no início da faculdade, pois minha adaptação foi rápida demais.

Nos primeiros três meses de curso, eu observava os professores e me questionava sobre minha presença ali. Era como estar em um universo e linguagem completamente diferentes. Eu pensava: "Qual é o propósito de eu estar aqui?". Cada professor que entrava na sala me deixava com dúvidas, pensando: "O que esse professor está tentando transmitir? Isso não faz parte do meu contexto."

P. Como avalia o suporte e a orientação recebidos durante o período de ingresso no Ensino Superior?

M. Esses momentos foram cruciais para que eu decidisse voltar a estudar.

P. Você participou de programas de bolsas de estudo, orientação acadêmica, ou teve apoio de professores e colegas durante o Ensino Superior? Quais desses elementos contribuíram para sua adaptação e desempenho acadêmico?

M. Não, nunca tive.

P. Se não participou de tais programas, como você lidou com os desafios acadêmicos e as demandas do Ensino Superior de forma geral?

M. Lidei com os desafios acadêmicos e as exigências do Ensino Superior principalmente através da dedicação aos estudos, busca por apoio de colegas e professores, e disciplina pessoal.

P. Se teve apoio de professores e colegas, como isso influenciou sua experiência acadêmica e social no Ensino Superior?

M. Na minha opinião, os professores precisam estar constantemente motivando, já que muita gente pensa em largar tudo, e o suporte deles é importante.

P. Que tipo de serviços de suporte individualizado para estudantes que enfrentaram desafios específicos, como os egressos da EJA você considera importante para ser implantado no Ensino Superior?

M. É importante que o professor esteja mais atento à Educação de Jovens e Adultos (EJA), porque, sem um estímulo adequado, o aluno pode acabar desistindo.

4º BLOCO – Desigualdade Social e Sucesso Escolar

P. Na sua perspectiva, quais são os principais fatores que contribuem para você ter realizado seus estudos na EJA?

M. Recuperar o tempo perdido já que eu fiquei mais de 20 anos sem estudar.

P. Você identifica esses fatores na sua trajetória educacional, desde a EJA até o Ensino Superior?

M. Com certeza, o incentivo dos professores faz toda a diferença para que o aluno não perca o ânimo.

P. No Ensino Superior você percebeu diferenças significativas no tratamento ou trajetória oportunidades entre alunos da EJA e aqueles que seguiram uma trajetória regular?

M. No meu caso, não tive problemas. Fui tratada de forma igual, me senti muito bem porque todos me receberam de braços abertos. Tanto os professores quanto os alunos sempre foram amigáveis e acolhedores.

P. Você acredita que a desigualdade social impacta as escolhas por cursos e áreas de estudo no Ensino Superior?

M. Claro, acredito que não são só as diferenças sociais, mas também de onde a pessoa vem, a família dela, isso tudo tem impacto. Algumas pessoas superam grandes desafios e alcançam seus objetivos, muitas vezes com o suporte crucial da família. Meu pai costumava duvidar da importância da faculdade, perguntando: 'para que tudo isso?'. No entanto, quando eu consegui concluir meus estudos, ele se encheu de orgulho, especialmente porque eu era a filha mais velha e a que mais lutou para alcançar algo que parecia inatingível.

P. Ao longo da sua jornada educacional, você identificou iniciativas ou políticas que visavam reduzir a desigualdade social no ambiente educacional?

M. Penso que sim, falo por mim. Comecei como manicure muito cedo, é um trabalho digno, mas não era o que eu queria pra minha vida. Eu pensava que ia ficar trabalhando pra sempre nesta profissão. Após concluir meus estudos, surgiram oportunidades para estágios e bolsas. Aproveitei essas chances, mesmo sem experiência prévia na área. Pensei: 'Vou enfrentar esse desafio, preciso dessa vivência'. Era essencial para mim descobrir minhas capacidades e interesses, e encontrar uma faculdade que me oferecesse uma perspectiva de um futuro mais promissor.

P. Na sua opinião, como a sociedade pode melhorar o acesso e a qualidade da educação para grupos historicamente desfavorecidos, como os egressos da EJA?

M. Dando suporte aos estudantes para que se sintam confiantes em terminar os estudos.

P. Em sua experiência, a desigualdade social também se reflete no mercado de trabalho após a conclusão do Ensino Superior?

M. Com certeza, quando apareceu a chance ,de substituir uma professora não hesitei. É uma oportunidade de ganhar mais e fazer o que a gente gosta.

P. Que conselhos ou sugestões você ofereceria para melhorar a equidade educacional e oportunidades para aqueles que enfrentam desafios socioeconômicos, especialmente na transição da EJA para o Ensino Superior?

M. Persistir mesmo quando é difícil, procurar os professores, buscar motivação para não perder o ânimo, pedir ajuda quando necessário, porque, mesmo que seja algo pequeno, é importante fazer perguntas.

5º BLOCO – Perspectivas Futuras

P. Como você enxerga o impacto da sua trajetória educacional nas suas perspectivas futuras?

M. Agora, que estou na escola, percebi que tenho um talento e paixão por isso. Quero me dedicar aos meus estudos para atuar na área da educação e realizar meu sonho de ser professora.

P. O que mudou em sua vida ter cursado o ensino superior, em termos de emprego, salário, condições sócio econômicas

M. Minha determinação, meu desejo de progredir, de buscar um salário melhor, estudar mais e me aprimorar.

P. Considerando o contexto de desigualdade social que permeou sua trajetória educacional, o que você considera que foi determinante para você ter conseguido chegar ao ensino superior?

M. Eu acredito que sou capaz de mais. A vida que eu levava antes já não me satisfaz mais; estou em busca de novas conquistas e de um futuro diferente. Quero superar meu passado e alcançar novos objetivos, buscando uma vida mais alinhada com minhas aspirações e sonhos.

P. Além da educação formal, que outras medidas você acredita que podem contribuir para a promoção da igualdade de oportunidades na sociedade?

Nem todas as escolas estão disponíveis atualmente, e isso pode limitar o acesso à educação para muitos alunos. Seria importante implementar políticas públicas que incentivem a criação de novas escolas e ampliem o acesso educacional, garantindo que mais estudantes tenham a oportunidade de frequentar uma instituição de ensino e receber uma educação de qualidade.

6º BLOCO – Considerações Finais

P. Existe algo que você considera crucial para acrescentar e que não foi abordado nas perguntas anteriores?

M. Não, tudo foi explicado direitinho.

P. Como avalia a importância de participar de pesquisas como essa, que abordam a realidade de egressos da EJA?

Eu fiquei muito entusiasmada, pois este é um tema pouco explorado. Já havia participado de vários projetos, mas nenhum se comparava a esse. Assim que vi a mensagem no grupo dos alunos de EJA, aceitei imediatamente. Foi extremamente gratificante poder participar de algo tão diferente e inovador.

Encerro agradecendo antecipadamente pela sua valiosa contribuição para esta pesquisa. Suas respostas são fundamentais para o avanço do conhecimento na área de desigualdade social e sucesso escolar.

Horário de término: 10:39h (BR)